



ORGULHO E PRECONCEITO

JANE AUSTEN

TEXTO INTEGRAL




Saraiva
de BOLSO

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

1

É uma verdade universalmente conhecida que um homem solteiro, possuidor de uma boa fortuna, deve estar necessitado de esposa.

Por pouco que os sentimentos ou as opiniões de tal homem sejam conhecidos, ao se fixar numa nova localidade, essa verdade se encontra de tal modo impressa nos espíritos das famílias vizinhas, que o rapaz é desde logo considerado a propriedade legítima de uma das suas filhas.

— Caro Mr. Bennet — disse-lhe um dia a sua esposa —, já ouviu dizer que Netherfield Park foi alugado afinal?

Mr. Bennet respondeu que não sabia.

— Pois está —, assegurou ela. — Mrs. Long acabou de sair daqui e me contou tudo.

Mr. Bennet não respondeu.

— Afinal não deseja saber quem é o locatário? — gritou a mulher, impacientemente.

— Você é quem está querendo me dizer e eu não faço nenhuma objeção a isto.

Este convite foi suficiente.

— Pois, meu caro, você deve saber que Mrs. Long disse que Netherfield foi alugada por um rapaz de grande fortuna, oriundo da Inglaterra. E que além disso ele chegou segunda-feira numa elegante caleça a fim de visitar a propriedade. Ficou tão encantado que entrou imediatamente em negócio com Mr. Morris; Mrs. Long disse também que ele entrará na posse do prédio antes do dia de S. Miguel. Alguns dos seus criados devem chegar já na próxima semana.

— Como se chama ele?

— Bingley.

— É casado ou solteiro?

— Oh, solteiro, naturalmente, meu caro. Solteiro e muito rico! Quatro ou cinco mil libras por ano. Que boa coisa para as nossas meninas, hein?

— Como assim? De que modo pode isso afetá-las?

— Meu caro Mr. Bennet —, replicou a sua esposa —, como você, às vezes, é enfadonho! Deve saber que ando pensando em casar uma delas...

— Será este o projeto do homem ao se instalar aqui?

— Projeto? Tolice... Como é que você pode dizer uma coisa destas? É até muito provável que ele se apaixone por uma delas. Portanto, assim que chegue você deve ir visitá-lo.

— Não vejo motivo para isto. Você pode ir com as meninas, ou pode até mandá-las sozinhas, o que talvez ainda seja melhor, pois como você é tão bela quanto qualquer uma delas, Mr. Bingley pode preferi-la.

— Você está me lisonjeando. Decerto já tive o meu quinhão de beleza, mas não ambiciono ser nada de extraordinário agora. Quando uma mulher tem cinco filhas crescidas, deve deixar de pensar em vaidades.

— Em casos como esses, em geral, uma mulher não tem muito que pensar em beleza.

— Mas meu caro, você deve realmente ir ver Mr. Bingley, quando ele chegar.

— Não quero tomar esse compromisso.

— Mas lembre-se das suas filhas. Pense que partido seria para uma delas! Sir William e Lady Lucas estão decididos a ir. E exclusivamente por motivo idêntico, pois você sabe que em geral eles não visitam recém-chegados. Deve ir, pois a nós, mulheres, será impossível fazê-lo, se antes você não o fizer.

— Creio que isto é excesso de escrúpulos da sua parte. Tenho certeza que Mr. Bingley terá muito prazer em vê-la. Além disso eu lhe enviarei algumas linhas por seu intermédio, assegurando-lhe que darei o meu consentimento para que ele se case com qualquer das meninas que escolher, embora devesse acrescentar um elogio para a minha pequena Lizzy.

— Desejo que não faça tal coisa. Lizzy não é melhor do que as outras. Estou convencida de que não tem nem metade

da beleza de Jane. E nem sequer metade do bom humor de Lydia. Mas você não cessa de manifestar a sua preferência por ela.

— Nenhuma delas tem muito o que se lhes recomende —, respondeu Mr. Bennet —; são tolas e ignorantes como as outras moças. Mas Lizzy é realmente um pouco mais viva do que as irmãs.

— Como é que pode falar mal assim dos próprios filhos, Mr. Bennet? Você se compraz em aborrecer-me; não tem nenhuma pena dos meus pobres nervos.

— Está enganada, minha cara. Tenho muito respeito pelos seus nervos. São meus velhos amigos. Venho escutando você falar a respeito deles com grande consideração, pelo menos durante esses últimos vinte anos.

— Ah, você não sabe o que eu sofro!

— Espero que você se restabeleça e viva bastante tempo para ver muitos rapazes com quatro mil libras anuais de rendimento se instalarem na vizinhança.

— Pouco nos adiantará que venham vinte deles se você se recusar a visitá-los.

— Pode ficar certa, minha querida, de que quando chegarem os vinte eu os visitarei a todos.

Mr. Bennet era um misto tão curioso de vivacidade, humor sarcástico, reserva e capricho, que a experiência de 23 anos tinha sido insuficiente para que a sua esposa lhe conhecesse o caráter. O espírito de sua mulher era menos difícil de compreender; tratava-se de uma senhora dotada de inteligência medíocre, pouca cultura e gênio instável. Quando se aborrecia imaginava que estava nervosa. A única preocupação da sua vida era casar as filhas. Seu consolo, fazer visitas e saber novidades.

10

O dia decorreu quase exatamente como o anterior. Mrs. Hurst e Miss Bingley passaram algumas horas da manhã com a enferma, que, embora lentamente, continuava a melhorar. E à noite Elizabeth veio reunir-se ao grupo na sala de estar. Nesse dia, porém, não houve mesa de lóo. Mr. Darcy estava escrevendo, e Miss Bingley, sentada a seu lado, observava os progressos da carta que ele estava escrevendo, desviando continuamente a sua atenção, com as observações que transmitia para a sua irmã. Mr. Hurst e Mr. Bingley estavam jogando piquet, e Mrs. Hurst observava o jogo.

Elizabeth fazia um trabalho de agulha; divertia-se com o que se estava passando entre Darcy e a sua companheira. Os contínuos elogios da moça, a respeito da letra, da igualdade das linhas, ou do comprimento da carta, em contraste com a perfeita indiferença com que o outro os recebia, formavam um curioso diálogo, confirmando exatamente a opinião que Elizabeth tinha a respeito de ambos.

— Miss Darcy vai ficar encantada com a carta!

Ele não respondeu.

— Escreve muito depressa!

— Está enganada, escrevo até devagar.

— Quantas cartas o senhor não escreverá por ano! Cartas de negócios também. Penso que deve ser odioso escrevê-las!

— Felizmente para a senhora, é a mim que incumbe escrevê-las.

— Não se esqueça de dizer à sua irmã que eu tenho muitas saudades dela.

— Já o disse uma vez, a seu pedido.

— Acho que o senhor não está gostando da sua pena.

Deixe-me apará-la para o senhor. Eu sei aparar penas muito

bem.

— Obrigado. Mas eu sempre aparo as minhas próprias penas.

— Como consegue escrever tão regularmente?

Darcy ficou em silêncio.

— Diga à sua irmã que estou radiante de saber que ela tem feito progressos na harpa. Escreva-lhe também que fiquei encantada com o lindíssimo desenho que fez para uma mesa e que o acho infinitamente superior ao de Miss Grantley.

— A senhora me dará licença de deixar os seus entusiasmos para a próxima carta? No momento não tenho espaço para exprimi-los condignamente.

— Oh, não tem importância, eu a verei em janeiro. Mas o senhor sempre escreve cartas assim tão longas e encantadoras para a sua irmã, Mr. Darcy?

— Em geral as minhas cartas são longas, mas não me cabe julgar se são encantadoras.

— Considero como regra que uma pessoa que escreve uma carta longa com facilidade não pode escrever mal.

— Isto não serve como elogio para Darcy, Caroline — exclamou seu irmão —, pois ele não escreve com facilidade. Ele se esforça demais para encontrar quatro sílabas, não é verdade, Darcy?

— O meu estilo é muito diferente do seu.

— Oh — gritou Miss Bingley —, Charles escreve da maneira mais descuidada, escreve as coisas pela metade e depois risca o resto.

— As ideias me ocorrem tão rapidamente que não tenho tempo de exprimi-las. É por isso que, às vezes, as minhas cartas não transmitem nenhuma ideia aos meus correspondentes...

— Sua humildade, Mr. Bingley — disse Elizabeth —, deve desarmar toda censura.

— Nada é mais enganoso do que a aparência da humildade

— disse Darcy. — Às vezes é apenas pouco caso e, outras

vezes, uma maneira indireta de se gabar.

— E qual dessas duas explicações você acha que cabe à minha modéstia, neste caso?

— A maneira indireta de se gabar. Na realidade você se orgulha realmente das suas deficiências no escrever, porque considera que esses defeitos procedem de uma rapidez de pensamento e descuido na execução, coisas que você acha, se não estimáveis, pelo menos altamente interessantes. A capacidade de fazer as coisas rapidamente é sempre muito apreciada pelo possuidor, que frequentemente não repara nas imperfeições da execução. Quando você disse a Mrs. Bennet esta manhã que se algum dia resolvesse deixar Netherfield partiria em cinco minutos, estava fazendo uma espécie de panegírico ou de elogio a si mesmo. E no entanto, não há nada muito louvável numa precipitação que acarretaria, forçosamente, a necessidade de deixar coisas importantes inacabadas, e não pode trazer nenhuma vantagem real, nem para você próprio, nem para ninguém mais.

— Isto é demais — respondeu Bingley —; lembrar-se, de noite, de todas as tolices que eu disse de manhã! No entanto dou-lhe a minha palavra de que falei sinceramente e de que ainda neste momento acredito no que lhe disse. Pelo menos, portanto, eu não me atribuí esse traço de precipitação inútil apenas para me gabar diante das senhoras.

— Acredito na sua sinceridade; mas não estou absolutamente convencido de que se resolveria a partir com tanta rapidez. Sua conduta estaria tão à mercê do acaso como a de qualquer outro homem; e se no momento, no instante de montar a cavalo, um amigo lhe dissesse: “Bingley, é melhor você ficar até a próxima semana”, você aceitaria imediatamente o conselho. E se lhe fizessem outra sugestão, ficaria provavelmente um mês.

— Com isto apenas prova que Mr. Bingley não fez justiça ao seu próprio caráter. O senhor o pintou com muito mais

exatidão do que ele próprio.

— Sinto-me extremamente grato — disse Bingley — pela sua maneira de converter o que o meu amigo disse num elogio à doçura do meu gênio, mas creio que está atribuindo àquele senhor uma intenção que ele não tinha, pois ele decerto pensaria que, em tais circunstâncias, eu deveria recusar certamente a sugestão e partir imediatamente, como tinha resolvido.

— Consideraria, Mr. Darcy, a precipitação da sua decisão original compensada pela sua obstinação em aderir a ela?

— Dou-lhe a minha palavra que não posso explicar exatamente o que ele quis dizer. Darcy deve falar por si mesmo.

— A senhora está querendo que eu justifique uma opinião que resolveu me atribuir, e a qual não subscrevo. Aceitando, porém, o caso tal como a senhora o coloca, é preciso que não se esqueça, Miss Bennet, de que o suposto amigo que desejou que Bingley ficasse em casa e adiasse os seus planos contentou-se em exprimir o seu desejo sem oferecer nenhum argumento que justificasse o seu pedido.

— Ceder facilmente, prontamente, à persuasão de um amigo não é, então, um mérito aos seus olhos?

— Ceder sem convicção não depõe a favor do bom senso de nenhuma dessas pessoas.

— Mr. Darcy, o senhor não me parece conceder nenhuma importância à influência da amizade e da afeição. A consideração por um amigo faz com que a gente ceda prontamente a um pedido, mesmo que esse amigo não ofereça argumentos em apoio do que pede. Não estou considerando, particularmente, o caso em discussão. Devemos esperar, talvez, até que ele ocorra, para discutir o acerto do seu procedimento. Mas em geral, nos casos comuns entre amigos, quando um deles é solicitado pelo outro para que altere uma decisão de pouca monta, pensa o senhor que aquela pessoa que cedeu, sem exigir outros argumentos, procedeu realmente mal?

— Não será preferível, antes de continuar no assunto, que determinemos com mais precisão o grau de importância real do pedido? Bem como o grau de intimidade existente entre as partes?

— Sem dúvida — exclamou Bingley —; vamos particularizar, e não esqueçamos a estatura comparativa dos amigos, pois isto tem mais importância do que supõe Miss Bennet.

Asseguro-lhe que se Darcy não fosse tão alto em relação à minha pessoa, eu não o trataria com tanta deferência.

Declaro que não conheço nada mais temível do que Darcy em certas ocasiões e em determinados lugares; especialmente na sua própria casa e numa noite de domingo, quando ele não tem nada a fazer.

Mr. Darcy sorriu, mas Elizabeth acreditou perceber que ele tinha ficado ofendido e por isso conteve a sua risada. Miss Bingley, ressentida com o ridículo que o outro sofrera, censurou violentamente o irmão pelas tolices que dissera.

— Eu compreendo a sua intenção, Bingley — disse o amigo —, você detesta discussões e quer acabar com esta.

— Talvez. As discussões se assemelham às disputas. Se você e Miss Bennet quiserem adiar a sua até que eu saia da sala, ficarei muito agradecido. Depois poderão falar o que quiserem a meu respeito.

— O que o senhor pede — disse Elizabeth — não é um sacrifício da minha parte, e quanto a Mr. Darcy, acho que precisa acabar a sua carta.

Mr. Darcy aceitou o conselho e terminou a carta.

Finda esta ocupação ele pediu a Miss Bingley e a Elizabeth que fizessem um pouco de música. Miss Bingley se dirigiu alegremente para o piano e depois de um amável oferecimento a Elizabeth para que ela começasse, oferecimento que a outra rejeitou, com a mesma amabilidade e maior ênfase, sentou-se e começou. Mrs. Hurst cantou com a irmã e, enquanto isto, Elizabeth, que folheava cadernos de música, que estavam sobre o piano, não pôde deixar de observar que os olhos de Mr. Darcy se

voltaram frequentemente na sua direção. Não podia supor que fosse um objeto de admiração para um homem tão importante. No entanto, achava ainda mais estranho que ele a estivesse olhando por antipatia. Acabou imaginando, entretanto, que o que atraía a sua atenção era algo errado e repreensível que existia na sua pessoa, e que contrastasse, aos olhos de Mr. Darcy, com as qualidades dos outros presentes. A suposição não a penalizou. Darcy lhe era indiferente demais para que desejasse a sua aprovação. Depois de tocar algumas canções italianas, Miss Bingley atacou uma alegre canção escocesa e pouco depois Mr. Darcy, aproximando-se de Elizabeth, disse-lhe:

— A senhora não se sente inclinada a aproveitar esta oportunidade para dançar? — perguntou.

Ela sorriu, porém não disse nada. Repetiu a pergunta, um pouco espantado com o seu silêncio.

— Oh — disse Elizabeth —, ouvi o que perguntou antes, mas não pude determinar imediatamente o que deveria responder. O senhor queria que eu o fizesse afirmativamente para ter o prazer de desprezar as minhas preferências; mas eu sempre gosto de perturbar essas estratégias e roubar às pessoas o lance que premeditam. Resolvi portanto responder-lhe que não desejo absolutamente dançar; e agora despreze-me, se ousar.

— Asseguro-lhe que não ousar.

Elizabeth, que tencionava ofendê-lo, ficou espantada com a sua amabilidade. Mas havia no tom de Elizabeth um misto de doçura e de malícia que dificilmente ofenderia alguém. E Darcy nunca se sentira tão fascinado por uma mulher como estava por aquela. Acreditava realmente que se não fosse a inferioridade das relações de Elizabeth encontrar-se-ia certamente em perigo.

Miss Bingley viu, ou suspeitou o bastante para se enciumar, e a sua grande ansiedade pelo restabelecimento da sua querida amiga Jane crescia com o desejo de se ver livre de Elizabeth. Tentava frequentemente provocar a antipatia de

Darcy pela sua hóspede, falando no seu suposto casamento e planejando a felicidade que Darcy encontraria numa tal aliança.

— Espero — disse ela, enquanto passeavam juntos, no dia seguinte, pelo pequeno bosque —, espero que dê a entender à sua sogra, quando tiver lugar este desejável acontecimento, a vantagem de ser menos tagarela; e se o puder, também, cure as meninas mais moças da mania de perseguir os oficiais. E se me permite abordar um assunto tão delicado, procure reprimir aquele pequeno toque de pretensão e impertinência que a sua dama possui.

— Tem alguma outra proposta a fazer em prol da minha felicidade doméstica?

— Oh, sim, faça pendurar os retratos do seu tio e da sua tia Philips na sua galeria de Pemberley. Ponha-os ao lado do seu tio-avô, o juiz. São da mesma profissão, se bem que trabalhem em ramos diferentes. Quanto ao retrato da sua Elizabeth, nem deve tentar mandar pintá-lo, pois, que pintor poderia fazer justiça àqueles belos olhos?

— Não seria realmente fácil reproduzir a sua expressão, mas a cor, o desenho, os cílios, tão delicados, podem ser copiados.

Neste momento encontraram-se com Mrs. Hurst e Elizabeth, que vinham por outro caminho.

— Não sabia que estava passeando — disse Miss Bingley, confusa, temerosa de que as suas palavras pudessem ter sido ouvidas.

— Você nos tratou abominavelmente — disse Mrs. Hurst —, saindo assim sem nos avisar.

E tomando o braço de Mr. Darcy, deixou Elizabeth sozinha. O caminho dava apenas para três pessoas. Mr. Darcy percebeu a grosseria e disse imediatamente:

— Este caminho não é suficientemente largo para nós todos. Seria melhor passearmos na avenida.

Mas Elizabeth, que não tinha a menor vontade de ficar com eles, respondeu, com um sorriso:

— Não, não, fiquem onde estão. Formam assim um grupo encantador. Uma quarta pessoa estragaria o pitoresco. Adeus...

Em seguida ela se afastou correndo, satisfeita com a ideia de que daí a um ou dois dias estaria novamente em casa. Jane estava tão melhor que tencionava sair do quarto, naquela noite, durante algumas horas.

Quando as senhoras se retiraram depois do jantar, Elizabeth correu para perto da irmã e, agasalhando-a contra o frio, conduziu-a até a sala, onde a convalescente foi saudada pelas suas duas amigas com grandes demonstrações de alegria. Elizabeth nunca vira aquelas senhoras se portarem tão amavelmente como durante a hora que decorreu antes de os cavalheiros aparecerem. Elas sabiam conversar admiravelmente, sabiam descrever um baile com todos os detalhes, contar um episódio com graça e caçar espiritualmente dos seus conhecidos. Mas quando os cavalheiros entraram, Jane deixou de ser o centro das suas atenções. Os olhos de Miss Bingley se voltaram imediatamente para Darcy; e encontrou logo o que dizer. Ele se dirigiu logo para Miss Bennet, dando-lhe amavelmente os parabéns; Mr. Hurst também se inclinou ligeiramente e afirmou que estava muito contente. Mas Bingley foi o único que mostrou realmente entusiasmo e efusão. Cercou Miss Bennet de todas as atenções possíveis. Passou a primeira meia hora aumentando o fogo na lareira, para que ela não sofresse a diferença de temperatura; fê-la mudar para o outro lado da lareira, para que ficasse o mais distante possível da porta. Em seguida sentou-se a seu lado e conversou quase que exclusivamente com ela. Elizabeth, que fazia o seu trabalho no canto oposto da sala, via tudo isto com grande prazer. Depois do chá, Mr. Hurst sugeriu, em vão, à sua cunhada, que fizessem uma mesa de jogo. Ela sabia que Mr. Darcy não desejava jogar. E a proposta pública de Mr. Hurst também foi rejeitada. Miss Bingley lhe assegurou que ninguém queria jogar. E o silêncio geral que acompanhou estas palavras pareceu justificá-las. Mr. Hurst não teve portanto outra coisa a fazer senão se estender num dos sofás da sala e dormir. Darcy escolheu um livro para ler. Miss Bingley o imitou. E Mrs. Hurst, ocupada principalmente

em brincar com os seus braceletes e anéis, tomava de vez em quando parte na conversa entre Miss Bennet e o seu irmão.

Miss Bingley estava tão ocupada em observar os progressos da leitura de Mr. Darcy quanto em ler o seu próprio livro; a todo momento fazia uma pergunta ou olhava a página do livro de Mr. Darcy, sem conseguir, entretanto, travar conversação. Ele se limitava a responder às suas perguntas e continuava a ler. Afinal, exausta da tentativa de se distrair com o seu próprio livro, que escolhera apenas porque era o segundo volume da obra que Darcy lia, deu um grande bocejo e disse...

— Como é agradável passar a noite desse modo... Declaro que não há divertimento melhor do que a leitura. A gente se cansa menos facilmente de um livro do que de qualquer outra coisa. Quando eu tiver uma casa própria, sentir-me-ei infeliz enquanto não possuir uma grande biblioteca.

Ninguém respondeu. Ela tornou a bocejar, pôs o seu livro de lado e relanceou o olhar pela sala, procurando outro divertimento. Ouvindo o seu irmão falar para Miss Bennet acerca de um baile, virou-se subitamente para ele e disse:

— Por falar nisto, Charles, você está realmente resolvido a dar um baile em Netherfield? Aconselho-o, antes de tomar qualquer decisão, a consultar os desejos dos presentes.

Ficaria muito surpreendida se não existisse uma pessoa aqui presente para quem um baile fosse antes um castigo do que um prazer.

— Se você se refere a Darcy — exclamou Bingley —, ele pode ir para a cama, se quiser, antes do baile começar. Mas quanto ao baile, é uma coisa decidida; e assim que Nicholls tiver feito os seus preparativos culinários, enviarei os meus convites.

— A meu ver, os bailes seriam infinitamente mais divertidos se fossem organizados de uma maneira diferente; mas como são feitos, em geral, há sempre neles algo de insuportavelmente enfadonho. Seria muito mais racional

que, em vez de dança, a conversação estivesse na ordem do dia.

— Muito mais racional, talvez, minha cara Caroline, mas nem de longe tão divertido.

Miss Bingley não respondeu e pouco depois se levantou e saiu da sala. Sua figura era elegante, sabia andar bem; mas Darcy, a quem se dirigiam essas exhibições, continuava inflexivelmente absorto no seu livro. Desesperada, resolveu tentar um último esforço e, virando-se para Elizabeth, disse: — Miss Eliza Bennet, deixe-me persuadi-la a seguir o meu exemplo. Venha dar uma volta pela sala. Asseguro-lhe que é muito agradável depois de ter ficado tanto tempo na mesma posição.

Elizabeth ficou surpreendida, mas concordou imediatamente. Miss Bingley alcançou o que realmente tencionava com aquela amabilidade; mas Mr. Darcy levantou os olhos, não menos surpreendido do que Elizabeth com a inesperada cortesia da sua inimiga, e inconscientemente fechou o livro. Imediatamente foi convidado a reunir-se ao grupo, mas recusou, observando que só podia imaginar dois motivos que justificassem aquela caminhada pela sala, e que, com qualquer um deles, a sua presença só poderia interferir. Que queria Darcy dizer com isto? — perguntou Miss Bingley a si mesma. Em seguida perguntou a Elizabeth se ela compreendia aquilo. — Absolutamente — respondeu a outra. — Mas pode ficar certa de que ele nos quis criticar e a melhor maneira de desapontá-lo será não lhe pedir nenhuma explicação. Miss Bingley, entretanto, sentia-se incapaz de desapontar Mr. Darcy e portanto insistiu para que explicasse os dois motivos que invocara.

— Não faço a menor objeção — respondeu Darcy. — Se escolheram este método de passar a noite, é porque têm com certeza alguma confiança a fazer, algum assunto secreto a discutir, ou então porque acham que andando exibem da melhor maneira as suas graciosas figuras; no

primeiro caso, eu me tornaria indiscreto se aceitasse o seu convite, e no segundo posso admirá-las muito melhor na posição em que estou.

— Oh — exclamou Miss Bingley —, nunca ouvi nada tão abominável. Como poderemos castigá-lo?

— Nada mais fácil, se esta é a sua intenção — respondeu Elizabeth. — Provoque-o, caçoe dele. Íntimos como são, deve saber um meio de fazê-lo.

— Juro-lhe que não sei. Asseguro-lhe que a minha intimidade nunca me ensinou tal coisa. Provocar pessoas imperturbáveis, dotadas de uma tal presença de espírito! Não, não! Acho que ele pode nos desafiar neste terreno. E quanto a caçar dele, não vamos nos expor ao ridículo de rir sem motivo.

— É impossível rir de Mr. Darcy! — gritou Elizabeth. — Ele possui uma virtude muito rara, que é de ser impermeável ao ridículo. Espero que continue a ser rara, pois eu consideraria uma grande infelicidade possuir muitas relações desse gênero. Gosto muito de rir.

— Miss Bingley me descreveu melhor do que sou — respondeu Darcy. — O melhor e o mais sábio dos homens, e mesmo a mais sábia e a melhor das ações pode ser ridicularizada por quem faz da ironia o seu único fim na vida.

— Existem certamente pessoas assim — replicou Elizabeth.

— Mas espero que eu não seja uma delas. Espero que nunca hei de ridicularizar o que é sábio e bom. Loucuras e absurdos, manias e inconsistências de fato me divertem. E eu rio delas quando posso. Mas isto, penso eu, são coisas de que o senhor carece precisamente.

— Talvez isto seja impossível para qualquer um, mas sempre me esforcei por evitar estas fraquezas, capazes de expor ao ridículo uma grande inteligência.

— Tais como a vaidade e o orgulho.

— Sim, a vaidade é de fato uma fraqueza, mas o orgulho pode ser bem-controlado, quando existe uma verdadeira

superioridade de inteligência.

Elizabeth se virou para esconder um sorriso.

— Presumo que o exame a que submeteu Mr. Darcy esteja terminado — disse Miss Bingley. — E qual é o resultado?

— Fiquei perfeitamente convencida de que Mr. Darcy não tem defeitos. Ele, aliás, não esconde a opinião que tem de si próprio.

— Não — disse Darcy —, não tenho tal pretensão. Possuo bastantes defeitos, mas não de compreensão, assim o espero. Quanto ao meu gênio, não garanto que seja muito bom, creio que é um pouco ríspido demais. Sim, certamente ríspido demais para as conveniências do mundo. Não consigo esquecer as loucuras e os vícios dos outros tão rapidamente como devia. Nem as ofensas que me fazem. Meus sentimentos não se inflamam ao menor esforço ou tentativa. Meu temperamento pode ser chamado rancoroso. Uma vez perdida a boa opinião que tenho de uma pessoa, está perdida para sempre.

— Isto é realmente um defeito — exclamou Elizabeth. — O ressentimento implacável é um traço que marca um caráter. O senhor soube escolher bem o seu defeito. Realmente, não posso me rir dele. Não precisa ter medo de mim.

— Acho que existe em todos os temperamentos uma tendência para determinada forma do mal, um vício natural que nem mesmo a melhor educação pode extinguir.

— E o seu defeito é uma propensão para odiar todo o mundo.

— E o seu — replicou ele, sorrindo — é o de se recusar a compreender os outros.

— Vamos fazer um pouco de música — exclamou Miss Bingley, cansada de uma conversa em que não tomava parte. — Louisa, você não se importa que eu acorde Mr. Hurst, não é?

Sua irmã não fez a menor objeção e o piano foi aberto.

Darcy, depois de refletir um instante, conformou-se com

isto. Ele começava a sentir o perigo que havia em prestar demasiada atenção a Elizabeth.

2

Mr. Bennet foi uma das primeiras pessoas que visitaram Mr. Bingley. Sempre fora esta a sua intenção, embora continuasse a assegurar até o fim à sua esposa que não iria de forma alguma; nada lhe disse até à noite do dia em que fez a visita. Só aí ele o revelou, da seguinte maneira: vendo a sua segunda filha ocupada em reformar um chapéu, dirigiu-lhe de súbito estas palavras:

— Espero que Mr. Bingley goste do chapéu, Lizzy.

— Não temos nenhum modo de saber as preferências de Mr. Bingley já que não podemos visitá-lo — interveio a mãe, ressentida.

— Mas você se esquece, mamãe — disse Elizabeth —, de que nós o encontraremos em reuniões e que Mrs. Long nos prometeu apresentá-lo.

— Não creio que Mrs. Long faça tal coisa. Ela tem duas sobrinhas e é uma mulher egoísta e hipócrita. A minha opinião sobre ela não é boa.

— Nem a minha tampouco — disse Mr. Bennet. — Alegra-me saber que você não depende dos serviços dela.

Mrs. Bennet não se dignou responder. Incapaz de dominar-se por mais tempo, pôs-se a ralar com uma das filhas:

— Não tussa desse modo, pelo amor de Deus, Kitty. Tenha um pouco de piedade dos meus nervos... Você está dilacerando-os!

— Kitty não sabe tossir discretamente — disse o pai. — Não tem noção do momento oportuno.

— Não tusso para distrair-me — respondeu Kitty, irritada. — Quando será o nosso próximo baile, Lizzy?

— De amanhã a 15 dias.

— É verdade — gritou a mãe. — E Mrs. Long só estará de volta na véspera desse dia. Logo, ser-lhe-á impossível fazer a apresentação do estranho, pois ela tampouco o terá

conhecido.

— Portanto, minha cara, você poderá adiantar-se à sua amiga e apresentar Mr. Bingley a ela.

— Impossível, Mr. Bennet, impossível! Se eu não tenho relações com ele! Como pode você ser tão provocante?

— Respeito a sua descrição. Quinze dias de conhecimento decerto não são suficientes. Não se pode conhecer realmente um homem em tão curto espaço de tempo. Mas se não arriscarmos, outra pessoa o fará. E afinal de contas, Mrs. Long e as suas sobrinhas devem ter também a sua oportunidade. E como lhe será fácil pensar que é um ato de caridade da sua parte recusar tal incumbência, eu assumirei a responsabilidade.

As meninas olharam fixamente para o pai. Mrs. Bennet disse apenas:

— Tolice, tolice.

— Qual é o significado dessa exclamação enfática? — perguntou o pai. — Considera tolice as formas de apresentação e a importância que lhes emprestamos? Neste ponto não posso concordar com você. Que é que acha, Mary? Sei que é uma moça de juízo; lê grandes livros e faz resumos de tudo o que lê.

Mary quis fazer uma observação sensata mas não pôde.

— Enquanto Mary ajusta as suas ideias — continuou Mr. Bennet —, voltemos a Mr. Bingley.

— Estou enjoada de Mr. Bingley —, exclamou Mrs. Bennet.

— Causa-me pena saber isto. Por que não me disse antes? Teria assim evitado que eu me desse ao trabalho de visitá-lo. Foi pouca sorte. Mas como tudo está feito, não podemos agora evitar relações.

O ar estupefato das senhoras era exatamente o que ele desejava causar. O de Mrs. Bennet talvez sobrepujasse os outros. Entretanto, ao desvanecer-se o primeiro tumulto de alegria, ela começou declarando que era aquilo mesmo o que esperava.

— Que bondade da sua parte, caro Mr. Bennet! Tinha

certeza que acabaria por convencê-lo, pois estava certa do seu amor pelas suas filhas. Sabia portanto que não iria desprezar assim uma tão grande oportunidade. Nem sabe a alegria que sinto... E com que espírito você nos enganou até o último momento!

— Agora, Kitty, pode tossir à vontade — disse Mr. Bennet, ao deixar o quarto, enfasiado pelas demonstrações exageradas da esposa.

— Que excelente pai vocês têm, meninas — continuou ela, logo que a porta se fechou. Não sei como poderão jamais compensar tamanha bondade. Nem eu tampouco, aliás. Posso assegurar-lhes que na nossa idade não é tão agradável assim travar novas relações todos os dias...

Entretanto, por vocês, faríamos todos os sacrifícios. Lydia, meu bem, embora seja você a mais moça, ousou profetizar que Mr. Bingley dançará com você no próximo baile.

— Oh — exclamou Lydia, orgulhosa — não tenho medo. Embora seja a mais moça, sou também a mais alta. Passaram o resto da noite conjeturando qual seria o dia provável em que o estranho viria pagar a visita de Mr. Bennet e procurando determinar aquele em que o convidariam para jantar.

3

Entretanto todas as perguntas que Mrs. Bennet, com auxílio das suas cinco filhas, fez sobre o assunto foram insuficientes para extrair do marido uma descrição satisfatória de Mr. Bingley. Atacaram-no de vários modos, com perguntas diretas, engenhosas suposições e hipóteses distantes. Ele desafiou a habilidade de todas elas. Afinal foram obrigadas a aceitar as informações de segunda mão da sua vizinha Lady Lucas. O relatório desta última foi altamente favorável. Sir William tinha ficado encantado com ele. Era jovem, elegantíssimo, extremamente agradável. E para coroar tudo, tencionava ir ao próximo baile em companhia de grande número de conhecidos. Nada poderia ser mais delicioso. Gostar de dança era o primeiro passo para se apaixonar. E vivas esperanças de conquistar o coração de Mr. Bingley foram bafejadas.

— Se eu pudesse ver uma das minhas filhas instalada em Netherfield, alegre e feliz — disse Mrs. Bennet ao marido —, e todas as demais igualmente bem-casadas, nada mais teria a desejar.

Daí a poucos dias Mr. Bingley veio retribuir a visita de Mr. Bennet. Conversaram na biblioteca durante dez minutos. Mr. Bingley tinha alimentado a esperança de ver uma das moças, sobre cuja beleza tanto ouvira falar. Mas viu apenas o pai. As senhoras tiveram mais sorte: olhando por detrás de uma janela do sobrado, conseguiram saber que ele usava casaco azul e montava um cavalo preto.

Pouco depois, um convite para jantar foi-lhe enviado. Mrs. Bennet já tinha planejado os pratos à altura da fama da sua cozinha, quando chegou uma resposta adiando tudo. Mr. Bingley se via obrigado a partir para a cidade no dia seguinte e portanto não podia aceitar a honra daquele convite, etc. Mrs. Bennet ficou desolada. Não sabia que negócio poderia tê-lo atraído à cidade, tão pouco tempo

depois da sua chegada no Hertfordshire. Começou a temer que Mr. Bingley estivesse sempre em trânsito de um lugar para outro, e que nunca se demorasse em Netherfield, como devia. Lady Lucas acalmou um pouco os seus receios, sugerindo a ideia de que Mr. Bingley tinha partido para Londres apenas para buscar conhecidos que o acompanhassem ao baile. As meninas lamentaram a vinda de tão grande número de senhoras. Mas, na véspera do baile, consolaram-se ao saber que em vez de doze, Mr. Bingley tinha trazido apenas seis senhoras de Londres, cinco irmãs e uma prima. E quando o grupo entrou no salão, consistia apenas em cinco pessoas: Mr. Bingley, suas duas irmãs, o marido da mais velha e outro rapaz.

Mr. Bingley era simpático e fino de maneiras. A sua aparência era agradável, os seus gestos sem afetação. Quanto às suas irmãs, era visível que se tratava de pessoas distintas. Vestiam-se à última moda. O cunhado, Mr. Hurst, era o que se pode chamar um gentleman, sem outras características. Mas o amigo, Mr. Darcy, atraiu desde logo a atenção da sala, pela sua estatura, elegância, traços regulares e nobre atitude e também pela notícia que circulou, cinco minutos depois da sua entrada, de que possuía um rendimento de dez mil libras por ano. Os cavalheiros declararam que ele era uma bela figura de homem, as senhoras foram de opinião que era muito mais elegante do que Mr. Bingley. Todos o olharam com grande admiração durante metade do baile, até que finalmente a sua atitude provocou um certo desapontamento que alterou a sua maré de popularidade, pois descobriram que era orgulhoso, permanecia afastado do seu grupo e parecia impossível de contentar. E nem mesmo toda a sua grande propriedade, no Derbyshire, pôde salvá-lo da opinião que começava a formar-se a seu respeito, de que ele tinha modos antipáticos e desagradáveis, e de que era indigno de ser comparado ao amigo. E Mr. Bingley em pouco tempo travou relações com as principais pessoas da sala. Era

animado e franco, dançava todas as vezes e mostrou-se aborrecido por ter o baile terminado tão cedo. Chegou mesmo a falar em dar outro em Netherfield. Qualidades tão amáveis falam por si mesmas. Que contraste entre ele e seu amigo! Mr. Darcy dançou apenas uma vez com Mrs. Hurst e outra com Miss Bingley. Recusou-se a ser apresentado a qualquer outra moça e passou o resto da noite andando pelo salão, conversando ocasionalmente com uma ou outra pessoa do seu próprio grupo. Seu caráter estava fixado. Era o homem mais orgulhoso, mais desagradável do mundo. E todos pediram a Deus que ele nunca mais voltasse. Entre as pessoas que estavam contra ele, a mais violenta era Mrs. Bennet, a cuja antipatia pela sua conduta se somava o despeito de ver uma das suas filhas desprezada por ele. Devido à falta de pares, Elizabeth Bennet fora obrigada a ficar sentada durante duas danças; e parte desse tempo ela o passou suficientemente próxima a Mr. Darcy para ouvir uma palestra entre ele e Mr. Bingley. Este último, que acabara de dançar, vinha animar o amigo a imitá-lo.

— Venha, Darcy — disse ele —, você precisa dançar. Incomoda-me vê-lo aí sozinho, de um modo tão estúpido. Seria muito melhor que você dançasse.

— Por coisa alguma deste mundo; bem sabe como eu detesto dançar, a não ser conhecendo intimamente o meu par. Numa festa como esta seria insuportável. Suas irmãs estão ocupadas e não existe outra mulher na sala com quem eu dançaria sem sacrifício.

— Jamais eu seria tão exigente — exclamou Bingley —; palavra de honra, eu nunca encontrei tantas moças interessantes na minha vida... E você está vendo que algumas são excepcionalmente belas!

— Você está dançando com a única moça realmente bonita que existe nesta sala — disse Mr. Darcy, olhando para a mais velha das irmãs Bennet.

— Oh, é a mais bela moça que já vi na minha vida, mas bem atrás de você está uma das suas irmãs, que é muito bonita

e agradável. Deixe-me pedir ao meu par que o apresente a ela?

— Qual? — perguntou ele, voltando-se e detendo um momento a vista em Elizabeth até que, encontrando os seus olhos, desviou os seus e disse, friamente: — É tolerável, mas não tem beleza suficiente para tentar-me. Não estou disposto agora a dar atenção a moças que são desprezadas pelos outros homens. É melhor você voltar ao seu par e se deliciar com os seus sorrisos, pois está perdendo tempo comigo.

Mr. Bingley seguiu o conselho. Mr. Darcy se afastou e os sentimentos de Elizabeth para com ele não permaneceram muito cordiais. No entanto, ela contou a história com muita graça às suas amigas, pois era de espírito alegre e brincalhão e se deleitava com tudo o que era ridículo.

De um modo geral a noite decorreu agradavelmente para toda a família. Mrs. Bennet vira a sua filha mais velha ser muito admirada pelo grupo de Netherfield. Mr. Bingley tinha dançado duas vezes com ela. E as irmãs dele a tinham tratado com muita amabilidade. Jane ficou tão contente quanto a sua mãe, embora manifestasse os seus sentimentos de maneira mais discreta. Elizabeth se alegrou com o prazer de Jane. Mary ouvira o seu nome mencionado por Miss Bingley como sendo o da moça mais dotada da reunião. Katherine e Lydia tinham tido a sorte de nunca ficarem sem par, a única coisa que elas consideravam importante num baile. Todos voltaram, pois, de bom humor para Longbourn, aldeia onde residiam e da qual eram os principais habitantes. Encontraram Mr. Bennet ainda acordado. Com um livro na mão ele perdia a noção do tempo. Naquele momento manifestou grande curiosidade em saber a causa de tão grande alegria. Antes de sua mulher sair para o baile, julgara que as esperanças dela seriam destruídas, mas verificou logo que a história era muito diferente.

— Meu caro Mr. Bennet — disse ela, entrando na sala —,

tivemos uma noite deliciosa, um baile excelente! Pena é que você não estivesse lá. Jane foi tão admirada! Nada podia ter acontecido melhor... Todos disseram que ela estava muito bonita. Mr. Bingley achou-a linda e dançou duas vezes com ela. Imagine, meu caro! Dançou com ela duas vezes! Foi a única moça na sala com quem ele repetiu uma dança. Primeiro dançou com Miss Lucas. Fiquei desapontada, mas no entanto ele não pareceu muito entusiasmado com ela. Aliás ninguém o pode... Mr. Bingley parecia muito impressionado com Jane, ao vê-la dançar com outro rapaz. Foi aí que ele perguntou quem era ela, pediu que o apresentassem e solicitou as duas próximas danças. Depois dançou com Miss King as duas terceiras, com Maria Lucas as duas quartas, as duas quintas com Jane novamente, as duas sextas afinal com Lizzy e a Boulanger.

— Se ele tivesse tido qualquer espécie de compaixão por mim — exclamou o marido, impaciente —, não teria dançado nem sequer a metade! Pelo amor de Deus, não continue a lista dos pares de Mr. Bingley. Antes ele tivesse torcido o pé na primeira dança.

— Oh, meu caro — continuou Mrs. Bennet —, fiquei encantada com ele. É um lindo rapaz e as suas irmãs são encantadoras. Nunca na minha vida vi nada tão elegante quanto os vestidos que elas usavam. A renda do vestido de Mrs. Hurst...

Aí foi ela novamente interrompida. Mr. Bennet protestou contra qualquer descrição de toilettes. Mrs. Bennet foi então obrigada a procurar outro aspecto do assunto e relatou com muita acrimônia e algum exagero as chocantes malcriações de Mr. Darcy.

— Mas eu lhe asseguro — acrescentou ela —, que Lizzy não perde muito por não corresponder às preferências deste homem, pois ele é desagradável, horrível; pouco adianta cativá-lo. Tão orgulhoso e tão convencido que é impossível aturá-lo. Andava de um lado para outro, pensando na sua própria importância. Não é suficientemente simpático para

que se tenha prazer em dançar com ele. Queria que você estivesse lá e lhe desse uma das suas respostas. Detesto aquele homem.

4

Quando Jane e Elizabeth ficaram sozinhas, a primeira, que anteriormente fora mais discreta nos seus elogios de Mr. Bingley, confessou à sua irmã quanto o admirava.

— Ele é exatamente o que um rapaz deve ser — acrescentou. — Ajuizado, alegre, animado. Nunca vi maneiras tão distintas, tanta espontaneidade e tão boa educação.

— Também é bonito — replicou Elizabeth —, qualidade que um rapaz deve possuir se possível. Assim a sua personalidade se torna completa.

— Fiquei muito lisonjeada por ele me ter pedido para dançar uma segunda vez. Não esperava tal galanteio.

— Não? Pois eu o esperava por você. Mas esta é uma das grandes diferenças entre nós. Os galanteios sempre a surpreendem. A mim, nunca. Nada mais natural do que ele pedi-la para outra dança. Não podia deixar de reconhecer que você era cinco vezes mais bonita do que qualquer outra moça na sala. Não lhe fique grata por isso. Na verdade, ele é muito agradável, e eu lhe dou licença de gostar dele. Você já gostou de muitas pessoas mais estúpidas.

— Minha querida Lizzy!

— Você bem sabe que tem uma inclinação para gostar em geral das pessoas. Nunca encontra defeito em ninguém. A seus olhos todos são bons e agradáveis. Nunca ouvi você falar mal de quem quer que seja em toda a minha vida.

— Não desejaria censurar ninguém irrefletidamente. Mas sempre digo o que penso.

— Eu sei, e é isso o que me espanta. Sensata como você é, deixar-se enganar tão simploriamente pela loucura e pelo absurdo dos outros! A candura afetada é bastante comum; encontra-se por toda a parte, mas ser cândida sem ostentação ou artifício, ver o lado bom do caráter de todo o mundo, torná-lo ainda melhor, ignorar o lado mau são

coisas que lhe pertencem exclusivamente. E você gostou também das irmãs daquele homem, não é? As maneiras delas não são tão agradáveis quanto as de Mr. Bingley...

— Decerto que não. A princípio... Mas são moças muito agradáveis quando se conversa com elas. Miss Bingley vai morar com o irmão e dirigir a sua casa; se não me engano, encontraremos nela uma excelente vizinha.

Elizabeth nada respondeu, mas não ficou convencida. O comportamento daquelas moças durante o baile não fora calculado para agradar a todo o mundo. Dotada de maior rapidez de observação do que a irmã e de menos docilidade de gênio e possuindo, além disso, uma faculdade de julgamento que nenhuma complacência consigo mesma obscurecia, Elizabeth se sentia pouco disposta a aceitar aquelas pessoas. Eram de fato moças distintas; não lhes faltava bom humor quando estavam contentes, nem o poder de agradar quando o desejavam; porém eram orgulhosas e convencidas. Além disso eram bastante bonitas e tinham sido educadas num dos principais colégios particulares de Londres. Possuíam uma fortuna de vinte mil libras, costumavam gastar mais do que deviam e associar-se com pessoas de classe: tinham portanto as aptidões necessárias para pensar bem de si mesmas e mediocrementemente dos outros. Provinham de uma família respeitável do Norte da Inglaterra; coisa que guardavam mais profundamente impressa em sua memória do que o fato de sua fortuna, bem como a do irmão, terem sido adquiridas no comércio.

Mr. Bingley herdara do pai uma fortuna calculada em cem mil libras. Este tencionara comprar uma propriedade, mas morrera antes de realizar o seu projeto. Mr. Bingley alimentava a mesma ideia e às vezes escolhia o seu condado; mas como dispunha agora de uma boa propriedade e da liberdade de uma casa senhorial, muitos daqueles que lhe conheciam o gênio acomodático desconfiavam de que acabasse o resto dos seus dias em

Netherfield, incumbindo da compra a próxima geração. Suas irmãs estavam ansiosas para que ele possuísse um domínio particular; no entanto, embora Mr. Bingley estivesse agora estabelecido apenas como locatário, Miss Bingley de modo algum se recusava a presidir a sua mesa; e Mrs. Hurst, que se tinha casado mais pela importância social do que pela fortuna do marido, não se encontrava menos disposta a considerar a casa do irmão como a sua própria, desde que a mesma lhe conviesse. Havia apenas dois anos que Mr. Bingley atingira a maioridade, quando, devido a uma recomendação ocasional, se sentira tentado a visitar Netherfield House. E de fato a visitou durante meia hora, ficando satisfeito com a situação e os quartos principais, ouviu os elogios da proprietária e alugou-a imediatamente. Entre ele e Darcy havia uma amizade muito firme, apesar dos seus caracteres serem opostos. Bingley era caro a Darcy pela doçura, franqueza e maleabilidade do seu gênio, embora essas qualidades contrastassem de modo absoluto com as suas, e Darcy não parecesse nada descontente com as que lhe tinham cabido por sorte. Bingley confiava cegamente na força dos sentimentos de Darcy, e tinha a mais alta opinião das suas ideias. Em inteligência Darcy era superior. Bingley não era de modo nenhum deficiente em força mental, mas Darcy era mais vivo. Era ao mesmo tempo altivo, reservado, desdenhoso, e suas maneiras, apesar de bem-educado, eram pouco convidativas. A esse respeito, o seu amigo levava grande vantagem: Bingley tinha a certeza de agradar, onde quer que aparecesse. Darcy estava sempre ofendendo os outros.

A maneira pela qual eles se referiam ao baile de Meryton era bastante característica. Bingley dizia que nunca encontrara gente mais agradável, nem moças mais bonitas em toda a sua vida. Todos tinham sido amáveis e atenciosos com ele; não tinha havido formalidade nem friezas e sentira-se logo à vontade com todos na sala; quanto a Miss Bennet não podia conceber que um anjo fosse mais belo.

Darcy, ao contrário, afirmava que havia assistido a uma reunião em que não havia beleza nem elegância; não sentira o menor interesse por nenhuma pessoa e tampouco recebera a atenção de alguém. Reconhecia que Miss Bennet era bonita, embora sorrisse demais. Mrs. Hurst e a sua irmã concordaram com isto. Mas ainda assim admiravam Miss Bennet e declararam que era uma moça encantadora e que não se oporiam a entrar em relações mais estreitas com ela. Ficou estabelecido portanto que Miss Bennet era uma moça encantadora e Bingley se sentiu autorizado com esses elogios a pensar nela da forma que mais desejasse.

5

A pouca distância de Longbourn, vivia uma família com que os Bennet mantinham relações particularmente íntimas. Sir William Lucas fora antigamente comerciante em Meryton, onde acumulara uma fortuna regular e onde, também, fora agraciado pelo rei com um título de cavaleiro, enquanto exercia as funções de prefeito. A honra fora talvez demasiadamente apreciada. Ela lhe inspirara uma repulsa pelo seu negócio e pela pequena cidade comercial em que habitava. Abandonando as duas coisas, mudou-se com a família para uma casa situada a mais ou menos uma milha de Meryton, lugar que depois ficou sendo chamado “Lucas Lodge”, onde podia pensar com prazer na sua própria importância e, livre dos negócios, dedicar-se inteiramente à sociedade. Embora orgulhoso da sua posição, esta não o tornou desdenhoso; ao contrário, Sir William era toda atenção para os outros. Por natureza inofensivo, amável e prestativo, a sua apresentação em St. James o tornara polido e cortês.

Lady Lucas era uma mulher de bons sentimentos, cuja inteligência não era demasiadamente brilhante para impedir que fosse uma vizinha preciosa para Mrs. Bennet. Tinha vários filhos. A mais velha de todos, uma moça ajuizada e inteligente, de cerca de 27 anos, era a amiga mais íntima de Elizabeth.

Era absolutamente necessário que Mrs. Lucas e Mrs. Bennet se encontrassem para discutir um baile a que tivessem comparecido. E na manhã seguinte, Mrs. Lucas e sua filha se dirigiram para Longbourn, a fim de trocar impressões.

— Você começou bem a noite, Charlotte — disse Mrs. Bingley para Miss Lucas. — Foi a primeira que Mr. Bingley escolheu para dançar.

— Sim, mas ele pareceu gostar mais do segundo par.

— Oh, você se refere a Jane, suponho eu, porque Mr. Bingley

dançou com ela duas vezes? Isto decerto leva a crer que ele a achou interessante. Aliás estou certa de que este foi o caso. Ouvi falar a respeito disso, mas não me lembro exatamente o que foi — qualquer coisa sobre Mr. Robinson. — Talvez a senhora se refira ao que eu ouvi numa conversa entre ele e Mr. Robinson: já não lhe contei isto? Mr. Robinson perguntou o que ele achava do baile de Meryton, se não achava que havia grande número de mulheres bonitas na sala. E perguntou também qual era a que ele achava mais bonita. Mr. Bingley respondeu imediatamente: “oh, a mais velha das irmãs Bennet, sem dúvida. Não pode haver duas opiniões a este respeito.”

— Palavra de honra — bem, a resposta foi de fato muito pronta — parece até que... No entanto tudo pode dar em nada, você sabe.

— Você é que não ouviu conversas tão agradáveis, Eliza — disse Charlotte. — As palavras de Mr. Darcy não foram tão amáveis quanto as de seu amigo, não é? Pobre Eliza! Ser julgada apenas tolerável...

— Peço-lhe que não incite Lizzy a ficar ressentida com a grosseria de Mr. Darcy, pois é um homem tão desagradável que seria uma infelicidade ser cortejada por ele. Mrs. Long me disse ontem que ele ficou sentado ao seu lado durante meia hora sem abrir a boca uma só vez.

— A senhora tem certeza? Não haverá aí um pequeno engano? — indagou Jane. — Estou certa que vi Mr. Darcy falando com ela.

— Sim, porque ela perguntou afinal se gostava de Netherfield e ele não teve outro remédio se não responder. Mas Mrs. Long disse que ele ficou muito aborrecido porque lhe dirigira a palavra.

— Miss Bingley me disse — comentou Jane — que ele é muito calado, exceto com as pessoas mais íntimas. Com estas mostra-se notavelmente agradável.

— Não acredito numa só palavra. Se fosse assim tão agradável, teria conversado com Mrs. Long. Mas eu

compreendo tudo; todo mundo diz que ele é terrivelmente orgulhoso, e com certeza ouviu dizer que Mrs. Long não tem carruagem e que teve de ir ao baile num carro alugado.

— Pouco me importa que ele não tenha conversado com Mrs. Long — disse Miss Lucas —, mas eu queria que tivesse dançado com Eliza.

— Se eu fosse você, Lizzy — disse a mãe —, na próxima vez me recusaria a dançar com ele.

— Creio que posso lhe prometer com segurança que nunca mais dançarei.

— O seu orgulho não me ofende tanto — disse Miss Lucas — como o orgulho em geral, porque existe um motivo para ele. Não é de admirar que um rapaz tão distinto, com família, fortuna, tudo a seu favor, tenha de si mesmo uma alta opinião. Se posso exprimir-me assim, ele tem o direito de ser orgulhoso.

— Isto é bem verdade — replicou Elizabeth —, e eu perdoaria facilmente o seu orgulho se Mr. Darcy não tivesse mortificado o meu.

— O orgulho — observou Mary, que se gabava da solidez das suas reflexões — é um defeito muito comum, creio eu. Por tudo o que tenho lido, estou mesmo convencida de que é muito comum, que a natureza humana manifesta uma tendência muito acentuada para o orgulho, que são pouquíssimos os que não alimentam esse sentimento, fundados nalguma qualidade real ou imaginária! A vaidade e o orgulho são coisas diferentes, embora as palavras sejam frequentemente usadas como sinônimos. Uma pessoa pode ser orgulhosa sem ser vaidosa. O orgulho se relaciona mais com a opinião que temos de nós mesmos, a vaidade com o que desejaríamos que os outros pensassem de nós.

— Se eu fosse tão rico quanto Mr. Darcy — gritou um jovem Lucas, que tinha vindo com as suas irmãs — não me importaria de ser orgulhoso, teria uma matilha de perdigueiros e beberia uma garrafa de vinho todos os dias.

— Nesse caso você beberia muito mais do que deveria —

disse Mrs. Bennet. — E se eu o visse ocupado desse modo, arrebatá-la-ia a garrafa imediatamente.

O menino contestou que ela fizesse tal coisa. Mrs. Bennet continuou a declarar que o faria e a discussão só terminou com a visita.

6

As senhoras de Longbourn breve foram visitar as de Netherfield. A visita foi paga segundo a etiqueta. As maneiras agradáveis de Miss Bennet incrementaram a boa vontade de Mrs. Hurst e Miss Bingley; e embora a mãe fosse julgada intolerável e as irmãs mais moças indignas de atenção, as irmãs de Mr. Bingley manifestaram desejo de estreitar relações com as duas filhas mais velhas dos Bennet. Jane recebeu esta atenção com o maior prazer, porém Elizabeth continuou a achar desdenhosa a maneira pela qual elas tratavam todo o mundo, sem excetuar mesmo a sua irmã e não conseguiu simpatizar com essas pessoas. A amabilidade com que tratavam Jane se originava provavelmente na influência que a admiração de Mr. Bingley exercia sobre as duas irmãs. Era evidente, sempre que se encontravam, que ele de fato admirava Miss Bennet e para Elizabeth era igualmente evidente que Jane cedia à preferência que Mr. Bingley começara a manifestar por ela desde o início, e que devia estar de certo modo muito apaixonada. Elizabeth refletia, com prazer, que não era provável que alguém o descobrisse, pois Jane unia uma grande força de sentimentos a uma descrição de gênio e a uma disposição uniformemente alegre que a preservaria da suspeita de pessoas impertinentes. Ela fez essas reflexões à sua amiga Miss Lucas.

— Deve ser talvez agradável — replicou Charlotte — poder enganar o público em tais casos, mas às vezes é desvantajoso ser tão reservada. Se uma mulher esconde a sua afeição com igual habilidade àquele que constitui o objeto dessa afeição, pode perder a oportunidade de conquistá-lo. E neste caso é um parco consolo refletir que os outros permanecem na mesma ignorância. Existe tanta gratidão e vaidade em quase todas as afeições que é perigoso abandoná-las à sua sorte — todos podemos

começar livremente, uma ligeira preferência é bastante natural, mas são poucos os que têm o coração bastante firme para amar sem receber alguma coisa em troca. Em noventa por cento dos casos, uma mulher deve mostrar mais afeição do que a que ela realmente sente. É evidente que Bingley gosta da sua irmã, mas ele pode nunca passar disto se ela não o auxiliar.

— Mas Jane o auxilia tanto quanto a sua natureza o permite. Se eu posso perceber a preferência que ela tem por ele, Bingley seria um homem bem simplório se não o descobrisse também.

— Lembre-se, Lizzy, de que ele não conhece o temperamento de Jane como você.

— Mas se uma mulher manifesta preferência por um homem e não se esforça por encobrir os seus sentimentos, ele acabará sabendo.

— Talvez acabe se a vir frequentemente. Mas embora Bingley e Jane se encontrem bastante frequentemente, nunca estão muitas horas juntos. E como sempre se veem no meio de muitas outras pessoas, é impossível que estejam a cada momento conversando um com o outro. Jane, portanto, devia tirar o maior partido de cada meia hora em que pode dispor da atenção de Bingley. Quando estiver certa dele, haverá tempo bastante para se apaixonar tanto quanto ela o deseja.

— Seu plano é bom — replicou Elizabeth — quando está em jogo apenas o desejo de se casar bem; e se eu estivesse decidida a arranjar um marido rico, ou um marido qualquer, seria este o plano que adotaria. Mas estes não são os sentimentos de Jane; ela não está agindo por plano. Por enquanto não tem certeza nem mesmo do grau da sua afeição e nem está segura de que seja uma coisa razoável. Há 15 dias apenas que o conhece. Dançou quatro vezes com ele em Meryton e viu-o uma vez na sua própria casa. Além disso, jantou com ele em companhia de outras pessoas quatro vezes. Não é bastante para formar juízo

acerca do seu caráter.

— Não como você conta as coisas. Se tivesse apenas jantado com Bingley, poderia somente ter descoberto se ele tem bom apetite; mas você deve se lembrar que durante quatro noites seguidas eles estiveram juntos — quatro noites podem levar muito longe.

— Sim, essas quatro noites lhes permitiram verificar que ambos preferem o *vingt et un* ao “jogo do comércio” — mas não creio que tenham conseguido descobrir muita coisa a respeito de outras características importantes das suas pessoas.

— Bem — disse Charlotte —, desejo a Jane, de todo o coração, o mais completo êxito; e creio que, se se casasse com ele amanhã, teria tanta probabilidade de ser feliz como se passasse um ano a estudar-lhe o caráter. A felicidade no casamento é apenas uma questão de sorte. Mesmo que os noivos conheçam mutuamente as suas tendências, mesmo que essas tendências sejam semelhantes, isto em nada contribui para a sua felicidade posterior. As diferenças, que se acentuam com o tempo, são sempre suficientes para que se venha a sofrer o seu quinhão de amargura; é melhor conhecer o menos possível os defeitos da pessoa com a qual temos de passar a vida.

— Você me faz rir, Charlotte; mas a sua teoria não é sensata. Você sabe que ela não o é e que você nunca adotaria pessoalmente esses princípios!

Ocupada em observar as atenções de Mr. Bingley para com a sua irmã, Elizabeth estava longe de suspeitar que estava se tornando o objeto de algum interesse aos olhos do amigo de Mr. Bingley. A princípio, Mr. Darcy nem sequer tinha concordado com os que achavam que ela era bonita.

Olhara-a no baile sem admiração. E da outra vez em que se encontraram, fitara a moça apenas para criticá-la. Mas logo que declarara a si mesmo e aos amigos que Elizabeth não possuía um só traço agradável no rosto, começou a achar que a bela expressão dos seus olhos negros dava àquele

rosto um ar excepcionalmente inteligente. A esta descoberta sucederam outras igualmente humilhantes. Embora o seu olhar crítico houvesse descoberto mais de um defeito na simetria das suas formas, foi forçado a reconhecer que as linhas do seu corpo eram de grande pureza; e apesar da sua afirmação de que as maneiras dela não eram as do mundo elegante, sentiu-se fascinado pela sua encantadora naturalidade. Elizabeth ignorava tudo isto; a seus olhos Mr. Darcy era apenas o homem que não sabia ser agradável em parte alguma e que não a achara suficientemente elegante para dançar com ele. Começou a querer conhecê-la mais intimamente e, para conseguir conversar pessoalmente com Elizabeth, começou a interessar-se pela palestra dela com os outros. Essa sua atitude atraiu a atenção de Elizabeth. O fato se passou em casa de Sir William Lucas, onde grande número de pessoas estavam reunidas.

— Que motivo levou Mr. Darcy — perguntou Elizabeth a Charlotte — a vir escutar a minha conversa com o coronel Forster?

— Esta é uma pergunta que somente Mr. Darcy poderá responder.

— Mas se continua com este jogo, eu lhe farei certamente saber que estou percebendo o que quer com isto. Ele é muito sarcástico e se eu não começar a ser impertinente também, dentro em pouco terei medo dele.

Quando Mr. Darcy se aproximou pouco depois, embora sem a intenção aparente de lhes falar, Miss Lucas desafiou a amiga a mencionar diante dele o assunto que estavam discutindo. Aceitando a provocação, Elizabeth se virou para ele e disse:

— O senhor não acha, Mr. Darcy, que ainda agora eu me exprimi com grande felicidade? Quando eu brinquei com o coronel Forster sobre a possibilidade de ele oferecer-nos um baile em Meryton?

— Com grande energia. Mas este é um assunto que sempre

infunde energia a uma senhora.

— O senhor nos trata com severidade.

— Breve vai chegar a vez de brincarem com ela — disse Miss Lucas. — Eu vou abrir o piano, Eliza, e você sabe o que lhe espera.

— Você é uma estranha amiga; sempre querendo que eu toque e cante diante de todo mundo. Se a minha vaidade tivesse tendência musical, você seria preciosa, mas como este não é o caso, eu preferia não me exhibir diante de pessoas que estão habituadas a ouvir os melhores concertistas.

E como Miss Lucas insistisse, ela acrescentou:

— Muito bem. Se não há outro jeito...

E olhando gravemente para Mr. Darcy continuou:

— Há um velho provérbio que todos aqui naturalmente conhecem: “Guarde o seu sopro para esfriar o seu caldo”, eu conservarei o meu para cantar.

A sua atuação como cantora foi agradável, embora de nenhum modo excepcional. Depois de uma ou duas canções, e antes que ela pudesse responder aos pedidos de várias pessoas que queriam ouvi-la novamente, Elizabeth teve de ceder o lugar à sua irmã Mary, que esperava com impaciência, pois, faltando-lhe todos os atrativos, estudara com grande aplicação e estava portanto sempre pronta a exhibir-se.

Mary não tinha talento, nem gosto. Embora a vaidade lhe tivesse dado perseverança, dera-lhe igualmente um ar pedante e maneiras convencidas, coisas suficientes para obscurecer triunfos maiores do que aqueles que era capaz de alcançar.

Embora não tocasse tão bem, Elizabeth agradara muito mais, graças à sua naturalidade; e Mary, depois de um longo concerto, pôde considerar-se feliz por alcançar alguns elogios, graças a algumas canções escocesas e irlandesas que executou a pedido das suas irmãs mais moças, que na outra extremidade do salão tinham entrado evidentemente

na dança, com alguns dos Lucas e dois ou três oficiais. Mr. Darcy ficou próximo a eles, cheio de silenciosa indignação, diante de uma maneira tão grosseira de passar a noite, impossibilitando toda conversação. Estava tão absorto nos seus pensamentos que só reparou que Sir William se tinha aproximado dele no momento em que este começou a falar:

— Que divertimento encantador para os jovens, Mr. Darcy! Não há nada como a dança. Eu a considero uma das formas mais requintadas de divertimento das sociedades cultas.

— Decerto, Sir William; e a dança tem também a vantagem de estar em moda entre sociedades menos requintadas do mundo. Todos os selvagens sabem dançar.

Sir William apenas sorriu.

— Seu amigo dança muito bem — continuou, depois de uma ligeira pausa, ao ver Bingley reunir-se ao grupo dos que dançavam —; e eu duvido de que o senhor seja um adepto dessa arte, Mr. Darcy.

— O senhor deve ter-me visto dançar em Meryton.

— É verdade. E tive grande prazer. O senhor dança frequentemente em St. James?

— Nunca, Sir William.

— Não acha que seria uma homenagem digna daquele lugar?

— É uma homenagem que eu não concedo a nenhum lugar, se puder evitar.

— O senhor tem uma casa em Londres, não é assim?

Mr. Darcy se inclinou.

— Já tive projetos de me fixar também na cidade — prosseguiu Sir William —, pois aprecio muito a sociedade.

Mas tive receio de que o ar de Londres não conviesse a Lady Lucas.

Ele se deteve, com a esperança de que o outro lhe respondesse. Mas o seu companheiro não estava disposto a isto. E como Elizabeth se aproximasse naquele instante, Sir William pensou praticar um ato muito galante chamando-a.

— Minha cara Eliza, por que não está dançando? — Mr. Darcy, permita-me apresentar-lhe esta jovem senhora como um par bastante desejável. O senhor, estou certo, não poderá se recusar a dançar, quando se encontra ante tão grande beleza...

E tomando a mão de Elizabeth, Sir William a teria dado a Mr. Darcy, que embora extremamente surpreso não se teria recusado a aceitá-la, quando a moça recuou subitamente e disse um pouco bruscamente para Sir William:

— Sir William, não tenho a menor intenção de dançar. Suplico-lhe que não suponha que me dirigi para este lado a fim de arranjar um par.

Mr. Darcy, com grande amabilidade, pediu-lhe que lhe concedesse a honra da sua mão; pediu em vão. Elizabeth estava decidida; Sir William tampouco conseguiu abalar a sua decisão, com a sua tentativa de persuadi-la:

— A senhora dança tão bem, Miss Eliza, que seria cruel negar-me a felicidade de apreciá-la; e embora esse gentleman não aprecie esse divertimento, em geral, não fará nenhuma objeção, estou certo.

— Mr. Darcy é muito amável — disse Elizabeth, sorrindo.

— De fato; mas considerando a tentação, minha cara Miss Eliza, não podemos surpreender-nos de que ele se mostre disposto, pois quem faria objeção a um par como a senhora?

Elizabeth lançou-lhe um olhar malicioso e virou-se. A sua resistência não ofendera Mr. Darcy; pelo contrário, ele estava pensando na moça com certa complacência, quando foi abordado por Miss Bingley.

— Creio que conheço o objeto do seu devaneio.

— Penso que não.

— O senhor está pensando como seria insuportável passar muitas noites deste modo, numa sociedade como esta.

Aliás, estou de acordo com o senhor. Nunca me aborreci tanto! A insipidez, apesar deste barulho, a futilidade, apesar do ar de importância de toda esta gente. O que eu não daria

para ouvi-lo falar com severidade...

— Asseguro-lhe que a sua conjectura é inteiramente falsa. Estava pensando em coisas muito mais agradáveis. Estive meditando no prazer que nos pode dar um par de belos olhos no rosto bonito de uma mulher.

Miss Bingley imediatamente fixou o seu olhar no rosto de Mr. Darcy, e exprimiu o desejo de que ele dissesse o nome da senhora que lhe inspirara tais reflexões. Mr. Darcy respondeu intrepidamente:

— Miss Elizabeth Bennet.

— Miss Elizabeth Bennet! — repetiu Miss Bingley. — Estou assombrada. Desde quando Miss Elizabeth se tornou a sua favorita? Quando lhe poderei desejar felicidades?

— Esta é exatamente a pergunta que esperava da sua parte. A imaginação das mulheres é muito veloz. Salta da admiração para o amor. Do amor para o casamento, num instante. Sabia que ia me desejar felicidades.

— Se fala tão seriamente, considerarei o assunto absolutamente decidido. Terá uma encantadora sogra e naturalmente ela há de estar sempre em Pemberley consigo.

E enquanto ela se divertia desse modo, Mr. Darcy a ouvia com perfeita indiferença; e como a sua tranquilidade a convencesse de que nada estava perdido, Miss Bingley deu livre curso à sua ironia.

A fortuna de Mr. Bennet consistia quase que exclusivamente numa propriedade que lhe rendia duas mil libras por ano. Infelizmente para as suas filhas, esta propriedade estava legada a um parente distante, pois não havia herdeiros masculinos diretos; e a fortuna da sua mãe, embora suficiente para a sua situação na vida, mal bastava para suprir as deficiências da fortuna de seu pai. O pai de Mrs. Bennet tinha sido um advogado em Meryton e lhe deixara quatro mil libras. Ela tinha uma irmã casada com um certo Mr. Philips, que fora empregado de seu pai e lhe sucedera no negócio. Tinha igualmente um irmão estabelecido em Londres com um respeitável ramo de comércio.

A aldeia de Longbourn distava apenas uma milha de Meryton. Essa distância convinha perfeitamente às moças, que gostavam muito de passear nesta última localidade, três ou quatro vezes por semana, para visitar a tia e a loja de uma modista, que ficava situada no caminho. As mais jovens da família, Katherine e Lydia, eram as que mais frequentemente faziam aquele trajeto; tinham menos coisas que as preocupassem e quando nada mais interessante se oferecia, necessitavam de uma caminhada até Meryton, a fim de preencher as horas da manhã e fornecer assunto para as conversações da noite. E por mais insuficientes que fossem as novidades que encontrassem pelo caminho, conseguiam sempre extrair algumas da sua tia.

Presentemente, aliás, elas se encontravam bem-supridas, quer de notícias, quer de felicidade, graças à chegada recente de um regimento da milícia. O regimento deveria permanecer em Meryton durante todo o inverno, e lá estava a sede do comando. As visitas das meninas a Mrs. Philips eram agora bem divertidas. Cada dia acrescentava novas informações ao que já sabiam acerca dos nomes dos oficiais e das suas relações. O lugar onde esses oficiais residiam

não permaneceu muito tempo em segredo. E, finalmente, elas começaram a travar conhecimento com os próprios oficiais. Mr. Philips os visitou a todos e isto abriu para as suas sobrinhas as portas de uma felicidade até então desconhecida.

Não falavam de outro assunto; e a grande fortuna de Mr. Bingley, tema que invariavelmente despertava uma grande animação no meio das moças, era indiferente aos olhos de Katherine e de Lydia, perto dos assuntos que se referissem ao regimento.

Depois de ouvir, certa manhã, as suas efusivas discussões sobre isso, Mr. Bennet observou, friamente:

— Pelo que eu deduzo das suas conversas, vocês devem ser duas das moças mais tolas do país. Já o suspeitava, mas agora estou convencido.

Katherine ficou embaraçada e não deu resposta; mas Lydia, com perfeita indiferença, continuou a exprimir a admiração que sentia pelo capitão Carter e a esperança que tinha de vê-lo ainda naquele dia, pois ele devia partir para Londres na manhã seguinte...

— Espanta-me, meu caro — disse Mrs. Bennet —, a facilidade com que você diz que as suas próprias filhas são tolas. Se eu quisesse menoscar os filhos de alguma pessoa, não escolheria decerto os meus.

— Se minhas filhas são tolas, espero nunca me iludir a este respeito.

— Sim, mas acontece que todas são muito inteligentes.

— Este é o único ponto — e disto eu me gabo — sobre o qual não estamos de acordo. Eu tinha tido esperança de que os nossos sentimentos coincidissem em tudo, porém, sou obrigado a diferir de você neste ponto. Acho que as nossas duas filhas mais moças são excepcionalmente tolas...

— Meu caro Mr. Bennet, você não deve esperar que as meninas tenham o mesmo juízo que o pai e a mãe. Quando elas atingirem a nossa idade, eu lhe asseguro que não pensarão mais em oficiais. Lembro-me do tempo em que eu

gostava também de uma túnica vermelha e, aliás, no fundo do coração, ainda gosto. E se algum jovem coronel com cinco ou seis mil libras por ano pedir uma das minhas filhas, eu não lha recusarei; achei o coronel Forster muito distinto no seu uniforme, no dia em que estive na casa de Sir William.

Não é? — gritou Lydia. — Minha tia contou que o coronel Forster e o capitão Carter não estão mais indo tão frequentemente em casa de Miss Watson, como o faziam logo depois que chegaram. Minha tia os vê agora frequentemente na livraria do Clarke.

A entrada de um criado que trazia um bilhete para Miss Jane impediu que Mrs. Bennet respondesse. O bilhete vinha de Netherfield, e o criado esperava uma resposta. Os olhos de Mrs. Bennet brilhavam de prazer e ela perguntava repetidamente, enquanto sua filha lia:

— Bem, Jane, de quem é o bilhete? De que se trata? Que é que diz o bilhete? Vamos, Jane, leia depressa e nos conte. Depressa, meu bem.

— É de Miss Bingley — respondeu Jane.

Em seguida leu a missiva, em voz alta:

Minha cara amiga: se você não tiver pena de nós e não vier jantar comigo e com Louisa hoje à noite, correremos o risco de nos odiarmos pelo resto da vida, pois duas mulheres não podem passar um dia inteiro em tête-à-tête sem brigar. Venha assim que tiver recebido o presente bilhete. Meu irmão e os outros senhores vão jantar com os oficiais. Sua amiga de sempre,

Caroline Bingley.

— Com os oficiais! — gritou Lydia. — Por que será que a minha tia não nos disse isto?

— Vão jantar fora —, disse Mrs. Bennet —; isto é realmente uma pena.

— Posso usar a carruagem? — perguntou Jane.

— Não, meu bem, é melhor você ir a cavalo, pois parece que vai chover; e neste caso você terá que pernoitar lá.

— Seria um bom plano — disse Elizabeth — se a senhora tivesse a certeza de que eles não se ofereceriam para acompanhá-la de volta.

— Oh, mas os cavalheiros terão que usar a carruagem de Mr. Bingley para ir até Meryton; e os Hursts não possuem cavalo para a sua.

— Eu preferia ir de carro.

— Mas, meu bem, seu pai não pode dispensar os cavalos. Eles são necessários para o serviço da fazenda, não são, Mr. Bennet?

— Eles são precisos para a fazenda muito mais vezes do que consigo obtê-los.

— Mas se precisar hoje — disse Elizabeth — o projeto de minha mãe estará realizado.

E ela conseguiu afinal extorquir do pai um atestado de que os cavalos estavam ocupados. Jane foi obrigada a ir a cavalo e sua mãe a acompanhou até a porta, com muitos prognósticos alegres de mau tempo. Suas esperanças foram correspondidas. Não havia muito que Jane tinha partido quando começou a chover fortemente. Suas irmãs ficaram inquietas por Jane, mas a mãe ficou radiante. A chuva continuou toda a noite sem parar. Jane decerto não podia voltar.

— Foi uma feliz ideia que eu tive — disse Mrs. Bennet mais de uma vez, como se lhe coubesse também a glória de ter feito chover. Entretanto, foi só na manhã seguinte que compreendeu até que ponto o seu plano tinha sido feliz. Mal terminara o café da manhã, quando o criado de Netherfield trouxe o seguinte bilhete para Elizabeth:

Minha querida Lizzy: Sinto-me muito indisposta esta manhã, e creio que isto é devido ao fato de ter me molhado muito ontem à noite. Meus amigos se recusam a deixar-me partir

enquanto não esteja melhor. Insistem também para que eu chame Mr. Jones. Portanto, não se alarmem se ouvirem contar que ele veio ver-me. E a não ser dor de garganta e dor de cabeça, não tenho nada de mais. Sua, etc.

— Bem, minha cara mulher — disse Mr. Bennet, depois que Elizabeth acabou de ler o bilhete em voz alta —, se a sua filha caísse gravemente doente, se morresse, seria um conforto saber que foi tudo para conquistar Mr. Bingley e por ordem sua.

— Oh, não tenho medo que ela morra. Ninguém morre de um pequeno resfriado. Ela será bem-tratada. Enquanto estiver lá, tudo vai muito bem. Eu iria vê-la se pudesse usar a carruagem.

Elizabeth, sentindo-se realmente ansiosa, tinha decidido ir ver a irmã, embora a carruagem não pudesse ser usada. Mas como não sabia montar, a única alternativa era ir a pé. — Que tolice — gritou a mãe —, ir a pé com toda esta lama! Você chegará lá num estado lamentável.

— Chegarei lá em estado de ver Jane e isto é tudo o que desejo.

— Isto é uma indireta para mim — falou o pai —, para que eu mande buscar os cavalos?

— Não, de nenhum modo. Não me importo de ir a pé. A distância é curta quando se tem um bom motivo; apenas três milhas. Estarei de volta para o jantar.

— Admiro a atividade da sua benevolência — observou Mary. — Mas cada impulso ou sentimento devia ser guiado pela razão. E no seu modo de ver as coisas, o esforço devia sempre ser relativo ao fim que a gente se propõe alcançar.

— Iremos juntas com você até Meryton — disseram Katherine e Lydia.

Elizabeth aceitou a companhia e as três moças partiram juntas.

— Se andarmos mais depressa — disse Lydia enquanto caminhava —, talvez ainda cheguemos a tempo de ver o

capitão Carter antes da sua partida.

Em Meryton as moças se separaram. As duas mais jovens se dirigiram para a residência da esposa de um dos oficiais e Elizabeth continuou a andar sozinha, atravessando campo após campo, pulando cercas e saltando por sobre poças d'água, com impaciência, e afinal encontrou-se a pouca distância da casa, com os tornozelos doídos, as meias sujas e o rosto corado pelo exercício.

Foi introduzida numa sala de almoço onde todos estavam reunidos com exceção de Jane. O seu aparecimento causou bastante surpresa. Mrs. Hurst e Miss Bingley acharam incrível que ela tivesse caminhado três milhas tão cedo, com tanta umidade e sozinha; e Elizabeth ficou convencida que elas a desprezaram por isto. Receberam-na, entretanto, muito amavelmente. Quanto ao irmão dessas senhoras, havia nas suas maneiras mais do que simples polidez; havia bom humor e bondade. Mr. Darcy falou muito pouco e Mr. Hurst não disse nada. O primeiro estava em dúvida sobre se devia admirar as belas cores que o exercício emprestara ao rosto da moça ou se refletir que o motivo talvez não justificasse a sua vinda sozinha, de tão longe. O segundo pensava apenas no seu café da manhã.

As perguntas que Elizabeth fez a respeito da sua irmã não foram favoravelmente respondidas. Miss Bennet tinha dormido mal, e embora estivesse de pé, sentia-se muito febril e não podia sair do quarto. Elizabeth disse que gostaria de vê-la imediatamente; e Jane, a quem apenas o medo de causar incômodo e de produzir inquietude impedira de exprimir no seu bilhete o quanto ansiava por uma visita, ficou encantada ao ver a irmã entrar. Não estava entretanto em estado de conversar muito e quando Miss Bingley as deixou, juntas, Jane pouco mais pôde exprimir além da gratidão que sentia pela extraordinária bondade com que era tratada. Elizabeth a ouviu em silêncio.

Depois que o café da manhã estava terminado, as irmãs de Mr. Bingley entraram no quarto; e Elizabeth começou a

simpatizar com elas quando viu com quanta afeição e solicitude tratavam Jane. O farmacêutico veio e, tendo examinado a paciente, disse, como era de supor, que ela tinha apanhado um violento resfriado, e que necessitava de tratamento. Aconselhou que voltasse para a cama e prometeu que lhe enviaria remédios. O conselho foi seguido, pois os sintomas da febre se agravaram, bem como a dor de cabeça. Elizabeth não saiu nem uma só vez do quarto; nem as outras senhoras tampouco ficaram muito tempo ausentes: como os cavalheiros estivessem fora, não tinham de fato outra coisa a fazer. Quando o relógio bateu três horas, Elizabeth sentiu que devia partir. E muito contra a sua vontade, disse o que sentia. Miss Bingley lhe ofereceu a carruagem, e ela estava quase aceitando, quando Jane se mostrou tão pouco disposta a separar-se da irmã que Miss Bingley foi obrigada a converter a oferta da carruagem num convite para pernoitar em Netherfield. Elizabeth consentiu com gratidão e um criado foi mandado a Longbourn a fim de prevenir a família e trazer de volta um sortimento de roupas.

Às cinco horas, as duas senhoras se retiraram para vestir-se e às seis e meia Elizabeth foi chamada para jantar. Às amáveis perguntas com que a cumularam, entre as quais teve o prazer de distinguir a solicitude muito superior de Mr. Bingley, não pôde ela dar uma resposta muito favorável. Jane não estava nada melhor. As irmãs, ouvindo isto, repetiram três ou quatro vezes que sentiam muito e que era bastante desagradável resfriar-se, e que detestavam ficar doentes. E depois não pensaram mais no assunto. A indiferença que manifestaram para com Jane, longe da sua presença imediata, restituiu a Elizabeth o prazer de detestá-las como antigamente.

Mr. Bingley era aliás o único do grupo que ela podia olhar com alguma complacência. O seu cuidado com Jane era evidente. As atenções com que cumulava Elizabeth eram bastante agradáveis. E essas atenções a impediam de sentir-se como a intrusa que a seu ver as outras pessoas a consideravam. E a não ser de Mr. Bingley não recebeu atenções de mais ninguém: Miss Bingley estava fascinada por Mr. Darcy, sua irmã pouco menos do que ela e, quanto a Mr. Hurst, que Elizabeth tinha a seu lado, era um homem indolente, que vivia apenas para comer, beber e jogar cartas; quando ele verificou que Elizabeth preferia um prato mais simples a um ragout, perdeu toda vontade de conversar com ela.

Depois do jantar Elizabeth voltou imediatamente para perto de Jane e, assim que saiu da sala, Miss Bingley começou a falar mal dela. Não achava boas as suas maneiras.

Revelaram, a seu ver, um misto de orgulho e impertinência. Ela não sabia conversar, não tinha estilo, gosto e nem beleza. Mrs. Hurst pensava a mesma coisa e acrescentou: — Nada tem, em suma, que a recomende, senão ser uma excelente andarilha. Nunca esquecerei de como nos

apareceu hoje de manhã. Parecia quase uma selvagem.

— É verdade, Louisa, quase não pôde impedir-me de rir. Que absurdo ela ter vindo. Que sentido tem vir correndo pelo campo só porque a irmã apanhou um resfriado? O cabelo dela estava tão desarrumado, tão despenteado!

— Sim, e a saia dela? Espero que você tenha visto a sua saia. A barra estava toda suja de lama.

— Sua descrição pode ser muito exata, Louisa — disse Bingley —, mas não reparei nada disso. Achei que Miss Elizabeth Bennet estava muito bonita quando hoje de manhã entrou na sala. As saias sujas de lama escaparam à minha atenção.

— O senhor viu, com certeza, Mr. Darcy — disse Miss Bingley. — E eu estou inclinada a pensar que o senhor não gostaria que sua irmã se exibisse deste modo.

— Decerto que não.

— Andar três ou quatro milhas, ou cinco milhas, ou lá o que seja, com os tornozelos metidos na lama, e sozinha, inteiramente sozinha! Que significa isto? Parece-me mostrar um conceito abominável de independência, uma indiferença toda campestre da mais elementar decência.

— Mostra a afeição que ela tem pela irmã — disse Bingley.

— Creio, Mr. Darcy — observou Miss Bingley, quase num sussurro —, que esta aventura deve ter afetado a admiração que o senhor tinha pelos seus belos olhos.

— De modo algum — replicou ele. — Achei que o exercício os tornaram ainda mais brilhantes.

Depois de uma curta pausa, Mrs. Hurst recomeçou a falar:

— Eu gosto imensamente de Jane Bennet, ela é realmente uma ótima menina. Desejaria de todo o coração que ela se casasse. Mas, com um pai daqueles, com uma mãe daquelas e com relações tão baixas, creio que não tem nenhuma probabilidade de se casar.

— Creio que ouvi dizer que o tio é advogado em Meryton.

— Sim, e outro tio dela mora perto de Cheapside.

— Isto é definitivo — acrescentou a irmã.

E ambas riram cordialmente.

— Se elas tivessem tantos tios que bastassem para encher todo o Cheapside — exclamou Bingley —, isto não as tornaria nem um pinga menos agradáveis.

— Mas é lógico que deve diminuir muito as probabilidades de se casarem com homens de importância social — replicou Darcy.

A esta declaração, Bingley nada respondeu. Mas suas irmãs concordaram com entusiasmo e durante algum tempo caçoaram das relações vulgares da sua cara amiga.

Com uma ternura renovada, entretanto, voltaram para o quarto assim que saíram da sala de jantar, e fizeram companhia a Jane, até que foram chamadas para o café.

Jane ainda estava muito fraca e Elizabeth não podia sair nem um momento do seu lado. Finalmente, tarde, ao anoitecer, quando viu que a irmã dormia, Elizabeth achou que devia descer para se distrair um pouco. Ao entrar no salão, encontrou o grupo todo jogando loo e foi imediatamente convidada a tomar parte no jogo; mas, desconfiando de que eles estavam jogando muito alto, recusou e, dando como desculpa o estado da sua irmã, disse que se distrairia com um livro durante os poucos instantes que passasse ali embaixo.

Mr. Hurst olhou para ela com grande espanto.

— Prefere ler a jogar cartas? — disse ele. — Isto é estranho.

— Miss Elizabeth Bennet — disse Mr. Bingley — despreza os jogos de cartas. Lê muito e não encontra prazer noutra coisa.

— Não mereço nem o elogio nem a censura — exclamou Elizabeth. — Não sou uma grande leitora e encontro prazer em muitas outras coisas.

— Estou certo que tem prazer em tratar da sua irmã — disse Bingley. — Espero que breve será recompensada com o seu completo restabelecimento.

Elizabeth agradeceu de coração e em seguida dirigiu-se para a mesa sobre a qual havia alguns livros. Bingley

imediatamente se ofereceu para ir buscar mais alguns, todos os de que dispunha na sua biblioteca.

— Desejaria para seu benefício e meu próprio crédito que a coleção fosse maior; mas sou um sujeito preguiçoso e, embora não possua muito livros, ainda não os li todos.

Elizabeth lhe assegurou que aqueles que estavam na sala eram mais do que suficientes.

— Causa-me espanto — disse Miss Bingley — ter meu pai nos deixado uma tão pequena coleção de livros. Que magnífica biblioteca o senhor tem em Pemberley, Mr. Darcy!

— Não é de estranhar — replicou ele —, é o trabalho de muitas gerações.

— E depois o senhor aumentou muito a biblioteca; está sempre comprando livros!

— Não compreendo o pouco caso com que se tratam as bibliotecas de família, hoje em dia. Estou certa que o senhor não se esquece de nada do que possa aumentar as belezas daquele nobre lugar. Charles, quando você construir a sua casa, desejaria que fosse tão aprazível quanto Pemberley.

— Eu também desejo.

— Aconselho-o a comprar uma propriedade naquelas redondezas e tomar Pemberley como uma espécie de modelo. Não há condado mais aprazível na Inglaterra do que o Derbyshire.

— De todo o coração. Comprarei o próprio Pemberley se Darcy quiser vendê-lo.

— Estou falando de possibilidades, Charles.

— Palavra de honra, Caroline, acho que é mais possível comprar Pemberley do que imitá-lo.

Elizabeth estava tão interessada no que estavam dizendo que não podia prestar muita atenção ao livro; e daí a pouco, largando-o, aproximou-se da mesa de jogo, colocando-se entre Mr. Bingley e sua irmã mais velha, a fim de observar o jogo.

— Miss Darcy cresceu muito desde a primavera? — perguntou Miss Bingley. — Ela vai ficar da minha altura?

— Penso que sim. Está agora da altura de Miss Elizabeth Bennet ou talvez um pouco mais alta.

— Queria muito tornar a vê-la. Nunca encontrei uma pessoa tão encantadora. Que modos, que delicadeza... E como é prendada para a sua idade! Ela toca piano divinamente.

— Espanta-me a capacidade que têm as moças de se tornarem tão prendadas — disse Bingley.

— Todas as moças são prendadas! Meu caro Charles, que quer você dizer com isto?

— Sim, todas desenham mesas, forram biombos e fazem bolsas de tricô. Não conheço uma só moça que não saiba fazer todas estas coisas. E nunca ouvi mencionar o nome de uma moça pela primeira vez sem que me informassem que era muito prendada.

— A sua lista dos talentos comuns — disse Darcy — é verdadeira demais. A palavra prendada é aplicada a muitas moças somente porque sabem tricotar uma bolsa ou forrar um biombo. Mas estou longe de concordar com você no seu julgamento sobre as moças em geral. Apesar do grande número das minhas relações, não posso gabar-me de conhecer mais de meia dúzia de moças que são realmente prendadas.

— Nem eu — disse Miss Bingley.

— Nesse caso — observou Elizabeth —, deve exigir muitas qualidades para o seu ideal de mulher perfeita.

— De fato, exijo muitas qualidades.

— Oh, certamente — exclamou a sua fiel aliada. —

Nenhuma mulher pode ser realmente considerada completa se não se elevar muito acima da média. Uma mulher deve conhecer bem a música, deve saber cantar, desenhar, dançar e falar as línguas modernas a fim de merecer esse qualificativo, e além disso, para não o merecer senão pela metade, é preciso que possua um certo quê em sua maneira de andar, o tom da voz e no modo de exprimir-se.

— Sim, deve possuir tudo isso — acrescentou Darcy. — E acrescentar ainda alguma coisa mais substancial: o

desenvolvimento do seu espírito pela leitura intensa.

— Já não me espanto de que conheça apenas seis mulheres completas, espanto-me é de que conheça alguma.

— Julga com tanta severidade o seu sexo, que duvida da possibilidade de tudo isto?

— Eu nunca vi uma tal mulher. Nunca vi tanta capacidade de aplicação, gosto e elegância reunidas numa só pessoa.

Mrs. Hurst e Miss Bingley protestaram juntas contra a injustiça contida naquela dúvida. E ambas declararam que conheciam muitas mulheres que correspondiam àquelas exigências. Nesse momento Mr. Hurst chamou-as à ordem, queixando-se amargamente da pouca atenção com que jogavam. A conversa cessou de súbito e Elizabeth, logo depois, voltou para o quarto.

— Eliza Bennet — disse Miss Bingley, assim que a porta se fechou — é uma dessas moças que procuram se fazer aos olhos das pessoas do outro sexo falando mal do seu próprio; e muitos homens se deixam enganar por isto. Mas, na minha opinião, é um estratagemma muito baixo.

— Sem dúvida — replicou Darcy, a quem principalmente se dirigia a observação —, existe baixeza em todos os estratagemmas que as senhoras às vezes condescendem em empregar para cativar. Tudo o que tem afinidade com a astúcia é desprezível.

Miss Bingley não se sentiu inteiramente satisfeita com esta resposta, que não a encorajava a prosseguir no assunto.

Elizabeth tornou a entrar para avisar que a irmã estava pior e que não podia deixá-la. Bingley insistiu para que Mr. Jones fosse chamado imediatamente; suas irmãs, convencidas de que os recursos médicos da aldeia não eram suficientes para o caso, recomendaram que se enviasse um expresso para a cidade, chamando um dos médicos mais eminentes de Londres. Elizabeth recusou, mostrando-se no entanto disposta a aceitar a sugestão de Bingley. Ficou decidido que Mr. Jones seria chamado no dia seguinte de manhã cedo, caso Miss Bennet não amanhecesse francamente melhor.

Bingley mostrou-se muito inquieto; suas irmãs declararam que estavam inconsoláveis. Consolaram entretanto a sua tristeza cantando duetos depois da ceia, enquanto Bingley tranquilizava as suas inquietudes dando ordens à sua caseira para que todas as atenções possíveis fossem dispensadas à moça doente e à sua irmã.

Elizabeth passou a maior parte da noite no quarto da irmã e de manhã teve o prazer de poder enfim mandar respostas mais tranquilizadoras aos recados que recebera muito cedo de Mr. Bingley, por intermédio de uma criada e, algum tempo depois, pelas elegantes damas de companhia das irmãs do dono da casa. Apesar dessas melhoras, Elizabeth pediu que enviassem um bilhete a Longbourn pedindo que sua mãe viesse visitar Jane e tomasse pessoalmente as providências que a situação exigia. O bilhete foi despachado imediatamente e a resposta não tardou. Mrs. Bennet, acompanhada pelas suas duas filhas mais moças, chegou a Netherfield pouco depois do almoço.

Se tivesse encontrado Jane aparentemente em perigo, Mrs. Bennet teria ficado extremamente desolada; mas vendo que a doença não era grave, não desejou que ela se restabelecesse imediatamente, pois isto significaria provavelmente o seu regresso de Netherfield. Repeliu portanto a proposta que lhe fez Jane, que desejava ser transportada para casa. O farmacêutico tampouco achou a ideia razoável. E, depois de se ter demorado algum tempo com Jane, Mrs. Bennet e suas três filhas aceitaram o convite que lhes veio fazer Miss Bingley para que fossem almoçar. Bingley veio ao encontro de Mrs. Bennet, exprimindo-lhe a sua esperança de que não tivesse encontrado Miss Bennet pior do que esperava.

— Realmente, eu a encontrei pior do que esperava — respondeu Mrs. Bennet. — O seu estado não permite que ela seja transportada. Mr. Jones disse que nem devemos pensar nisto. Seremos obrigadas a abusar mais algum tempo da sua hospitalidade.

— Transportá-la? — exclamou Bingley — nem devemos pensar nisto. Minha irmã, estou certo, não o permitirá.

— Pode ficar certa, madame — disse Miss Bingley com fria

amabilidade —, que Miss Bennet receberá todas as atenções enquanto estiver em nossa casa.

Mrs. Bennet agradeceu efusivamente.

— Estou certa — acrescentou ela — de que se não fossem os bons amigos que tem, a sua situação seria muito grave, pois está realmente muito doente; sofre muito, embora com uma paciência admirável; aliás, é sempre assim, pois ela tem, sem nenhuma dúvida, o gênio mais dócil do mundo. Eu sempre digo às minhas outras filhas que nada são perto de Jane. O quarto em que ela está, Mr. Bingley, é muito agradável e tem uma encantadora vista sobre a aleia principal. Não conheço outro lugar no país que seja tão agradável quanto Netherfield. Espero que o senhor não se apresse a abandoná-lo, embora o tenha alugado por pouco tempo.

— Tudo o que faço — replicou ele — é às pressas e, portanto, se resolvesse deixar Netherfield, eu o faria provavelmente em cinco minutos.

— Isso é exatamente o que eu supunha da sua parte — disse Elizabeth.

— Está começando a compreender-me? — exclamou, virando-se para Elizabeth.

— Compreendo-o perfeitamente.

— Desejaria poder aceitar a sua declaração como um elogio, mas acho que ser tão transparente é lamentável.

— Em geral é assim, mas não se segue necessariamente que um caráter profundo e complicado seja mais estimável do que o seu.

— Lizzy, gritou a sua mãe —, lembre-se de onde está e não se precipite como se estivesse em casa.

— Não sabia — continuou Bingley imediatamente — que a senhorita era uma tão grande estudiosa dos caracteres. Deve ser um estudo absorvente.

— Sim, mas os caracteres complexos são os mais interessantes. Pelo menos têm a vantagem de ser complicados.

— O campo — disse Darcy — oferece em geral poucos exemplares para um tal estudo. A sociedade em que nos movemos no campo é em geral muito limitada e monótona.

— Mas as pessoas em si mudam tanto que sempre existe nelas alguma coisa de novo a observar.

— Realmente — exclamou Mrs. Bennet, ofendida pela maneira como ele se referia aos moradores do campo. — Asseguro-lhes que existe tanta monotonia na cidade como no campo.

Todos ficaram surpreendidos e Darcy, depois de fitá-la um instante, virou-se para o outro lado em silêncio.

Mrs. Bennet, que imaginava ter ganho uma vitória completa sobre o outro, continuou, triunfante:

— Não vejo em que Londres tenha tão grande vantagem sobre o campo, exceto quanto às lojas e lugares públicos. O campo é muito mais agradável, não é, Mr. Bingley?

— Quando estou no campo — respondeu este — nunca desejo ir embora. E quando estou na cidade, acontece a mesma coisa. Cada lugar tem as suas vantagens. Eu me sinto igualmente bem em ambos.

— Sim, isto é porque o senhor tem boa vontade. Mas aquele gentleman — disse, olhando para Darcy — parece que detesta o campo.

— Você está enganada, mamãe — disse Elizabeth, envergonhada com a simplicidade da sua mãe. — Você não compreendeu Mr. Darcy. Ele quis apenas dizer que não há tão grande variedade de tipos no campo quanto na cidade. E você tem de reconhecer que isto é verdade.

— Certamente, meu bem, ninguém disse o contrário. Mas, quanto ao pequeno número de pessoas que moram nesta redondeza, creio que existem poucas regiões mais habitadas. Sei que nos damos com 24 famílias.

Se não fosse a sua vontade de agradar Elizabeth, Bingley teria estourado de rir. Sua irmã foi menos delicada e lançou para Mr. Darcy um olhar acompanhado de um sorriso muito expressivo. Elizabeth, a fim de desviar as ideias de sua mãe,

perguntou-lhe se Charlotte Lucas estivera em Longbourn desde que ela, Elizabeth, saíra de lá.

— Sim, Charlotte veio ontem com o pai. Que homem agradável, Sir William, não acha, Mr. Bingley? E um homem tão moderno, tão educado, tão gentil... Para todo o mundo ele sempre tem alguma coisa que dizer. É assim que eu entendo a boa educação. E essas pessoas que se imaginam muito importantes e nunca abrem a boca estão inteiramente enganadas.

— Charlotte jantou lá em casa?

— Não, ela preferiu ir embora. Creio que estavam precisando dela por causa dos croquetes. Quanto a mim, Mr. Bingley, sempre tomo criados que sabem fazer os seus serviços. Minhas filhas são educadas de modo diferente. Mas cada um sabe o que faz... E as meninas Lucas são realmente muito boas meninas, posso lhe assegurar. E pena que não sejam bonitas. Não que ache Charlotte assim tão feia; mas também é nossa amiga particular.

— Ela parece uma moça muito agradável — disse Bingley.

— Oh, decerto, mas o senhor precisa reconhecer que é muito pouco graciosa. A própria Lady Lucas já o tem dito muitas vezes. Ela disse também que muito me inveja a beleza de Jane. Não gosto de me gabar das minhas filhas, mas, para dizer a verdade, Jane... Não é muito frequente a gente ver uma moça mais bonita. É o que todos dizem. Não confio inteiramente nessa parcialidade. Quando ela tinha apenas 15 anos, havia um cavalheiro que frequentava a casa de meu irmão Gardiner, em Londres. Estava tão apaixonado por ela que minha cunhada estava certa de que ia fazer uma proposta antes de nos mudarmos para cá. No entanto, ele não fez. Talvez a julgasse muito jovem. Apesar de tudo, escreveu-lhe uns versos, que aliás eram muito bonitos.

— E assim acabou a afeição daquele senhor — disse Elizabeth, impaciente. — Suponho que tenha havido muitos no mesmo caso. Eu queria saber quem descobriu a eficácia

que tem a poesia de afugentar o amor.

— A mim sempre me disseram que a poesia é o alimento do amor.

— De um amor sincero, sólido, sadio, pode ser. Tudo serve de alimento ao que já tem força. Mas quando se trata de uma ligeira e fraca inclinação, estou convencida que um bom soneto é suficiente para fazê-la morrer de inanição. Darcy contentou-se em sorrir. E a pausa geral que se seguiu fez Elizabeth tremer de medo à ideia de que sua mãe se tornasse novamente ridícula. Ela queria dizer alguma coisa mas não conseguiu encontrar nenhum assunto. E depois de um curto silêncio, Mrs. Bennet começou a repetir os agradecimentos que fizera a Mr. Bingley, pela sua bondade com Jane, desculpando-se igualmente do incômodo que lhe dava com Lizzy. Mr. Bingley respondeu com toda a amabilidade e obrigou a sua irmã mais moça a ser igualmente cortês e a responder de acordo com a situação. Esta desempenhou o seu papel, aliás de má vontade, mas Mrs. Bennet ficou satisfeita. Pouco depois mandou chamar a sua carruagem. Nesse momento, a mais moça das suas filhas se adiantou. Kitty e Lydia, as duas filhas menores, tinham conversado em voz baixa uma com a outra durante toda a visita. E tinha ficado resolvido entre elas que a mais moça devia lembrar a Mr. Bingley que, logo depois de sua chegada, ele prometera que daria um baile em Netherfield. Lydia tinha 15 anos e era uma moça forte e desenvolvida. Tinha o rosto agradável e uma expressão jovial; era a favorita da sua mãe que, devido a essa afeição, a tinha introduzido na sociedade muito cedo ainda para a sua idade. Era dotada de muita vitalidade e de uma espontaneidade que se transformara em segurança graças à atenção que os oficiais lhe dispensavam. Estes eram atraídos, aliás, não só pela sua naturalidade como pelos bons jantares de seu tio. Ela se sentiu, pois, autorizada a dirigir-se a Mr. Bingley sobre o assunto do baile e a lembrá-lo abruptamente a sua promessa, acrescentando que ele

cometeria o ato mais vergonhoso do mundo se não a cumprisse. A resposta de Bingley a este súbito ataque foi deliciosa para os ouvidos de Mrs. Bennet.

— Asseguro-lhe que estou pronto a cumprir a minha promessa. E assim que a sua irmã estiver restabelecida, a senhorita me fará o favor de marcar pessoalmente o dia do baile. Penso que não gostaria de dançar enquanto sua irmã estiver doente.

Lydia se declarou satisfeita. — Oh, sim, seria muito melhor esperar até que Jane estivesse restabelecida, e nesse dia, provavelmente, o capitão Carter já estaria em Meryton novamente.

— E depois que o senhor tiver dado o seu baile — acrescentou — eu insistirei para que os oficiais lhe ofereçam um também. Direi ao coronel Forster que será uma vergonha se eles não o fizerem.

Mrs. Bennet e suas filhas partiram e Elizabeth voltou imediatamente para perto de Jane, deixando a sua própria conduta e a da sua família à mercê das críticas das duas senhoras da casa e de Mr. Darcy; este último, porém, não pôde ser persuadido a juntar as suas às censuras que faziam a Elizabeth na sala, apesar de todas as ironias com que Miss Bingley se referia aos seus belos olhos.

Mr. Collins não permaneceu muito tempo entregue à contemplação silenciosa do seu amor triunfante, pois Mrs. Bennet, que tinha ficado atenta no vestíbulo para surpreender o fim da conferência, assim que viu Elizabeth abrir a porta e se dirigir apressadamente para a escada, entrou na sala de almoço e cumprimentou Mr. Collins efusivamente, felicitando-se igualmente a si mesma. Mr. Collins recebeu e retribuiu essas felicitações com igual prazer. Em seguida passou a relatar os detalhes da entrevista, cujos resultados encarava com satisfação, já que as recusas que sua prima insistentemente lhe opusera decorriam naturalmente do seu pudor e da genuína delicadeza dos seus sentimentos.

Essa informação, entretanto, surpreendeu Mrs. Bennet. Ela desejava poder pensar igualmente que a sua filha tencionara encorajá-lo opondo-se às suas propostas. Não pôde se impedir, no entanto, de desconfiar, nem de exprimir as suas desconfianças.

— Mas pode ficar certo, Mr. Collins — acrescentou ela —, que Lizzy será levada a adotar uma atitude mais sensata. Falarei com ela pessoalmente. É uma menina teimosa e não sabe quais são os seus próprios interesses. Mas eu farei com que ela os reconheça.

— Perdoe a minha interrupção, minha senhora — exclamou Mr. Collins —, mas se ela é realmente teimosa e tola, não sei se neste caso será realmente uma esposa desejável para um homem na minha situação, que naturalmente procura a felicidade no casamento. Se portanto ela persistir na sua recusa, talvez fosse melhor não forçá-la a aceitar-me, pois se ela é sujeita a essas variações de gênio, não poderia contribuir muito para a minha felicidade.

— O senhor não está me entendendo — disse Mrs. Bennet, alarmada —; Lizzy é teimosa apenas em assuntos como

este. Em tudo mais ela é a mais dócil das criaturas. Vou falar imediatamente com Mr. Bennet e estou certa de que dentro em pouco arranharemos tudo com Lizzy.

E sem dar a Mr. Collins tempo para responder, correu para o marido, exclamando, ao entrar na biblioteca:

— Oh, Mr. Bennet, precisamos do senhor imediatamente. Estamos todos aflitos. Venha convencer Lizzy a se casar com Mr. Collins, pois ela declarou que não o quer. E a não ser que intervenha imediatamente, ele mudará de ideia e não a quererá mais.

Mr. Bennet levantou os olhos do livro e fixou-os no rosto da sua esposa, com uma tranquilidade que as suas palavras aflitas não alteraram.

— Não tenho o prazer de compreendê-la — disse ele, depois que ela acabou de falar. — Não sei de que está falando.

— De Mr. Collins e Lizzy. Lizzy declara que não quer Mr. Collins. E ele começa a achar que não quer Lizzy.

— Que é que eu poderei fazer? A situação parece ser irremediável.

— Fale com Lizzy pessoalmente. Diga que quer que se case com ele.

— Chame-a aqui. Eu darei a minha opinião.

Mrs. Bennet tocou a campainha e mandou dizer a Miss Elizabeth que viesse à biblioteca.

— Vem cá, minha filha — disse o pai, ao ver Elizabeth entrar. — Mandei chamá-la para tratar de um assunto importante. Disseram-me que Mr. Collins lhe fez uma proposta de casamento. E verdade?

Elizabeth respondeu que era.

— Muito bem. E você recusou essa proposta?

— Recusei.

— Muito bem, chegamos agora ao assunto. Sua mãe insiste em que você aceite. Não é assim, Mrs. Bennet?

— Sim, ou eu nunca mais tornarei a vê-la.

— Você está diante de uma alternativa difícil, Elizabeth. De hoje em diante você terá que se tornar uma estranha para

um dos seus pais. Sua mãe nunca mais olhará para você, se não se casar com Mr. Collins. E eu nunca mais a verei, se você se casar.

Elizabeth não pôde deixar de sorrir diante da conclusão; mas Mrs. Bennet, que estava convencida de que o marido considerava o assunto de um ponto de vista idêntico ao seu, ficou excessivamente desapontada.

— Que é que você quer dizer com isto, Mr. Bennet? Você prometeu que insistiria com Elizabeth para que ela se casasse.

— Minha cara Mrs. Bennet — replicou o marido —, tenho dois pequenos favores a lhe pedir. Primeiro, que me permita usar o meu próprio entendimento no caso presente; e em segundo lugar a minha biblioteca. Desejo tê-la a meu inteiro dispor o mais depressa possível.

Apesar de profundamente desapontada com o marido, Mrs. Bennet não cedeu ainda. Continuou a falar para Elizabeth, alternadamente persuadindo e ameaçando. Tentou encaudilhar Jane. Mas esta, com toda a doçura possível, recusou interferir e Elizabeth resistiu aos seus ataques, às vezes com seriedade, outras vezes com bom humor. No entanto, a sua determinação permaneceu inalterável. Enquanto isto, Mr. Collins meditava na solidão sobre o que tinha acontecido. Ele possuía uma opinião demasiado alta de si mesmo para compreender o motivo por que a sua prima o recusava. E embora sofresse no seu orgulho, intimamente continuava tranquilo. Seu interesse pela prima era imaginário. E a possibilidade dela merecer as repreensões da mãe aplacava o seu rancor.

Enquanto a família estava naquela confusão, Charlotte Lucas apareceu para passar o dia. Lydia a encontrou no vestíbulo e, correndo para ela, disse-lhe, em voz baixa:

— Que bom você ter vindo! Aqui está muito divertido. Sabe o que aconteceu hoje de manhã? Mr. Collins fez uma proposta de casamento a Lizzy e ela recusou.

Antes que Charlotte tivesse tempo para responder,

apareceu Kitty, que vinha contar-lhe a mesma coisa. E mal tinham todas entrado na sala de almoço, onde Mrs. Bennet se encontrava sozinha, esta abordou imediatamente o assunto, apelando para a compaixão de Miss Lucas e suplicando-lhe que persuadissem a sua amiga Lizzy a ceder aos desejos da família.

— Faça isto por mim, minha cara Miss Lucas — acrescentou ela, num tom melancólico —, pois ninguém está do meu lado, todos estão contra mim. Ninguém tem pena dos meus pobres nervos.

Charlotte não pôde responder, pois Jane e Elizabeth entraram na sala.

— Aí vem ela — continuou Mrs. Bennet. — Tão despreocupada, como se estivéssemos em York! Tudo lhe é indiferente, contanto que ela faça a sua vontade. Mas eu vou lhe dizer uma coisa, Miss Lizzy: se você continuar a recusar todas as propostas de casamento deste modo, nunca encontrará um marido. E eu não sei quem vai sustentá-la depois que o seu pai morrer. Eu não posso, estou lhe avisando. Não tenho mais nada a ver com você a partir de hoje. Já disse na biblioteca que nunca mais lhe falaria. Pode ficar certa de que cumprirei a minha palavra. Não tenho nenhum prazer em falar com filhos rebeldes. Aliás não tenho prazer em falar com ninguém. Pessoas que sofrem dos nervos como eu não têm grande inclinação a falar. Ninguém pode saber o que eu sofro! Mas é sempre assim, quem não se queixa não encontra compaixão. Suas filhas ouviram em silêncio, compreendendo que qualquer tentativa para trazê-la à razão só serviria para irritá-la ainda mais. Mrs. Bennet continuou, pois, a falar sem interrupção, até a chegada de Mr. Collins, que entrou na sala com ar mais grave do que de costume.

Ao vê-lo, Mrs. Bennet se virou para as meninas:

— Agora insisto em que todos calem a boca. Deixem Mr. Collins conversar um pouco comigo.

Elizabeth saiu silenciosamente da sala. Jane e Kitty a

acompanharam. Mas Lydia ficou onde estava, resolvida a ouvir tudo o que pudesse. E Charlotte, detida a princípio pelas poucas perguntas amáveis que lhe dirigiu Mr. Collins a respeito da sua família, e em seguida movida por um pouco de curiosidade, contentou-se em ir até a janela e fingir que não estava ouvindo. Numa voz chorosa, Mrs. Bennet deu início à palestra com as seguintes palavras:

— Oh, Mr. Collins!

— Minha cara senhora — replicou ele —, guardemos silêncio para sempre sobre este assunto. Longe de mim ficar ressentido com o comportamento da sua filha — continuou ele, numa voz em que transparecia o seu aborrecimento. — Resignar-se aos males inevitáveis é um dever que nos cabe a todos. E um dever que incumbe particularmente a um rapaz como eu, tão afortunado no começo da minha carreira. E acredite que estou resignado. E talvez um dos menores motivos que me levam a isso não seja a dúvida que me assalta sobre a minha própria felicidade, caso a minha prima tivesse me honrado com o seu consentimento, pois observei muitas vezes que a resignação nunca é tão perfeita como nos casos em que a felicidade que nos é recusada começa a perder uma parte do seu valor a nossos olhos. Espero, minha cara senhora, que não considere a retirada do meu pedido como um desrespeito para com a família, já que não pedi a sua intervenção perante Miss Elizabeth. Minha conduta pode ser reprovável somente porque aceitei a minha recusa dos lábios da sua filha e não dos seus próprios. Mas todos estamos sujeitos ao erro. A minha intenção sempre foi boa. Meu objetivo foi encontrar uma companheira estimável, sem perder de vista as vantagens que isto representava para a sua família, e se a minha atitude foi de qualquer modo repreensível, apresento-lhe aqui as minhas desculpas.

A discussão do oferecimento de Mr. Collins estava agora quase encerrada. Elizabeth sofria apenas do inevitável mal-estar que tudo aquilo lhe causava e ocasionalmente das indiretas amargas da sua mãe. Quanto a Mr. Collins, os seus sentimentos se exprimiam principalmente, não por embaraço, ou depressão, nem pelo desejo de evitar a companhia de Elizabeth, mas pela secura das suas maneiras e por um silêncio rancoroso. Quase não dirigiu a palavra a Elizabeth e as assíduas atenções de que tinha tanta consciência foram transferidas durante o resto do dia para Miss Lucas, cuja paciência e amabilidade foram um grande alívio para todos, especialmente para Elizabeth. No dia seguinte Mrs. Bennet continuou indisposta e mal-humorada. Mr. Collins estava igualmente no mesmo estado de orgulho ferido. Elizabeth tivera esperança de que o seu rancor pudesse abreviar a visita; mas esse sentimento não pareceu alterar os seus planos. Ele tencionara partir no sábado e continuava decidido a ficar até aquele dia.

Depois do café da manhã as meninas foram a Meryton indagar se Mr. Wickham já tinha voltado e lamentar a sua ausência no baile de Netherfield. Encontraram-no ao entrar na cidade, e ele as acompanhou até a casa da sua tia, onde exprimiu a decepção que sentira por não ter podido assistir ao baile. Suas palavras foram discutidas e comentadas por todos. Para Elizabeth, entretanto, ele admitiu que a sua ausência tinha sido voluntária...

— À medida que a hora do baile se aproximava — disse ele —, achei que era melhor não me encontrar com Mr. Darcy. Que necessidade tinha eu de ficar num salão com ele, na mesma festa, durante tantas horas? Isto representava um esforço superior às minhas forças e poderia dar lugar a cenas desagradáveis para mim e para todo mundo.

Elizabeth aprovou calorosamente a sua prudência; tiveram

tempo para discuti-la plenamente, bem como para trocar mutuamente todos os elogios, pois Wickham e outro oficial acompanharam as meninas de volta para Longbourn. O fato de Mr. Wickham acompanhá-las oferecia uma dupla vantagem: não só isto revelava a Elizabeth a importância que ela adquirira aos olhos de Mr. Wickham, como lhe dava uma ocasião muito favorável de apresentá-lo a seu pai e a sua mãe.

Pouco depois do regresso, chegou uma carta para Miss Bennet. Vinha de Netherfield e foi aberta imediatamente. O envelope continha uma pequena folha de papel elegante, escrita em caracteres ornados, por mão feminina. Elizabeth viu que a expressão do rosto de sua irmã se alterara, enquanto ela lia. E que fixava com atenção certos trechos. Jane dominou logo os seus sentimentos, e pondo a carta de lado, procurou tomar parte na conversa com a sua costumeira alegria, mas Elizabeth sentiu nela uma ansiedade que desviava a sua atenção até mesmo de Wickham. E assim que este e o seu companheiro partiram, Jane, com um olhar, convidou a irmã a acompanhá-la ao seu quarto. Aí, mostrou a carta, dizendo:

— É de Caroline Bingley. O seu conteúdo me surpreendeu muito. O grupo todo já deve ter partido de Netherfield a esta hora, a caminho de Londres. E eles não têm intenção de voltar. Ouça o que ela diz:

Jane leu então a primeira frase: esta continha a informação de que Caroline havia resolvido acompanhar o seu irmão e tencionava jantar naquele mesmo dia em “Grosvenor Street”, onde morava Mr. Hurst. A frase seguinte continha estas palavras: “não vou mentir-lhe, dizendo que sentirei falta daquilo que deixo no Hertfordshire, a não ser da sua companhia, minha cara amiga. Espero que ainda nos encontraremos algum dia para gozar a repetição das muitas conversas interessantes que tivemos e até lá procuremos atenuar a dor da separação com uma correspondência frequente e cordial. Conto com você para isto.” Elizabeth

ouviu estas pretensiosas expressões com a frieza que lhe inspirava a sua desconfiança; e embora o caráter súbito daquela partida a surpreendesse, nada encontrava nela que lamentar. Não era a ausência de suas irmãs que impediria Mr. Bingley de morar em Netherfield. E, quanto à perda daquela companhia, estava convencida de que Jane se consolaria facilmente, gozando a do próprio Mr. Bingley.

— É de fato triste que você não tenha podido ver as suas amigas antes delas partirem — disse Elizabeth, depois de uma curta pausa. — Mas espero que o período de felicidade futura a que Miss Bingley se refere chegará mais cedo do que ela pensa. Espero também que os agradáveis momentos que conheceram como amigas serão repetidos com maior satisfação ainda do que dantes. Mr. Bingley não ficará retido em Londres por causa delas.

— Caroline diz claramente que nenhum deles voltará para o Hertfordshire este inverno. Vou ler para você: “Quando o meu irmão nos deixou ontem, imaginava que o negócio que o chamava a Londres pudesse ser concluído em três ou quatro dias, mas como estamos certas de que isto não pode ser assim e ao mesmo tempo estamos convencidas de que, quando Charles chegar à cidade, não terá pressa em tornar a deixá-la, resolvemos acompanhá-lo, para que não seja obrigado a passar as suas horas de folga num hotel sem conforto. Muitos dos nossos conhecidos já estão lá para o inverno. Desejaria que v., minha cara amiga, tivesse a intenção de fazer parte deste grupo, mas quanto a isto não tenho muita esperança e desejo sinceramente que o seu Natal no Hertfordshire seja repleto das alegrias que esta festa em geral nos traz, e que seus admiradores sejam tão numerosos que não sentirá falta dos três que lhe arrebatamos.” É evidente, portanto, acrescentou Jane, que ele não voltará mais este inverno.

— O que é evidente, apenas, é que Miss Bingley não quer que ele volte.

— Você pensa assim? A iniciativa deve ter partido de Mr.

Bingley. Ele é dono de si mesmo. Mas você não sabe de tudo. Vou ler a mensagem que me magoou particularmente. Não esconderei nada de você: “Mr. Darcy está impaciente para ver a irmã e, para falar a verdade, nós não estamos menos impacientes do que ele. Acho realmente que Georgina Darcy não tem igual em elegância, beleza e cultura. E à afeição que ela inspira a Louisa e a mim mesma acresce alguma coisa mais importante: a esperança que ousamos alimentar de que se torne mais tarde a nossa irmã; não sei se, antes, eu já lhe manifestei os meus sentimentos a este respeito. Mas não quero deixar este lugar sem confiar a você os meus desejos. E espero que não os considere insensatos. Meu irmão já a admira muito — ele terá agora frequentes oportunidades de travar íntimas relações com ela. Todos os seus parentes desejam a aliança do mesmo modo que nós, e penso que não me deixo iludir pela afeição que dedico à irmã, dizendo que acho Charles capaz de conquistar o coração de qualquer mulher. Com todas estas circunstâncias a favor desse casamento e nenhuma que lhe seja contrária, acho, minha cara Jane, que não erro ao alimentar a esperança de um acontecimento que fará a felicidade de tantas pessoas.” O que é que você acha desta última frase? — indagou Jane, ao terminar a leitura. — Não é bastante transparente? Não declara ela expressamente que Caroline não espera nem deseja que eu me torne sua irmã? E que está perfeitamente convencida da indiferença do seu irmão e que suspeitando a natureza dos meus sentimentos por ele, tenciona bondosamente avisar-me? Pode haver outra opinião a este respeito?

— Sim, pode. A minha é totalmente diferente. Quer ouvi-la?

— De boa vontade.

— Eu a direi em poucas palavras: Miss Bingley viu que o seu irmão está apaixonado por você e quer que ele se case com Miss Darcy. Ela o acompanhou a Londres com a esperança de detê-lo lá e procurará persuadi-lo que não gosta de você. Jane sacudiu a cabeça.

— É verdade, Jane, você deve me acreditar. Nenhuma pessoa que os tenha visto juntos pode duvidar da afeição de Mr. Bingley por você. Estou certa de que Miss Bingley não pode ter nenhuma dúvida a este respeito. Não é tão simplória assim. Se ela tivesse recebido metade das demonstrações de amor que Mr. Bingley lhe dirigiu, teria encomendado o enxoval. Mas o caso é o seguinte: não somos suficientemente ricos e importantes para eles. E ela está tanto mais ansiosa de casar Miss Darcy com seu irmão que espera que esta aliança entre as duas famílias favoreça uma segunda no mesmo sentido; acho que há nisto uma certa ingenuidade. Ela teria alguma probabilidade de êxito se não houvesse Miss de Bourgh. Mas minha querida Jane, você não pode imaginar seriamente que só porque Miss Bingley disse que o seu irmão admira Miss Darcy ele seja agora menos sensível aos seus méritos do que quando se despediu de você na terça-feira. Ou que está nas mãos de Miss Bingley fazer com que em vez de ter amor por você ele se apaixone por sua amiga.

— Se pensássemos a mesma coisa de Miss Bingley — replicou Jane —, a ideia que você fez de tudo isto me tranquilizaria. Mas eu sei que a base do seu raciocínio é injusta. Caroline é incapaz de enganar alguém propositadamente. Tudo o que eu posso esperar no caso é que ela se tenha enganado a si mesma.

— Está certo. Você não podia encontrar uma ideia mais feliz, já que não quer se consolar com a minha. Acredite que ela se tenha enganado. Você já fez o seu dever quanto a ela e não precisa mais se preocupar com isto.

— Mas, querida Lizzy, você acredita que mesmo no melhor dos casos eu possa ser feliz aceitando um homem cujas irmãs e amigos desejem todos que ele se case com outra pessoa?

— Você deve decidir por si mesma — disse Elizabeth —; e se depois de madura deliberação achar que a infelicidade de descontentar as suas duas irmãs vale mais do que a

felicidade de ser a esposa de Mr. Bingley, aconselho-a a recusá-lo sem hesitação.

— Como você pode falar assim? — disse Jane, sorrindo levemente. — Você sabe que embora me doesse excessivamente a desaprovação delas, eu não hesitaria.

— Nunca acreditei que você hesitasse. É por isto mesmo que não posso considerar a sua situação com muita piedade.

— Mas se ele não voltar mais este inverno, minha escolha nunca será solicitada. Mil coisas podem acontecer em seis meses.

Elizabeth considerou com o maior desprezo essa ideia de que ele não voltasse mais. Pareceu-lhe ser apenas uma sugestão do interesse de Caroline. E nem por um momento pôde supor que esses desejos, por mais astutamente que fossem manifestados, pudessem influenciar um rapaz tão totalmente diverso de todos.

Ela exprimiu à sua irmã o que sentia com toda a convicção de que era capaz e teve o gosto de constatar dentro em pouco o efeito das suas palavras. Jane não tinha tendência a se deprimir e aos poucos recuperou a esperança, embora a sua desconfiança, às vezes, sobrepujasse o anseio de que Bingley voltasse a Netherfield e correspondesse aos desejos do seu coração.

Elizabeth e Jane resolveram comunicar à sua mãe apenas a partida da família, sem alarmá-la quanto à conduta de Mr. Bingley. Mas, mesmo esta notícia incompleta causou graves preocupações a Mrs. Bennet. E ela lamentou a infelicidade da família ter partido justamente quando todos estavam se tornando tão íntimos. Depois de se lamentar durante algum tempo, consolou-se com a ideia de que Mr. Bingley voltaria brevemente para jantar em Longbourn e a conclusão de tudo aquilo foi a consoladora declaração de que, embora tivesse sido convidado apenas para um jantar de família, ela, Mrs. Bennet, tivera o cuidado de preparar um jantar de vários pratos.

Os Bennet foram convidados a jantar com os Lucas e novamente, durante a maior parte do dia, Miss Lucas teve a bondade de dar atenção a Mr. Collins. Elizabeth achou uma oportunidade para agradecer à amiga.

— Conserve-o de bom humor — disse ela. — Fico-lhe ais agradecida do que você imagina.

Charlotte assegurou à sua amiga que tinha muita satisfação em lhe ser útil, e que isto lhe pagava plenamente o pequeno sacrifício do seu tempo. Apesar destas palavras serem muito amáveis, a bondade de Charlotte ia além do que Elizabeth supunha. O seu objetivo era nada menos do que preservar Elizabeth de qualquer possível recrudescimento das atenções de Mr. Collins, provocando-as para si mesma. Tal foi o plano de Miss Lucas. E aparentemente foi tão bem-sucedida que, quando se separaram à noite, ela se teria sentido quase segura do seu êxito se Mr. Collins não tivesse de partir de Hertfordshire dentro de prazo tão curto. Mas neste ponto fazia injustiça ao ímpeto e à independência do caráter de Mr. Collins, pois essas qualidades o levaram a escapar sorrateiramente de Longbourn House na manhã seguinte e a correr até Lucas Lodge para se atirar aos seus pés. Mr. Collins evitou cuidadosamente atrair a atenção das suas primas, pois estava certo de que se o vissem partir não poderiam deixar de adivinhar a sua intenção. E não queria que a tentativa fosse conhecida até que o seu êxito o pudesse ser igualmente, pois, embora estando quase seguro da vitória, e com razão, visto Charlotte o ter encorajado bastante, se sentia relativamente tímido desde a aventura de quarta-feira. Sua recepção, no entanto, foi das mais amáveis. Miss Lucas o avistou de uma janela de cima e imediatamente saiu para encontrá-lo casualmente na aleia. Apenas ela não ousara esperar que tanto amor e tanta eloquência

aguardassem ali o seu aparecimento.

Num espaço de tempo tão curto quanto o permitiram os longos discursos de Mr. Collins, tudo foi combinado satisfatoriamente para ambos. E ao entrar em casa, pediu gravemente que ela marcasse o dia que o faria o mais feliz dos homens. Ainda que uma tal solicitação devesse ser afastada no momento, a moça não se sentiu inclinada a arriscar a sua felicidade. A impermeabilidade com que o dotara a natureza devia privar a sua corte de qualquer encanto que pudesse fazer uma mulher desejar prolongá-la. Miss Lucas, que o aceitara por puro e desinteressado desejo de firmar a sua situação na vida, se preocupava pouco com a data em que isto acontecesse.

O consentimento de Sir William e de Lady Lucas foi rapidamente solicitado, e concedido com a maior boa vontade. A situação atual de Mr. Collins o tornava um partido muito desejável para a sua filha, a quem só podiam deixar uma pequena fortuna e as probabilidades que tinha Mr. Collins de herdar uma fortuna eram bastante evidentes. Lady Lucas começou a calcular diretamente, com um interesse que jamais tivera pelo assunto, quantos anos provavelmente viveria ainda Mr. Bennet, e Sir William manifestou a opinião de que, quando Mr. Collins entrasse na propriedade de Longbourn, seria altamente conveniente que ambos, ele e a esposa, se apresentassem em St. James. Em suma, toda a família se sentiu profundamente feliz. As filhas mais moças começaram a ter esperança de entrar na vida social, um ano ou dois mais cedo do que de outro modo poderiam fazê-lo e os rapazes se sentiram aliviados da sua apreensão de que Charlotte morresse solteirona. Charlotte, pessoalmente, se mostrou bastante discreta. Conseguira o que almejava e tinha tempo para refletir no assunto. Suas reflexões foram em geral satisfatórias. Mr. Collins não era a bem dizer nem sensato nem agradável. A sua companhia era cansativa. E a sua afeição por ela devia ser imaginária. Mas mesmo assim seria seu marido. Sem ter grandes

ilusões a respeito dos homens ou do matrimônio, o casamento sempre fora o seu maior desejo; era a única posição tolerável para uma moça bem-educada, de pouca fortuna. E por mais incertas que fossem as perspectivas de felicidade, era ainda a forma mais agradável de ficar ao abrigo da necessidade. Esta proteção, agora a obtivera. Tinha 27 anos e jamais fora bela. Sabia portanto que tivera sorte. A circunstância menos agradável era a surpresa que aquilo devia causar a Elizabeth Bennet, cuja amizade ela precisava mais do que a de qualquer outra pessoa. Elizabeth ficaria espantada e provavelmente a censuraria. Embora isto não afetasse a sua resolução, ela se sentiria ferida com semelhante desaprovação. Resolveu comunicar-lhe pessoalmente a sua decisão e, assim, recomendou a Mr. Collins, quando voltasse a Longbourn para jantar, que tivesse a maior discrição. Mr. Collins prometeu guardar segredo. Mas uma tal promessa só poderia ser cumprida com muita dificuldade, pois a curiosidade produzida pela sua longa ausência explodiu em perguntas tão diretas, que era necessário uma grande habilidade a fim de iludi-las e ao mesmo tempo exigiam dele um grande sacrifício, pois ardia do desejo de revelar o seu êxito.

Como ele estivesse de partida na manhã seguinte muito cedo, a cerimônia da despedida foi realizada na hora em que as senhoras se retiravam para dormir; e Mrs. Bennet, com grande cortesia e cordialidade, exprimiu a felicidade que todos sentiriam em tornar a vê-lo em Longbourn, quando os seus deveres permitissem uma nova visita.

— Minha cara senhora — replicou ele —, o convite é particularmente agradável, porque é o que eu esperava receber, e pode estar certa de que eu o aceitarei tão depressa quanto me for possível.

Todos ficaram surpresos. Mr. Bennet, que não desejava de modo algum uma volta tão rápida, disse imediatamente:

— Mas não haverá perigo da desaprovação de Lady Catherine? Seria melhor desdenhar os seus parentes do que

correr o risco de ofender a sua protetora.

— Meu caro senhor — replicou Mr. Collins —, agradeço-lhe a sua amável providência; pode ficar certo de que não tomarei uma tal decisão sem o consentimento de Sua Senhoria.

— Todo o cuidado é pouco. Arrisque tudo menos incorrer no descontentamento daquela senhora. E, se o senhor achar provável que o fato de nos tornarmos a ver possa acarretar algum aborrecimento, coisa que eu acho extremamente provável, fique sossegado em sua casa e esteja certo de que não nos ofenderemos.

— Acredite, meu caro amigo, que lhe fico muito grato pela sua tão cordial atenção. E pode ficar certo de que o senhor receberá em breve uma carta minha, agradecendo esta e todas as demais provas de afeição que recebi durante a minha visita no Hertfordshire. Quanto às minhas encantadoras primas, embora a minha ausência seja curta, tomo a liberdade de lhes desejar saúde e felicidade, sem excetuar a minha prima Elizabeth.

As senhoras então se retiraram, com as cortesias habituais, muito surpreendidas com a intenção que ele manifestara de voltar em breve. Mr. Bennet interpretou-a como o desejo de fazer a corte a uma das suas filhas mais moças. E Mary poderia ter sido levada a aceitá-lo. Ela prezava os talentos de Mr. Collins, muito mais do que qualquer uma das outras. Havia uma solidez nas reflexões de Mr. Collins que frequentemente a impressionava. E embora não o achasse nem de longe tão inteligente quanto ela própria, pensava que, se o encorajasse a ler e a se ilustrar como o fizera, ele poderia tornar-se um companheiro muito agradável. Mas na manhã seguinte todas as esperanças dessa natureza foram dissipadas. Miss Lucas veio em visita pouco depois do café da manhã e a sós com Elizabeth relatou os acontecimentos do dia anterior.

A possibilidade de imaginar Mr. Collins apaixonado pela sua amiga já tinha ocorrido a Elizabeth nesses últimos dias, mas

não podia crer que Charlotte o encorajasse. Isto lhe parecia quase tão impossível para a sua amiga quanto para ela própria. E a sua surpresa foi assim tão grande que ultrapassou a princípio os limites da descrição e não pôde deixar de exclamar:

— Noiva de Mr. Collins? Minha cara Charlotte, não é possível!

A expressão grave com que Miss Lucas contava a sua história se alterou momentaneamente com a confusão que sentia por receber uma censura tão direta. Mas como Charlotte já contava com aquilo, recuperou logo a calma e respondeu:

— Por que é que você está espantada, minha cara Eliza? Acha incrível que Mr. Collins agrade a uma mulher? E isso só porque ele não teve a felicidade de lhe agradar?

Mas Elizabeth já tinha recuperado o domínio sobre si mesma. E fazendo um grande esforço — conseguiu assegurar a Charlotte com certa firmeza que a perspectiva de se tornarem parentes lhe era muito agradável e que ela lhe desejava todas as felicidades imagináveis.

— Eu sei o que você está sentindo — replicou Charlotte —; você está admirada porque Mr. Collins há tão pouco tempo ainda desejava se casar com você. Mas quando você tiver tempo de pensar sobre o assunto, espero que aprovará a minha decisão. Bem sabe que não sou romântica. Nunca fui. Desejo apenas um lar confortável. E considerando o caráter de Mr. Collins, as suas relações e a sua situação na vida, estou convencida de que tenho as mesmas possibilidades de ser feliz no casamento que a maioria das mulheres.

Elizabeth respondeu calmamente:

— Sem dúvida.

Depois de uma pausa embaraçosa, as duas amigas se reuniram ao resto da família. Charlotte não se demorou mais por muito tempo. E Elizabeth teve o ensejo de refletir sobre o que acabara de ouvir. Mas só muito tempo depois é que se reconciliou com a ideia de um casamento tão

disparatado. A extravagância de Mr. Collins, fazendo duas propostas de casamento em três dias, não era nada em comparação com o consentimento de Charlotte. Elizabeth sempre desconfiara de que a opinião de Charlotte sobre o casamento não se parecia muito com a sua. Mas nunca poderia ter suposto que no instante de confrontar as suas ideias com a realidade ela fosse capaz de sacrificar todos os seus melhores sentimentos às vantagens mundanas. Charlotte, mulher de Mr. Collins, era um quadro humilhante. E à dor de ver uma amiga se rebaixar assim na sua estima acrescia a triste convicção de que era impossível que aquela mesma amiga fosse feliz no caminho que escolhera.

Sir William ficou apenas uma semana em Hunsford; mas sua visita foi suficiente para convencê-lo de que sua filha estava instalada da maneira mais confortável e que possuía um marido e uma vizinha difíceis de encontrar iguais. Enquanto Sir William ficou em Hunsford, Mrs. Collins lhe consagrou as suas manhãs. Passeava com ele no seu cabriolé para lhe mostrar a região; mas depois que ele partiu, a família voltou para as suas ocupações habituais e Elizabeth ficou satisfeita porque não tinha que ficar tão constantemente com seu primo, pois a maior parte das horas, entre o café da manhã e o almoço, ele passava agora trabalhando no jardim, lendo ou escrevendo e olhando pela janela da biblioteca, que confrontava a estrada. A sala das senhoras ficava nos fundos. Elizabeth a princípio se espantou de que Charlotte não preferisse a sala de almoço para uso comum; era maior e de aspecto mais agradável. Mas logo compreendeu que a sua amiga tinha um excelente motivo para o que fazia, pois sem dúvida Mr. Collins passaria muito menos tempo na sua biblioteca se elas ficassem numa sala igualmente agradável.

Da sala de visitas nada se podia ver da estrada. E dependiam de Mr. Collins para saber quais as carruagens que surgiam e quantas vezes Miss de Bourgh passava no seu faéton, coisa que ele jamais deixava de anunciar. E embora isto acontecesse quase todos os dias, muitas vezes Miss de Bourgh parava na reitoria e conversava alguns minutos com Charlotte. Mas quase nunca ela descia. Poucos dias decorriam sem que Mr. Collins fosse a Rosings. E frequentemente a sua esposa achava que devia acompanhá-lo. E Elizabeth só compreendeu o sacrifício de tantas horas quando se lembrou que possivelmente existiam outros cargos eclesiásticos que dependiam da família. De vez em quando Lady Catherine os honrava com

uma visita. E nessas ocasiões, nada do que se passava na sala escapava à sua atenção. Ela observava as ocupações das moças, olhava para os seus trabalhos e aconselhava que os fizessem de maneira diferente. Achava errada a disposição dos móveis ou descobria uma negligência da criada. E se ficava às vezes para as refeições, era só para observar que os assados de Mrs. Collins eram grandes demais para a família.

Elizabeth logo descobriu que a grande senhora, embora não fosse comissionada com o título de juiz de paz para o condado, era um magistrado muito ativo para a sua própria paróquia e levava as menores coisas ao conhecimento de Mr. Collins; e quando qualquer dos aldeões se mostrava descontente ou caía na miséria, ou quando surgia uma contenda, ela corria para a aldeia, a fim de dirimir as questões, silenciar as queixas e harmonizar as disputas e as desgraças com reprimendas e dinheiro. Os jantares em Rosings foram repetidos duas vezes por semana e se não fosse a ausência de Sir William e o fato de só haver uma mesa de jogo seriam uma repetição exata do primeiro. Os outros compromissos sociais eram mínimos, pois o gênero de vida das famílias da vizinhança estava em geral além dos meios da família Collins. Isto entretanto não desagradava a Elizabeth que, em suma, passava o tempo bastante agradavelmente. Havia horas de conversação interessante com Charlotte e como fizesse um tempo excepcionalmente belo para aquela época do ano, podia passear frequentemente ao ar livre. O seu passeio favorito, que fazia em geral enquanto os outros visitavam Lady Catherine, era no bosque aberto que limitava aquele lado do parque, onde havia uma bela alameda coberta que ninguém mais parecia apreciar e onde se sentia protegida da curiosidade de Lady Catherine.

Dessa maneira tranquila, passaram os primeiros 15 dias da visita. A Páscoa estava se aproximando e durante a semana que a precedia devia chegar uma pessoa a Rosings; e como

a família era tão pequena, esse acréscimo devia ser importante. Pouco depois da sua chegada, Elizabeth ouviu dizer que Mr. Darcy estava sendo esperado em Rosings daí a poucas semanas. E embora ela preferisse qualquer outra pessoa do seu conhecimento, a chegada de Mr. Darcy viria contribuir para o aparecimento de um rosto comparativamente novo nos jantares em Rosings. Além disso teria ocasião de observar pela sua atitude para com a prima, a quem ele estava evidentemente destinado por Lady Catherine, até que ponto os desígnios de Miss Bingley eram infundados. Lady Catherine falava na sua chegada com a maior satisfação, referia-se a ele nos termos mais elogiosos e quase ficou zangada ao saber que Miss Lucas e Elizabeth já o conheciam. Sua chegada foi logo sabida na reitoria, pois Mr. Collins passou a manhã inteira passeando perto dos portões do parque, a fim de ser o primeiro a ver. Ao surgir a carruagem, fez uma reverência e depois correu para casa.

Na manhã seguinte, apressou-se a visitar Rosings para apresentar os seus respeitos. E teve que apresentá-los duas vezes, pois havia dois sobrinhos de Lady Catherine. Mr. Darcy tinha trazido consigo o coronel Fitzwilliam, o filho mais moço do seu tio, o Lord...; com grande surpresa para todos, quando Mr. Collins voltou para casa, vira-os atravessar a estrada. E, imediatamente, correndo para o outro quarto, avisou as meninas da honra que as esperava, acrescentando:

— É a você, Eliza, que agradeço esta amabilidade. Mr. Darcy não viria aqui tão cedo por minha causa.

Elizabeth ainda não acabara de protestar contra esta homenagem, quando a chegada dos dois cavalheiros foi anunciada pela campainha da porta e pouco depois eles entraram na sala. O coronel Fitzwilliam, que vinha na frente, parecia ter aproximadamente trinta anos de idade; não era bem-apessoado mas tinha as atitudes e os modos de um verdadeiro gentleman. Mr. Darcy não tinha mudado.

Apresentou os seus cumprimentos a Mrs. Collins com a reserva habitual e quaisquer que fossem os seus sentimentos para com a amiga da dona da casa, ele a cumprimentou discretamente. Elizabeth fez uma curta reverência, sem dizer uma só palavra. O coronel Fitzwilliam começou a palestrar imediatamente, com a simplicidade de um homem bem-educado. A sua conversa era muito agradável, mas seu primo, depois de dirigir uma ligeira observação sobre a casa e o jardim, permaneceu sentado durante algum tempo em silêncio. E afinal ele julgou que devia indagar da saúde dos parentes de Elizabeth. Ela lhe respondeu com a simplicidade de sempre e depois de uma curta pausa, acrescentou:

— Minha irmã mais velha tem estado em Londres nestes últimos três meses. Nunca lhe aconteceu encontrá-la? Sabia perfeitamente que nunca a tinha encontrado. Mas queria ver se ele deixaria transparecer que estava informado do que se tinha passado entre os Bingley e Jane. Pareceu-lhe que Mr. Darcy se mostrava um pouco confuso ao responder que nunca tivera a boa sorte de encontrar Miss Bennet. O assunto não foi mais mencionado e pouco depois os dois cavalheiros partiram.

As maneiras do coronel Fitzwilliam foram muito apreciadas na reitoria. Todas as senhoras acharam que ele contribuiria consideravelmente para alegrar os jantares em Rosings. Passaram-se alguns dias, no entanto, antes que recebessem novo convite, pois havendo visitas em casa, eles não eram mais necessários. E foi só no domingo de Páscoa, quase uma semana depois da chegada dos cavalheiros, que o tal convite foi feito, ao saírem da igreja; assim mesmo foram apenas convidados para ir a Rosings depois do jantar. Durante a última semana não tinham tido quase ocasião de ver Lady Catherine ou a sua filha. O coronel Fitzwilliam tinha estado de visita à reitoria mais de uma vez neste intervalo. Mas Mr. Darcy fora visto apenas na igreja. O convite naturalmente foi aceito e à hora designada eles se reuniram ao grupo que já se encontrava na sala de Lady Catherine. Esta os recebeu amavelmente, mas era evidente que a companhia daquela gente não era nem de longe tão aceitável agora como nos dias em que não havia mais ninguém lá. Lady Catherine era toda atenção com os seus sobrinhos e falava com eles, especialmente com Darcy, muito mais do que com qualquer outra pessoa na sala. O coronel Fitzwilliam pareceu realmente contente de vê-los. Em Rosings, tudo o que aparecesse de fora para ele era um alívio bem-vindo e a bela amiga de Mrs. Collins o interessava muito. Sentou-se ao lado dela e falou muito agradavelmente acerca do Kent, do Hertfordshire, de viagens, livros e música; Elizabeth sentiu que jamais se divertira tanto naquela sala; a conversa era tão animada que atraiu a atenção de Lady Catherine, bem como a de Mr. Darcy. Os olhos deste último se voltaram repentinamente para eles com uma expressão de curiosidade; e dentro em pouco tornou-se evidente que Lady Catherine compartilhava dos sentimentos do seu sobrinho, pois exclamou, sem

nenhuma reserva:

— Que é que você estava dizendo, Fitzwilliam? De que é que vocês conversavam? Que é que você estava contando para Miss Bennet? Queria saber o que é.

— Estávamos falando de música — disse ele, impossibilitado de esquivar uma resposta.

— De música? Então fale em voz alta. É de todos os assuntos, o meu favorito. Se estão falando de música quero tomar parte na conversa. Creio que existem poucas pessoas na Inglaterra que apreciam mais a música do que eu. Ou que tenham um gosto mais fino. Se eu jamais tivesse aprendido música, seria uma grande intérprete. E Anne também, aliás, se a saúde dela o tivesse permitido. Estou certa de que ela tocaria admiravelmente. Georgiana tem feito muitos progressos, Darcy?

Mr. Darcy louvou afetosamente o talento da sua irmã.

— Estou muito satisfeita com isto — disse Lady Catherine.

— Diga-lhe que nunca poderá brilhar se não estudar muito.

— Eu lhe asseguro, minha tia — replicou ele —, que não precisa de tal conselho. Estuda com muita constância.

— Tanto melhor. Nunca é demais. E na próxima vez que escrever para ela, recomendarei que não se descuide do seu piano. Eu sempre digo às moças que nenhuma distinção pode ser alcançada sem um estudo constante. Já disse a Miss Bennet várias vezes que nunca tocará realmente bem se não estudar mais. E como não há piano em casa de Mrs. Collins, ela está convidada, como já disse muitas vezes, a vir a Rosings todos os dias estudar piano no quarto de Mrs. Jenkinson. Naquela parte da casa ela não incomodaria a ninguém.

Mr. Darcy pareceu um pouco envergonhado da grosseria da sua tia e nada respondeu. Depois do café, o coronel Fitzwilliam lembrou a Elizabeth a sua promessa de tocar para ele; e a moça se sentou imediatamente ao piano. Ele aproximou a sua cadeira. Lady Catherine ouviu metade de uma canção e em seguida continuou a conversar como

antes com o outro seu sobrinho, até que este último se afastou e, dirigindo-se resolutamente para o piano, colocou-se de maneira a poder observar o rosto da bela executante. Elizabeth percebeu o que estava fazendo e na primeira pausa virou-se para ele e disse, com um sorriso malicioso: — É para me assustar, Mr. Darcy, que se aproximou com toda esta imponência? Mas eu não ficarei alarmada, embora a sua irmã toque tão bem. Tenho uma persistência que a vontade dos outros é incapaz de intimidar. Nesses momentos a minha coragem sempre me socorre.

— Eu não direi que a senhora está enganada — replicou ele —, porque é impossível que acredite realmente que eu tivesse a intenção de alarmá-la. Eu tenho o prazer de conhecê-la já há bastante tempo para saber que gosta muito de exprimir de vez em quando opiniões que de fato não são as suas.

Elizabeth riu cordialmente com essa descrição da sua pessoa e disse para o coronel Fitzwilliam:

— Seu primo vai lhe dar uma bela ideia a meu respeito, ensinando-lhe a não acreditar numa só palavra do que eu falo. É uma falta de sorte ter encontrado uma pessoa capaz de expor aos outros o meu caráter real num lugar onde eu tinha tido a esperança de deixar uma boa impressão.

Realmente, Mr. Darcy, é uma falta de generosidade da sua parte mencionar aqui tudo o que descobriu sobre as minhas fraquezas no Hertfordshire. E além disso acho a sua atitude muito pouco política, pois me incita a represálias. Neste caso podem sair coisas que escandalizarão os seus parentes.

— Eu não tenho medo da senhora — disse ele sorrindo.

— Não deixe de dizer as coisas de que o acusa — exclamou o coronel Fitzwilliam. — Queria saber como é que ele se comporta entre os estranhos.

— O senhor o saberá. Mas prepare-se para ouvir coisas horríveis. Na primeira vez em que eu o vi no Hertfordshire foi num baile. E nesse baile o que é que o senhor acha que

ele fez? Dançou apenas quatro danças. Sinto muito causar-lhe essa desilusão, mas é verdade. Ele dançou apenas quatro danças, embora faltassem cavalheiros. E sei que mais de uma moça ficou sentada por falta de um par. Mr. Darcy, o senhor não pode negar o fato.

— Naquela ocasião eu não tinha a honra de conhecer outras moças no salão a não ser as do meu próprio grupo.

— É verdade, e ninguém pode ser apresentado a uma pessoa estranha num salão de baile. Bem, coronel Fitzwilliam, que devo eu tocar agora? Meus dedos esperam a sua ordem.

— Talvez — disse Darcy — eu teria feito melhor se houvesse solicitado uma apresentação. Mas eu me considero malqualificado para me recomendar pessoalmente aos estranhos.

— Devemos perguntar a seu primo a razão para isto — disse Elizabeth, continuando a se dirigir ao coronel Fitzwilliam. — Devemos perguntar-lhe por que um homem bem-educado e sensato, que tem a experiência do mundo, está malqualificado para se recomendar às pessoas estranhas?

— Posso responder a sua pergunta sem consultá-lo — respondeu Fitzwilliam. — E porque ele não quer se dar ao trabalho.

— É certo que eu não tenho um talento que muita gente possui — disse Darcy —: o de conversar facilmente com pessoas que não conheço. Não consigo encontrar o tom apropriado nem me fingir interessado pelos assuntos dos outros, como vejo acontecer frequentemente.

— Meus dedos não se movem sobre este instrumento de uma maneira tão magistral quanto os de muitas outras mulheres. Eles não têm a mesma força e a mesma rapidez, nem possuem a mesma força de expressão. Mas disso eu sempre me acusei como de um defeito. Porque eu nunca me dei ao trabalho de estudar; não é que eu não acredite que os meus dedos sejam inferiores aos de outra qualquer mulher.

Darcy sorriu e disse:

— Tem toda a razão. Empregou o seu tempo muito melhor. Ninguém que tenha tido o privilégio de ouvi-la pode pensar que lhe falta alguma coisa. Nenhum de nós dois executa para os estranhos.

Nesse momento foram interrompidos por Lady Catherine, que perguntou qual era o assunto da conversa. Elizabeth imediatamente recomeçou a tocar. Lady Catherine se aproximou e depois de ouvir durante alguns minutos, disse para Darcy:

— Miss Bennet não estaria tão fora de forma se estudasse mais e tivesse a vantagem de ter um professor de Londres. Ela articula bem, mas não tem tanta expressão quanto Anne. Anne seria uma pianista notável se a sua saúde tivesse permitido.

Elizabeth olhou para Darcy, para ver como ele acolhia aquele elogio à sua prima; mas nem naquele momento, nem em outra qualquer ocasião pôde discernir qualquer sintoma de amor. E a julgar pela atitude geral de Mr. Darcy, Elizabeth pôde fazer a seguinte reflexão consoladora para Miss Bingley: que se esta fosse também sua prima teria a mesma possibilidade de se casar com ele.

Lady Catherine continuou com as suas observações sobre a execução de Elizabeth, alternando-as com conselhos sobre técnica e expressão. Elizabeth os recebeu com toda a paciência e amabilidade; e a pedido dos cavalheiros, continuou tocando, até que a carruagem de Lady Catherine foi chamada a fim de conduzir as visitas para casa.

No dia seguinte, de manhã, Elizabeth estava sentada sozinha escrevendo para Jane, quando a campainha da porta a fez sobressaltar-se. Mrs. Collins e Maria tinham ido fazer compras na aldeia. Como Elizabeth não tinha escutado nenhuma carruagem se aproximar, pensou que provavelmente a visita seria Lady Catherine e, apreensiva, estava escondendo a carta que escrevia, a fim de escapar a perguntas indiscretas, quando a porta se abriu e Mr. Darcy, sozinho, entrou na sala.

Ele pareceu também surpreendido ao encontrá-la só. Desculpou-se pela sua intrusão, dizendo que pensava estarem todas as senhoras em casa.

Em seguida sentaram-se e, depois das perguntas de estilo, estavam a ponto de cair num silêncio total. Era absolutamente necessário, pois, encontrar assunto. E nessa emergência, Elizabeth, lembrando-se da última vez que o vira no Hertfordshire, e curiosa de saber o que ele diria para justificar a sua súbita partida, observou:

— Com que rapidez todos partiram de Netherfield em novembro passado, Mr. Darcy! Deve ter sido uma surpresa muito agradável para Mr. Bingley revê-los todos tão cedo depois que partiu. Se não me engano, ele saiu no dia anterior, não? Espero que o tenha deixado bem, a ele e a suas irmãs, agora quando deixou Londres.

— Perfeitamente, obrigado.

Elizabeth compreendeu que não receberia outra resposta. E depois de uma curta pausa, acrescentou:

— Se não me engano, ouvi dizer que Mr. Bingley não tenciona voltar mais a Netherfield.

— Nunca ouvi dizer tal coisa; mas é provável que ele passe lá muito pouco tempo, de cada vez, daqui para o futuro. Ele tem muitos amigos e está numa idade em que os amigos e os compromissos aumentam continuamente.

— Se ele tenciona ficar tão pouco em Netherfield seria melhor para a vizinhança que desistisse inteiramente do lugar. Pois neste caso outra família poderia se instalar lá. Mas talvez Mr. Bingley a tenha tomado pensando menos na conveniência dos vizinhos do que na sua própria. E naturalmente não devemos esperar que se guie agora por outros princípios.

— Eu não ficaria surpreso se ele passasse a propriedade a outros assim que se oferecesse uma oportunidade vantajosa — respondeu Darcy.

Elizabeth não respondeu. Tinha medo de falar mais longamente sobre Mr. Bingley. E nada mais tendo a dizer, resolveu deixar a cargo de Mr. Darcy o trabalho de encontrar um novo assunto.

Ele percebeu aquela intenção e logo começou:

— Esta casa parece muito confortável. Creio que Lady Catherine a reformou bastante depois da vinda de Mr. Collins.

— Acredito que sim. E estou certa de que ela não poderia ter dispensado a sua bondade a uma pessoa mais reconhecida.

— Mr. Collins parece ter tido muita sorte na escolha da esposa.

— Realmente. Seus amigos têm motivos para satisfação, pois ele encontrou uma das poucas mulheres sensatas que o teriam aceito. E tendo-o aceito, capaz de torná-lo feliz. A minha amiga é muito compreensiva, e embora eu não considere o seu casamento com Mr. Collins o seu ato mais ajuizado, reconheço no entanto que parece perfeitamente feliz. E considerando as coisas com prudência, parece de fato que ela fez um bom casamento.

— Deve ser certamente muito agradável para ela ter a sua casa a uma distância relativamente tão curta da sua família e dos seus amigos.

— O senhor chama isto uma distância curta? São quase cinquenta milhas.

— E o que são cinquenta milhas numa boa estrada? Pouco mais do que meio dia de viagem. Considero isto uma distância fácil.

— Nunca consideraria a distância como uma das vantagens do casamento — exclamou Elizabeth. — Eu jamais teria dito que Mrs. Collins está instalada perto da sua família.

— É uma prova da sua afeição pelo Hertfordshire. Qualquer lugar que não se encontre nas proximidades de Longbourn deve lhe parecer longínquo.

Enquanto falava, havia nele uma espécie de sorriso que Elizabeth julgou compreender. Devia supor que ela estava pensando em Jane e enrubesceu, ao responder:

— Não quero dizer com isto que uma mulher não deva morar um pouco longe da família. O longe e o perto são relativos e dependem de várias circunstâncias. Quando existe fortuna e as despesas de viagem são pouco importantes, as distâncias não têm inconveniência. Mas este não é o caso aqui. Mr. e Mrs. Collins têm um rendimento que lhes permite uma vida confortável, porém não é suficiente para viagens frequentes. Estou persuadida de que minha amiga só se consideraria perto da família se morasse na metade da atual distância.

Mr. Darcy aproximou um pouco a sua cadeira e disse:

— Mas a senhora não tem direito de ser tão bairrista. A senhora não pode ter morado sempre em Longbourn.

Elizabeth olhou para ele, surpresa.

Mr. Darcy pareceu mudar de ideia. Recuou a cadeira, tomou um jornal em cima da mesa e percorrendo-o, num tom mais frio:

— Agrada-lhe o Kent?

Seguiu-se um curto diálogo sobre o condado, calmo e conciso de ambas as partes, que a chegada de Charlotte e da sua irmã, um pouco depois, veio interromper. O tête-à-tête pareceu surpreendê-las. Mr. Darcy relatou o engano que ocasionara a sua intrusão, e depois de ficar sentado mais alguns minutos sem dizer quase nada, foi-se embora.

— Qual pode ser a significação dessa visita? — disse Charlotte, depois que ele partiu. — Minha cara Eliza, ele deve estar apaixonado por você. Sem o que nunca nos teria visitado dessa forma pouco cerimoniosa.

Mas quando Elizabeth contou que ele ficara em silêncio, a hipótese não pareceu muito plausível, mesmo para Charlotte que a desejava. E depois de várias conjecturas, elas supuseram afinal que a visita era devido apenas à dificuldade de encontrar ocupação, coisa que naquela época do ano não era nada de estranhar. Todos os jogos em campo aberto estavam fora de questão. Dentro de casa havia Lady Catherine, livros e uma mesa de bilhar. Mas os cavalheiros não podem ficar sempre trancados dentro de casa; e fosse porque a reitoria era tão próxima, ou porque a caminhada fosse agradável, ou os seus moradores interessantes, o fato é que os dois primos se acharam tentados a caminhar até lá quase todas as manhãs. Eles chegavam em horas diferentes, ora juntos, outras vezes separados, e de vez em quando acompanhados pela sua tia. Era evidente para todos que o coronel Fitzwilliam vinha porque achava agradável a companhia dos habitantes de Hunsford, coisa que naturalmente o recomendava ainda mais. E a satisfação que Elizabeth experimentava ao vê-lo, bem como aquela com que recebia a sua evidente admiração, lembrava-lhe o seu antigo favorito George Wickham. E embora, ao compará-los, visse que havia menos doçura cativante nas maneiras do coronel Fitzwilliam, acreditava que ele fosse dos dois o mais culto.

Era mais difícil compreender por que Mr. Darcy vinha tão frequentemente à reitoria. Não podia ser pela companhia, pois ficava a maior parte do tempo calado, às vezes durante dez minutos seguidos. E quando falava, parecia fazê-lo mais pela dura obrigação de ser polido do que por prazer.

Raramente parecia ficar de fato animado. Mrs. Collins não sabia o que fazer com ele. E o fato do coronel Fitzwilliam caçoar ocasionalmente da casmurrice do seu primo,

provava que havia mudado; o pouco que Charlotte sabia a respeito de Mr. Darcy não era suficiente para que compreendesse, por si, este fato. Teria ficado satisfeita se descobrisse que esta mudança era o efeito do amor, e o objeto daquele amor a sua amiga Eliza. Portanto dispôs-se seriamente a encontrar a causa daquela mudança.

Observava-o todas as vezes que o encontrava em Rosings, ou quando ele vinha a Hunsford, mas sem grande sucesso. Ele olhava decerto bastante para a sua amiga, mas a expressão daquele olhar era duvidosa. Era um olhar sério, fixo, e Charlotte perguntava muitas vezes se havia realmente nele alguma admiração. Outras vezes, parecia-lhe apenas um olhar distraído. Uma ou duas vezes sugerira a Elizabeth a possibilidade de Mr. Darcy se achar interessado por ela, mas esta sempre ria de semelhante ideia. E Mrs. Collins achou que era melhor não despertar esperanças que pudessem acabar em desapontamento; pois na sua opinião, toda a relutância da sua amiga se desvaneceria no momento em que o supusesse em seu poder.

Nos planos afetuosos que às vezes fazia para Elizabeth, pensava em casá-la com o coronel Fitzwilliam; ele era, sem comparação, o mais agradável dos dois. Era evidente que sentia admiração por Elizabeth, e a sua situação na vida era das melhores; mas para contrabalançar as suas vantagens, Mr. Darcy tinha uma influência considerável na igreja, e seu primo não podia ter nenhuma.

Mais de uma vez, durante os seus passeios pelo parque, Elizabeth teve a surpresa de se encontrar com Mr. Darcy. Ela percebeu a perversidade do acaso, que o trazia aonde ninguém mais costumava aparecer. E para impedir que isto tornasse a suceder, deu-se ao trabalho de preveni-lo de que aqueles passeios constituíam um dos seus hábitos favoritos. Achou muito estranho portanto que o acaso se repetisse uma segunda vez, e mesmo uma terceira. Parecia o efeito de uma vontade maléfica, ou então de uma voluntária mortificação, pois nessas ocasiões Mr. Darcy não se limitava a fazer simples perguntas de cortesia, e depois de uma pequena pausa embaraçosa ir embora; ele voltava sobre os seus passos e a acompanhava. Falava pouco e Elizabeth não se dava ao trabalho de ouvi-lo com muita atenção. Mas da terceira vez, Mr. Darcy lhe fez umas perguntas estranhas e desconexas, sobre o prazer de estar em Hunsford, o gosto que ela parecia encontrar naqueles passeios solitários, e a opinião de Elizabeth sobre a felicidade do casal Collins; e disse também que, por falar em Rosings, e já que parecia que ela não compreendia bem aquela casa, esperava que quando voltasse novamente para o Kent fosse hospedar-se lá também. Era isto que as suas palavras pareciam subentender. Estaria ele pensando no coronel Fitzwilliam? Elizabeth pensou que se aquilo fosse uma indireta tal seria o seu sentido mais provável. Ficou um pouco perturbada e deu graças a Deus porque naquele instante estavam se aproximando do portão da reitoria.

Certo dia em que Elizabeth estava caminhando, relendo a última carta de Jane, especialmente um determinado trecho que parecia provar que Jane estava deprimida, viu, ao levantar os olhos, que se encontrava diante do coronel Fitzwilliam, e não de Mr. Darcy, como ela tinha suposto. Guardando a carta imediatamente e forçando um sorriso,

disse:

— Eu não sabia que o senhor costumava passear por esses lados.

— Estive fazendo a volta do parque — respondeu ele —, como o faço todos os anos, e tencionava encerrá-la com uma visita à reitoria. Tenciona ir mais adiante?

— Não, eu ia voltar logo.

E dizendo isto virou-se. Juntos voltaram até a casa.

— Está mesmo decidido a deixar o Kent sábado? — perguntou Elizabeth.

— Sim, a menos que Darcy torne a adiar a partida. Estou a seu dispor. Ele que decida como lhe aprouver.

— Ele parece ter grande prazer em exercer a faculdade de escolha. Não conheço ninguém que pareça ter tanto prazer em fazer as suas vontades como Mr. Darcy.

— É verdade, ele gosta mesmo de fazer o que quer — respondeu o coronel Fitzwilliam. — Mas todos nós gostamos. Somente, ele tem em geral mais meios de realizar os seus desejos do que o comum dos homens. Falo com sinceridade. Como filho caçula, tenho que estar preparado para o sacrifício e a obediência.

— Na minha opinião o filho mais moço de um nobre pouco sabe a respeito dessas virtudes. Agora fale seriamente, que é que o senhor sabe a respeito do sacrifício e da obediência? Quando foi o senhor impedido, por falta de dinheiro, de se locomover livremente ou de obter as coisas que desejava?

— Isto são perguntas privadas. E talvez eu não possa dizer que tenha experimentado muitas dificuldades desta natureza, mas em outras questões de importância, é possível que eu sofra falta de dinheiro. Os filhos mais moços não podem se casar como desejam.

— A não ser que se apaixonem por mulheres ricas e eu creio que muitas vezes isto acontece.

— O hábito que temos de gastar dinheiro nos torna dependentes demais. E não há muitos na minha situação

que se podem casar sem considerar a questão monetária. “Será isto uma indireta para mim?” — pensou Elizabeth. E esta ideia fê-la enrubescer; mas, dominando-se, disse, num tom alegre:

— E diga-me, qual é o preço usual para o filho mais moço de um nobre? A não ser que o irmão mais velho seja muito doente, não creio que possam exigir além de cinquenta mil libras.

Ele respondeu no mesmo tom e o assunto morreu. Para interromper um silêncio que poderia fazer crer ao coronel que ela se sentira afetada pelo que acabavam de dizer, Elizabeth disse, pouco depois:

— Imagino que o seu primo deve tê-lo trazido consigo com o intuito principal de ter alguém à sua disposição. Não sei por que não se casa. Teria desse modo uma pessoa sempre à sua disposição. Mas talvez a sua irmã preencha esses requisitos no momento. E como ela se encontra sob os seus cuidados exclusivos, Mr. Darcy pode fazer com ela o que quiser.

— Não — disse o coronel Fitzwilliam —, esta é uma vantagem que tem que compartilhar comigo. Exerço juntamente com ele a tutela de Miss Darcy.

— Ah, sim? Diga-me, que espécie de tutores são os senhores? A sua tutelada lhes dá muito trabalho? As moças naquela idade são às vezes difíceis de governar. E se ela possui o verdadeiro espírito dos Darcy, deve ser voluntariosa.

Enquanto falava, Elizabeth via que o coronel estava olhando para ela seriamente e pela maneira com que lhe perguntou pouco depois por que é que supunha que Miss Darcy lhes pudesse causar preocupações, ficou convencida de que tinha chegado próximo à verdade.

Elizabeth respondeu diretamente:

— Não precisa se assustar. Nunca ouvi nada de mal a seu respeito. E ouvi dizer até que é uma das pessoas mais tratáveis do mundo. Duas senhoras minhas conhecidas

gostam muito dela: Mrs. Hurst e Miss Bingley. Penso que já ouvi o senhor dizer que também as conhece.

— Conheço-as um pouco. O irmão delas é um cavalheiro muito agradável e bem-educado. É um grande amigo de Darcy.

— Oh, sim — disse Elizabeth, secamente. — Mr. Darcy é muito atencioso para com Mr. Bingley. Tem um cuidado realmente prodigioso com ele.

— Sim, acredito realmente que Darcy cuide de certas coisas dele que na verdade precisam de cuidados. Por um fato que ele citou durante a nossa viagem para cá, tenho razões para pensar que Bingley deve muita coisa a Darcy. Mas tenho de desculpar-me com ele, pois não tenho o direito de pensar que Bingley seja a pessoa a que se refere a história. É uma simples conjectura.

— Qual é essa história?

— É um caso que Darcy naturalmente não pode desejar que se espalhe, pois se chegasse aos ouvidos da família da moça poderia ser uma coisa desagradável.

— Pode ficar certo de que nunca falarei a este respeito.

— E lembre-se que não tenho muitas razões para supor que esta pessoa seja Bingley. O que ele me contou foi apenas o seguinte: que se felicitava a si mesmo por ter salvo um amigo dos inconvenientes de um casamento dos mais imprudentes, mas sem mencionar nomes ou outros quaisquer detalhes. E eu suspeitei que fosse Bingley, apenas porque acredito que é desses rapazes que se metem em aventuras dessa espécie e porque sei que eles estiveram juntos durante todo o verão passado.

— E Mr. Darcy apresentou os motivos dessa interferência?

— Compreendi que havia objeções muito fortes contra a moça.

— E de que artifícios usou para separá-los?

— Ele não me falou a respeito dos artifícios que tinha usado

— disse Fitzwilliam sorrindo. — Disse-me apenas o que acabo de lhe contar.

Elizabeth não respondeu e continuou a andar, com o coração repleto de indignação. Depois de observá-la durante alguns instantes, Fitzwilliam perguntou-lhe por que estava tão pensativa.

— Estive pensando no que acaba de me contar — disse ela.

— A conduta do seu primo não se coaduna com os meus sentimentos. Por que é que ele se arrogou o direito de julgar?

— Parece que a senhora está disposta a considerar a interferência dele inoportuna.

— Não sei com que direito Mr. Darcy pode decidir a respeito da legitimidade das inclinações do seu amigo, ou baseado apenas no próprio julgamento determinar de que maneira aquele amigo poderia ser feliz. Mas — continuou, voltando a si —, como não conhecemos as circunstâncias, não é justo condená-lo. Não suponho que existisse grande afeição naquele caso.

— A suposição não é improvável — disse Fitzwilliam —, porém diminui bastante o triunfo do meu primo.

Estas palavras foram ditas em tom de gracejo; mas pareceu a Elizabeth que traçavam um retrato tão justo de Mr. Darcy que resolveu refrear a sua resposta. E portanto, mudando abruptamente de assunto, falou de coisas indiferentes até que chegaram à reitoria. Aí, logo depois que o visitante partiu, ela se trancou no quarto para pensar sem interrupção em tudo o que tinha ouvido. Não era de supor que fossem outras as pessoas envolvidas. Não poderiam existir no mundo dois homens sobre os quais Mr. Darcy exercesse um domínio tão absoluto. Nunca duvidara de que ele tivesse tido a sua parte nas medidas que tinham sido adotadas para separar Mr. Bingley de Jane. Mas sempre atribuíra a Miss Bingley a iniciativa do plano e a parte mais importante da execução. Se ele não tivesse sido portanto iludido pela sua própria vaidade, Mr. Darcy, com o seu orgulho e seu capricho era a causa de tudo o que Jane tinha sofrido. Ele tinha arruinado por algum tempo todas as

esperanças de felicidade para o coração mais afetuoso e mais generoso do mundo. E ninguém poderia dizer quão duradouro era o mal que tinha causado.

Havia objeções muito fortes contra a moça, tais tinham sido as palavras do coronel Fitzwilliam. E estas fortes objeções eram provavelmente as seguintes: o fato dela ter um tio que era advogado no campo e outro que era comerciante em Londres. “Contra Jane em pessoa”, pensou, “não poderia haver possibilidade de objeção. Ela é toda doçura e bondade. É inteligente, educada e suas maneiras são cativantes. Nada pode ser objetado tampouco contra meu pai, que embora um pouco excêntrico, tem qualidades que nem Mr. Darcy pode desdenhar. E uma respeitabilidade que ele provavelmente nunca alcançará.” Quando pensava na sua mãe, com efeito a sua confiança declinava um pouco. Mas não era crível que quaisquer objeções desse gênero pesassem aos olhos de Mr. Darcy, cujo orgulho, pensou Elizabeth, seria mais facilmente ferido pela falta de importância das relações do seu amigo do que pela falta de senso dessas mesmas pessoas. E finalmente Elizabeth chegou à conclusão de que Mr. Darcy se deixara levar em parte pelo seu desmedido orgulho e em parte pelo desejo de reter Mr. Bingley para sua irmã. As agitações e as lágrimas que o assunto causara trouxeram a Elizabeth uma dor de cabeça que à noite se agravou. Esta circunstância e a sua repugnância em ver Mr. Darcy determinaram-na a não acompanhar as suas primas a Rosings, onde deviam tomar chá. Mrs. Collins, vendo que ela realmente não estava bem, não insistiu, impedindo o mais que pôde o seu marido de insistir. Mr. Collins não pôde esconder a sua apreensão de que Lady Catherine se mostrasse aborrecida por Elizabeth ter ficado em casa.

Elizabeth não conseguiu refrear por mais tempo a impaciência em que estava para contar a Jane o que tinha acontecido. E afinal, resolvendo omitir todos os detalhes que dissessem respeito à sua irmã, e prevenindo-a de que ia ficar surpresa, contou-lhe na manhã seguinte a maior parte da cena que se tinha passado entre Mr. Darcy e ela própria.

A surpresa de Miss Bennet a princípio foi grande, mas aos poucos começou a achar natural o que tinha acontecido, pois julgava que todos deviam compartilhar a admiração que sentia por Elizabeth. Era realmente lamentável que Mr. Darcy tivesse manifestado os seus sentimentos de uma forma que os recomendava tão pouco. Mas o que mais a entristeceu foi o desgosto que a recusa de sua irmã lhe devia ter causado.

— A certeza que ele tinha do seu êxito era falsa — disse Jane. — E sobretudo não devia ter transparecido. Mas não se esqueça de que isto torna ainda mais cruel o seu desapontamento.

— Realmente — disse Elizabeth —, eu sinto muito por ele. Mas Mr. Darcy tem outros sentimentos que provavelmente expulsarão dentro de muito pouco tempo a admiração que tem por mim. Mas você não me censura por tê-lo recusado?

— Censurar você? Oh, não...

— Mas você me censura por ter tomado tão a peito o partido de Wickham?

— Não, não sei o que haveria de errado no que você disse.

— Mas você saberá, depois que lhe contar o que aconteceu no dia seguinte.

Elizabeth falou então na carta, repetindo tudo o que ela continha, na parte que se referia a George Wickham. Foi um grande choque para a pobre Jane, que de bom grado passaria pelo mundo sem saber que existia nele toda tanta

maldade, como a que se concentrava aqui num só indivíduo. Nem mesmo a justificação de Darcy, grata aos seus sentimentos, era suficiente para a consolar de uma tal descoberta. Com a maior seriedade, Jane procurou provar que havia uma possibilidade de erro, tentando inocentar um deles sem acusar o outro.

— Isto não pode ser — disse Elizabeth —; você nunca conseguirá fazer com que ambos tenham razão. Faça a sua escolha, mas é preciso que se contente com um deles. As qualidades dos dois reunidas chegam apenas para fazer um homem bom. Ultimamente as situações se têm invertido várias vezes. Quanto a mim estou inclinada a acreditar em Mr. Darcy, mas você pode escolher o que quiser.

Passou-se algum tempo, entretanto, antes que um sorriso aparecesse no rosto de Jane.

— Não me lembro jamais de ter sofrido um tão grande desapontamento — disse ela. — Wickham é tão ruim assim? É quase inacreditável! E coitado de Mr. Darcy... Pensa, Lizzy, em tudo o que ele deve ter sofrido. Que decepção! E ficou sabendo o que você pensa dele... E ter de contar uma coisa daquelas da sua própria irmã! É realmente muito triste. Creio que você deve sentir a mesma coisa.

— Oh, não, minha compaixão e meu arrependimento se dissipam quando vejo você toda cheia dos mesmos sentimentos! Tenho tanta certeza que você lhe fará toda a justiça, que cada vez me sinto mais despreocupada e indiferente. A sua generosidade dispensa a minha. E se você continuar a lamentá-lo muito mais tempo, meu coração ficará tão leve como uma pena.

— Pobre Wickham! O rosto dele exprime tanta bondade... Suas maneiras são tão francas e amáveis...

— Houve certamente um grande erro na educação desses dois rapazes. Um tem todas as qualidades e outro todas as boas aparências.

— Eu nunca achei que as aparências de Mr. Darcy eram tão más assim.

— E no entanto, ao tomar partido tão violentamente contra ele, sem nenhuma razão, eu me vangloriava da minha agudeza. Uma antipatia tão forte como a que eu tinha por ele é um grande incentivo para a inteligência e para a ironia. A gente pode falar mal de um homem continuamente, sem nada exprimir de justo, mas não se pode rir a vida inteira de alguém, sem de vez em quando se esbarrar numa coisa espirituosa.

— Lizzy, estou certa de que quando leu a carta pela primeira vez não encarava as coisas do mesmo modo.

— Realmente, eu não podia. Estava muito perturbada. Posso dizer até infeliz. E depois eu não tinha ninguém com quem falar, não tinha Jane para me consolar, assegurando-me que eu não tinha sido tão fraca e leviana quanto eu sabia que realmente fora. Oh, como eu desejava que você estivesse junto de mim.

— Foi pena que você tenha usado de expressões tão fortes falando de Wickham para Mr. Darcy. Pois agora vê-se claramente que foram imerecidas.

— Certamente. Mas a infelicidade de falar amarguradamente é uma consequência natural da parcialidade de que me tinha tornado culpada. Há um ponto sobre o qual eu quero o seu conselho. Quero saber se devo ou não revelar aos nossos conhecidos qual é o caráter real de Wickham.

Miss Bennet fez uma pequena pausa e depois respondeu:

— Acho que não há motivo para uma tão terrível denúncia. Que pensa você?

— Acho que isto não deve ser feito. Mr. Darcy não me autorizou a tornar públicas as suas declarações; pelo contrário, ele me recomendou que guardasse exclusivamente para mim todos os detalhes relativos à sua irmã. E se eu não mencionar este fato central, quem me acreditará? A má vontade geral contra Mr. Darcy é tão violenta que metade dos habitantes de Meryton morreria se eu tentasse colocá-lo sob uma luz mais favorável. Não

tenho forças para isto. Wickham dentro em pouco partirá. E portanto, pouco importa que ninguém aqui saiba o que ele é realmente. Algum dia será descoberto, e então nós poderemos rir da estupidez dos outros por não terem adivinhado há mais tempo. No momento eu não direi nada. — Tem toda a razão. Se denunciarmos publicamente os seus erros, podemos arruinar a sua vida para sempre. Talvez esteja arrependido do que fez e ansioso em refazer a sua reputação. Não devemos fazê-lo desesperar.

Esta conversa ajudou Elizabeth a pôr em ordem os seus tumultuosos pensamentos. Ela se tinha libertado de dois segredos que lhe haviam pesado durante 15 dias. Tinha a certeza de que Jane a tornaria a ouvir com a mesma boa vontade, quando desejasse falar novamente. Mas ainda havia outra coisa que se escondia na sombra e que a prudência de Elizabeth impedia de desvendar. Não ousava relatar a Jane a outra metade da carta de Mr. Darcy, nem lhe revelar que Bingley correspondera sinceramente ao seu afeto. Aí estava um segredo que ninguém podia compartilhar. E ela compreendia que só o restabelecimento da mais perfeita compreensão entre eles poderia desobrigá-la desse silêncio. E refletiu que se este acontecimento tão pouco provável ocorresse, tudo o que poderia fazer era repetir o que o próprio Bingley diria de uma forma muito mais agradável. “Só ficarei livre desse segredo”, pensou Elizabeth, “quando ele tiver perdido todo o valor.”

Agora, instalada em casa, tinha toda a oportunidade de observar o estado real dos sentimentos de sua irmã. Jane não estava feliz. Ela conservava muito viva a sua afeição por Bingley. Como nunca anteriormente ela se imaginara apaixonada, esses sentimentos tinham todo o calor e toda a frescura do primeiro amor, e devido ao seu caráter e idade, maior firmeza do que essas primeiras paixões em geral possuem. Cultuava com tanto fervor a lembrança de Bingley e de tal modo o preferia a qualquer outro homem, que precisava lançar mão de todo o seu bom senso e de toda a

sua consideração dos sentimentos alheios para dominar aquelas tristezas que poderiam se tornar prejudiciais para a sua própria saúde e para a tranquilidade dos seus amigos.

— Bem — disse Mrs. Bennet um dia para Elizabeth —, que é que você pensa agora desse insucesso de Jane? Quanto a mim, estou decidida a não falar mais nisto com ninguém. Foi o que disse à minha irmã Philips no outro dia. Mas eu não consigo saber se Jane se avistou com ele em Londres. Bem, é um rapaz muito pouco merecedor. E não creio que haja a menor probabilidade de Jane reavê-lo. Nada se fala a respeito da sua volta a Netherfield no verão. Eu já indaguei de todas as pessoas que poderiam saber.

— Eu creio mesmo que nunca virá a Netherfield.

— Ah, bem, ele fará o que quiser. Ninguém deseja que volte. Mas eu continuaria a dizer que foi muito desleal para com a minha filha. E se eu fosse ela, não teria suportado isto; mas o meu consolo é que Jane morrerá de desgosto. E ele então se arrependerá do que fez.

Mas como Elizabeth não via nenhum consolo neste prognóstico, nada respondeu.

— Bem, Lizzy — continuou a sua mãe, pouco depois. — Os Collins vivem lá muito confortavelmente, não é? Bem, bem, eu só desejo que isto dure. E como é a mesa deles?

Charlotte é uma excelente dona de casa. Se é tão econômica quanto a mãe, deve estar pondo dinheiro de lado. Não há extravagância nenhuma na casa dos pais dela.

— Não, nenhuma.

— A boa administração de uma casa depende principalmente disto. Sim, sim, aqueles não correm o risco de gastar mais do que têm. Nunca terão atrapalhões de dinheiro. Bem, que sejam felizes. E naturalmente fazem muitos planos a respeito de Longbourn depois que o seu pai morrer, não? Já consideram isto naturalmente como uma propriedade sua.

— Foi um assunto que nunca mencionaram na minha frente.

— Mas também era só o que faltava. Mas não tenho a

menor dúvida de que falam nisto constantemente entre si.
Bem, se a consciência não lhes dói, tanto melhor para eles.
Eu teria vergonha de herdar uma propriedade que não fosse
minha, legalmente.

Tinha passado a primeira semana depois do regresso das meninas. A segunda começou. Chegara o dia da partida do regimento de Meryton. E todas as moças da redondeza definhavam de desgosto. A tristeza era geral. Apenas as duas mais velhas da família Bennet conseguiam ainda comer, beber, dormir e passar o seu tempo como de costume. Frequentemente recebiam admoestações de Kitty e Lydia por causa daquela insensibilidade. O desgosto daquelas duas era extremo. Elas não podiam compreender tamanha dureza de coração.

— Que é que nós vamos fazer? — exclamavam frequentemente, impelidas pela sua amargura. — Como é que você pode se mostrar tão sorridente, Lizzy?

Mrs. Bennet, que era uma mãe afetuosa, compartilhava a tristeza das filhas. Recordava-se do que tinha sofrido há 25 anos.

— Eu me lembro — disse ela —; chorei durante dois dias seguidos quando o regimento do coronel Miller foi embora. Pensei que ia morrer de desgosto.

— Estou certa de que isto acontecerá comigo — disse Lydia.

— Se a gente pudesse ir a Brighton! — observou Mrs. Bennet.

— Oh, sim, se a gente pudesse ir a Brighton... Mas papai é tão desagradável!

— Alguns banhos de mar me restabeleceriam para sempre.

— E minha tia Philips disse que isto haveria de me fazer muito bem — acrescentou Kitty.

Tais eram as lamentações que se ouviam perpetuamente em Longbourn. Elizabeth procurava se distrair com aquilo. Mas a sua vergonha lhe roubava todo o prazer. Ela tornava a sentir a retidão das objeções de Mr. Darcy. E nunca antes estivera tão disposta a perdoar a sua interferência no caso do seu amigo.

Mas as sombrias perspectivas de Lydia foram logo dissipadas, pois Mrs. Forster, a mulher do coronel do regimento, a convidou para ir a Brighton, em sua companhia. Essa inestimável amiga era muito moça e estava casada há muito pouco tempo. Era alegre e animada como Lydia. E essa semelhança as tornara muito íntimas depois de três meses de relações.

O êxtase de Lydia, a sua adoração por Mrs. Forster, a alegria de Mrs. Bennet e a mortificação de Kitty são impossíveis de descrever. Inteiramente indiferente aos sentimentos da sua irmã, Lydia corria pela casa numa felicidade inextinguível, exigindo que todos lhe dessem parabéns, rindo e falando com mais violência do que nunca; enquanto isto, a infeliz Kitty permanecia na sala, lamentando o seu destino em termos despropositados, numa voz ressentida:

— Não compreendo por que Mrs. Forster não me convidou também — disse ela. — Embora eu não seja a sua amiga particular, tenho tanto direito a ser convidada quanto Lydia. Mais até, pois sou dois anos mais velha.

Elizabeth procurou em vão lhe incutir sentimentos mais sensatos e Jane maior resignação. Quanto a Elizabeth, esse convite estava longe de lhe produzir os mesmos sentimentos que em sua mãe e em Lydia, pois o considerava como uma espécie de sentença de morte para todas as possibilidades de sua irmã vir um dia a ter bom senso. E não pôde deixar de aconselhar secretamente a seu pai que não deixasse Lydia ir, apesar da repugnância que lhe inspirava um tal empreendimento. Ela lhe descreveu todas as impropriedades da conduta de Lydia e as poucas vantagens que lhe poderiam advir da intimidade com uma mulher como Mrs. Forster e a probabilidade de que Lydia se tornasse ainda mais imprudente em companhia de uma tal pessoa e num lugar onde as tentações seriam maiores do que em casa. Ele a ouviu atentamente, e respondeu:

— Lydia nunca ficará tranquila enquanto não lhe acontecer alguma. E ela nunca encontrará melhor ocasião de fazer

uma tolice do que a atual, sem dar despesas e trabalho à família.

— Se o senhor soubesse — disse Elizabeth — dos grandes inconvenientes que esta conduta leviana de Lydia em público, pode nos trazer, ou melhor, as que já nos trouxe, encararia esta questão de maneira diferente.

— Já trouxe? — repetiu Mr. Bennet. — Será que ela já afugentou um dos seus namorados? Minha pobre Lizzy... Mas não fique desanimada. Estes rapazes difíceis que não suportam o contato de pequenos ridículos não são dignos de saudade. Vamos, dê-me a lista dos pobres coitados que foram postos em fuga pelas loucuras de Lydia.

— Realmente, o senhor está enganado. Não tenho desgostos destes a lamentar. Não é de dissabores particulares mas de inconvenientes que eu me queixo. A nossa reputação deve sofrer necessariamente com a levandade de Lydia, a imprudência e o desdém de toda restrição que marcam o seu caráter. Desculpe, mas eu preciso falar claramente. Se o senhor não se der ao trabalho de reprimir essas loucuras e não lhe ensinar que as suas atuais ocupações não são a finalidade da sua vida, em breve não haverá mais possibilidade de corrigi-la. Seu caráter estará fixado e com 16 anos ela será uma terrível namoradeira, cobrindo a si mesma e a sua família de ridículo. E uma namoradeira no pior sentido, sem outros atrativos a não ser a sua mocidade e sua boa aparência. A sua ignorância e futilidade a tornarão incapaz de vencer o desprezo geral que o seu apetite imoderado de admiração há de provocar. E Kitty também corre o mesmo perigo. Ela acompanhará de olhos fechados os passos de Lydia.

Vaidosa, ignorante, ociosa, e absolutamente descontrolada! Oh, meu querido pai, acha o senhor possível que elas não sejam censuradas e desprezadas em qualquer lugar em que se tornem conhecidas? E que as suas irmãs não serão frequentemente envolvidas nesse mesmo desprezo?

Mr. Bennet viu que todo o coração da sua filha estava

comprometido no assunto. E tomando-lhe afetuosamente a mão, respondeu:

— Não se preocupe, meu bem. Onde quer que você e Jane sejam conhecidas, serão respeitadas e apreciadas. E vocês não serão menos admiradas porque têm duas, ou melhor, três irmãs bastante tolas. Não teremos um instante de sossego em Longbourn se Lydia não for a Brighton. Portanto, deixe-a ir. O coronel Forster é um homem sensato e tomará precauções para que nada de mal lhe aconteça. E felizmente ela é pobre demais para ser um objeto de grandes cobiças. Em Brighton terá menos importância, mesmo como namoradeira vulgar, do que aqui. Os oficiais encontrarão moças mais dignas de atenção. Esperemos portanto que a sua estada lá lhe mostre a sua insignificância. E de qualquer forma ela não pode piorar muito de conduta sem nos autorizar a trancá-la em casa para o resto da vida.

Elizabeth foi obrigada a se contentar com esta resposta. Mas a sua opinião continuou inalterada, e deixou o pai, desapontada e triste. Não estava na sua natureza, no entanto, remoer os seus desgostos, tornando-os assim ainda maiores. Bastava-lhe o consolo de ter feito o seu dever. E inquietar-se com males inevitáveis, ou aumentá-los pela ansiedade eram coisas que não combinavam com o seu feitio.

Se Lydia e sua mãe tivessem sabido o assunto da conversa que Elizabeth tivera com Mr. Bennet, toda a sua volubilidade somada não teria sido suficiente para exprimir a indignação que as possuiria. Na imaginação de Lydia, uma visita a Brighton compreendia todos as possibilidades de felicidade terrena. Ela via com o olhar criador da ficção, as ruas daquela alegre cidade balneária repletas de oficiais. Imaginava-se o centro de atenção de dezenas e centenas deles. Via todos os esplendores do campo militar, as barracas, estendendo-se em belas filas regulares, povoadas de jovens alegres, resplandecentes nas suas túnicas

vermelhas; para completar a cena via-se a si mesma sentada sob uma dessas barracas, namorando pela menos seis oficiais ao mesmo tempo.

Se tivesse sabido que a sua irmã procurara arrancá-la de tais possibilidades e de tais realidades, qual não teria sido a sua indignação? Ela só poderia ter sido compreendida pela sua mãe, cujos sentimentos seriam aproximadamente os mesmos. A ida de Lydia para Brighton era a única coisa que a consolava da certeza melancólica de que seu marido não tencionava também ir.

Mas elas ignoravam tudo o que se tinha passado. E seus êxtases continuaram com pequenos intervalos, até o dia da partida de Lydia.

Elizabeth veria então Mr. Wickham pela última vez. Tendo-o encontrado frequentemente em sociedade desde a sua volta, a sua agitação já se tinha acalmado. As emoções da sua antiga preferência, estas se tinham desvanecido de todo. Conseguira mesmo distinguir uma certa afetação e monotonia nas próprias gentilezas que a princípio a tinham deliciado. Além disso, na conduta atual de Wickham para com ela, Elizabeth encontrava uma nova fonte de desprazer, pois a inclinação que ele manifestou para renovar aquelas atenções que tinham caracterizado os primeiros tempos das suas relações agora serviam apenas para irritá-la ainda mais. Perdeu todo o respeito por ele, vendo-se assim escolhida como objeto de tão fúteis galanteios. E enquanto os repelia com firmeza, não podia deixar de sentir a censura implícita na convicção de Wickham de que quaisquer que tivessem sido as causas que tinham feito cessar as suas atenções, e por maior que tivesse sido o período de tempo em que o fizera, a vaidade de Elizabeth seria gratificada e a sua preferência reconquistada no momento em que quisesse renovar as suas gentilezas.

No último dia que o regimento passou em Meryton, Wickham veio jantar em Longbourn com outros oficiais.

Elizabeth estava tão pouco disposta a se despedir dele de bom humor que, quando Wickham lhe fez algumas perguntas sobre a maneira como passara o seu tempo em Hunsford, respondeu que o coronel Fitzwilliam e Mr. Darcy tinham passado três semanas em Rosings e perguntou-lhe se conhecia o primeiro.

Ele pareceu surpreendido, aborrecido, alarmado. Mas depois de se concentrar um instante, respondeu sorrindo que outrora estivera frequentemente com ele. E depois de observar que era um cavalheiro muito fino, perguntou se Elizabeth tinha gostado dele. A resposta de Elizabeth foi calorosamente afirmativa. Com ar de indiferença, pouco depois ele acrescentou:

— Quanto tempo disse que haviam passado em Rosings?

— Quase três semanas.

— Esteve com ele frequentemente?

— Sim, quase todos os dias!

— Suas maneiras são bem diferentes das de seu primo.

— Sim, muito diferentes. Mas acho que Mr. Darcy ganha muito quando o conhecemos melhor.

— Realmente — exclamou Wickham, com um olhar que não escapou a Elizabeth. — E posso perguntar...

Porém, mudando de ideia, acrescentou, num tom mais alegre:

— Será na sua maneira de falar que ele melhora? Ter-se-ia dignado a acrescentar um pouco de cortesia ao seu estilo habitual? Pois não ouse esperar que tenha realmente melhorado nas coisas essenciais — continuou Wickham, num tom mais grave.

— Oh, não — disse Elizabeth —, quanto às coisas essenciais, creio que continua exatamente o que era.

Enquanto ela falava, a expressão de Wickham indicava que não sabia se se devia alegrar com as suas palavras ou desconfiar do sentido das mesmas. Havia qualquer coisa no rosto de Elizabeth que o obrigava a seguir com atenção ansiosa as suas palavras. Elizabeth acrescentou:

— Quando disse que ele melhorava à medida que se conhecia melhor o seu temperamento, não queria dizer que seu espírito, nem tampouco as suas maneiras estavam em vias de aperfeiçoamento, mas que conhecendo-o melhor o seu caráter se tornava mais compreensível.

A inquietude de Wickham transparecia agora no rubor que lhe subira ao rosto e no seu olhar desassossegado. Durante alguns minutos ficou em silêncio e finalmente, vencendo o seu embaraço, ele tornou a se virar para Elizabeth e disse, num tom muito grave:

— A senhora, que conhece tão bem os meus sentimentos para com Mr. Darcy, há de compreender quanto eu me alegro sinceramente de que ele assuma, pelo menos, a aparência de justiça. Nisso o orgulho dele pode ser útil, senão para ele próprio, pelo menos para os outros, pois o impedirá de cometer tão flagrantes injustiças como as que eu tive de sofrer. Temo apenas que essas precauções, às quais, imagino, a senhora acaba de aludir, sejam apenas adotadas durante as visitas em casa da sua tia, de cuja opinião e julgamento ele tem o maior respeito. O medo que a sua tia lhe causa sempre atuou sobre ele, quando estão juntos; e uma grande parte disto deve ser atribuída ao desejo que tem de favorecer o seu projetado casamento com Miss de Bourgh, pois sei com certeza que ele leva isto muito a sério.

Elizabeth não pôde deixar de sorrir, mas respondeu apenas com um ligeiro aceno de cabeça. Compreendeu que ele desejava arrastá-la para o assunto das suas mágoas e não estava disposta a tolerá-lo. Durante o resto da noite, Wickham procurou se mostrar alegre e despreocupado como sempre, porém cessou as suas atenções para com Elizabeth. Separaram-se com mútua cortesia e possivelmente um desejo igual de nunca mais se encontrar. Quando chegou a hora das visitas se retirarem, Lydia regressou com Mrs. Forster para Meryton, de onde deveriam partir no dia seguinte de manhã cedo. A separação entre ela

e o resto da família foi mais ruidosa do que patética. Kitty foi a única que chorou, mas as suas lágrimas eram de humilhação e inveja. Mrs. Bennet foi eloquente nos seus desejos de felicidade para a filha, e nas suas injunções para que ela não perdesse nenhuma oportunidade de se divertir, conselho que, tudo levava a crer, seria seguido à risca. E no meio dos clamores com que Lydia exprimia a sua felicidade, os adeuses menos ruidosos das suas irmãs quase não foram ouvidos.

Se as opiniões de Elizabeth se originassem do exemplo dado pela sua própria família, a sua ideia da felicidade conjugal e de conforto doméstico não poderia ser das mais lisonjeiras. Seu pai, cativado pela mocidade, beleza e aparência de bom humor que a juventude em geral confere às mulheres, tinha se casado com uma pessoa de débil compreensão e de ideias estreitas; muito pouco tempo depois do casamento, esses defeitos haviam extinguido toda a afeição sincera que tinha por ela. O respeito, a estima, a confiança, tinham-se desvanecido para sempre. E todos os seus anseios de felicidade doméstica foram destruídos. Mas Mr. Bennet não era desses homens que procuram se consolar das decepções causadas pelas suas próprias imprevidências entregando-se a esses prazeres em que os infelizes procuram uma compensação para as suas loucuras e os seus vícios. Ele gostava do campo e dos livros; disso tirava as suas principais distrações, e quanto à sua mulher, pouco mais lhe devia do que os divertimentos que o espetáculo da sua ignorância e a sua falta de senso lhe tinham proporcionado. Essa não é a espécie de felicidade que os homens em geral desejam encontrar no casamento. Mas na falta de outros dons, o verdadeiro filósofo se contentará com os poucos que lhe são dados.

Elizabeth, no entanto, nunca fora cega aos defeitos de seu pai como marido. Aquilo sempre lhe doera, mas admirando as suas qualidades e grata pela maneira afetuosa com que a tratava, Elizabeth se esforçava por esquecer o que não podia deixar de perceber e bania dos seus pensamentos essas contínuas irregularidades de conduta conjugal que, expondo a sua mãe ao desprezo das suas próprias filhas, era portanto altamente repreensível. Mas nunca sentira tão fortemente como agora as desvantagens que devem sofrer os filhos de um casal tão pouco unido, nem compreendera

antes tão claramente os males provenientes de uma defeituosa aplicação de talentos; talentos que, bem-empregados, poderiam proteger a respeitabilidade das suas filhas, mesmo se não conseguissem alargar a mentalidade da sua esposa.

Após o alívio que lhe causara a partida de Wickham, Elizabeth encontrou menos prazer do que esperava na partida do regimento. As reuniões em que tomava parte eram menos variadas do que antes. E em casa tinha uma mãe e uma irmã cujas continuas lamentações sobre o tédio da vida que levavam projetavam uma tristeza real sobre o círculo da família. E embora Kitty se mostrasse às vezes mais sensata, pois as causas que perturbavam o seu cérebro tinham sido removidas, em compensação, Lydia, cujas tendências eram mais perigosas, morando agora num lugar tão impróprio, a um tempo caserna e balneário, acentuaria provavelmente os seus defeitos e a sua inconsciência. Em suma, portanto, descobriu, como anteriormente já muitas vezes acontecera, que os acontecimentos esperados com impaciência não produziam, ao se realizarem, toda a satisfação que deles esperava. Era portanto necessário marcar um outro período para o começo da sua verdadeira felicidade, ter outros pontos de apoio para os seus desejos e esperanças. E consolava-se atualmente com o prazer de antecipar futuras felicidades. A sua viagem para os lagos constituía agora o objeto dos seus pensamentos mais felizes. Era o seu melhor consolo para as horas desagradáveis que o descontentamento de Kitty e de sua mãe tornavam inevitável. E para tornar o seu plano perfeito, só faltava incluir nele Jane.

“Felizmente eu tenho alguma coisa a desejar”, pensou Elizabeth. “Se tudo no meu plano fosse perfeito, a minha decepção seria certa. Mas assim, levando comigo uma fonte contínua de tristeza, a saudade de minha irmã, posso razoavelmente esperar que todas as minhas expectativas de prazer se realizem. Um plano perfeito nunca pode ser

realizado.”

Lydia, ao partir, prometeu que escreveria frequentemente e minuciosamente para sua mãe e para Kitty. Mas as cartas, ansiosamente esperadas, eram sempre muito curtas. As que eram dirigidas a Mrs. Bennet continham pouco mais do que fatos como estes: tinham acabado de regressar da biblioteca, onde tais ou quais oficiais as haviam acompanhado e onde tinham visto toaletes de enlouquecer; tinham visto um vestido novo ou uma nova sombrinha que ela desejaria descrever com mais detalhes, mas não podia, devido à grande pressa que tinha, pois Mrs. Forster a estava chamando; deviam passear para os lados do acampamento. As cartas de Kitty não eram mais informativas, embora mais longas; a maior parte do sentido estava contido nas entrelinhas.

Depois das três primeiras semanas de ausência de Lydia, a saúde, o bom humor e a alegria recomeçaram a aparecer em Longbourn. Tudo tomou um aspecto mais agradável. As famílias que tinham ido passar o inverno em Londres começaram a regressar. Reiniciaram-se os divertimentos de verão. Mrs. Bennet voltou à sua volubilidade habitual e no meio de junho, Kitty havia melhorado tanto que já lhe era possível entrar em Meryton sem chorar, acontecimento tão promissor que deu a Elizabeth a esperança de que no próximo Natal ela tivesse juízo suficiente para não mencionar o nome de um oficial mais de uma vez por dia, a não ser que, por uma ordem maliciosa e cruel do Departamento de Guerra, outro regimento viesse acampar em Meryton.

A data fixada para a sua viagem pelo Norte estava se aproximando rapidamente. Faltavam apenas 15 dias quando chegou uma carta de Mrs. Gardiner, que ao mesmo tempo adiava a partida e abreviava a duração do passeio. Os negócios impediam Mr. Gardiner de sair de Londres até 15 dias depois da data marcada. E ele era obrigado a regressar dentro de um mês. Esse período era curto demais para que

fossem muito longe e vissem tudo o que tinham planejado. Pelo menos impedia que visitassem tudo com o vagar e o conforto que haviam ideado. Portanto eram obrigados a desistir de vez dos lagos. Era preciso fazer um circuito mais reduzido. De acordo com o novo plano, não iriam além do Derbyshire. Naquele condado havia muita coisa a ver e isto dava para encher as três semanas que tinham. E para Mrs. Gardiner esse plano possuía um encanto particular. Julgava a cidade onde passara alguns anos da sua vida tão digna de atenção quanto a célebre região dos lagos.

Elizabeth ficou extremamente desapontada. Tinha um grande desejo de ver os lagos e continuava a pensar que havia tempo suficiente.

Mas Elizabeth era resignada e certamente tinha bom gênio. Em breve essa decepção tinha passado.

Muitas ideias estavam associadas a esse condado do Derbyshire.

Era impossível ler a palavra sem pensar em Pemberley e no seu proprietário. Mas certamente, pensou, poderei penetrar naquela região sem que ele me veja.

O período de expectativa fora agora duplicado. Ela teria de esperar quatro semanas até a chegada de seus tios. Mas estas semanas passaram, e Mr. e Mrs. Gardiner apareceram finalmente em Longbourn, acompanhados dos quatro filhos. As crianças, duas meninas de seis e oito anos de idade e dois meninos menores, seriam entregues aos cuidados da prima Jane, que era a grande favorita. O seu bom senso, a doçura de seu gênio, pareciam destiná-la à missão de cuidar das crianças.

Os Gardiner ficaram apenas uma noite em Longbourn, e partiram na manhã seguinte com Elizabeth, em busca de aventuras. Um prazer pelo menos era certo: o de ter bons companheiros de viagem, com saúde, bom gênio para suportar pequenos contratemplos, bom humor para realçar todos os prazeres, afeição e inteligência capazes de sugerir novas distrações, caso lhes adviessem decepções no

caminho.

Não temos a intenção de fazer a descrição do Derbyshire, nem dos vários lugares notáveis por que passaram no caminho. Oxford, Blenheim, Warwick, Kenilworth, Birmingham, etc. são suficientemente conhecidos. Uma pequena parte do Derbyshire é o que nos interessa. Eles se dirigiram para a pequena cidade de Lambton, onde Mrs. Gardiner residira. Recentemente descobrira que ainda se encontravam lá alguns dos seus velhos conhecidos. E aí Elizabeth soube da sua tia que Pemberley ficava situada a cinco milhas de Lambton. Pemberley não ficava na estrada direta que deviam tomar, mas a uma ou duas milhas dessa estrada. Na véspera, ao conversarem sobre o itinerário, Mrs. Gardiner tornou a manifestar o desejo de rever a propriedade. Mr. Gardiner concordou e perguntaram a Elizabeth se aprovava a ideia.

— Meu bem, você gostaria de ver esse lugar de que tanto já ouviu falar? — perguntou sua tia. — Um lugar onde muitos conhecidos seus já moraram? Wickham passou lá toda a sua mocidade, como você sabe.

Elizabeth ficou embaraçada. Compreendia que não tinha nenhum interesse em ver Pemberley e foi obrigada a manifestar a pouca disposição que sentia. Declarou que estava cansada de ver grandes casas.

Depois de percorrer tantas, não encontrava mais nenhum prazer em belos tapetes ou cortinas de cetim.

Mrs. Gardiner zombou da sua ingenuidade.

— Se Pemberley fosse apenas uma casa ricamente mobiliada — disse —, eu tampouco faria questão de ir. Mas o parque é lindíssimo, e os bosques são dos mais belos do país.

Elizabeth não respondeu, mas no seu espírito não podia concordar. Imediatamente lhe ocorreu a possibilidade de encontrar Mr. Darcy enquanto visitava o lugar. Seria horrível. A simples ideia a fazia corar.

Talvez fosse preferível contar tudo claramente à sua tia, do

que correr um tal risco. Mas contra isto havia objeções. E finalmente decidiu que lançaria mão dessa ideia como último recurso, caso as indagações particulares que fizesse lhe revelassem a presença da família em Pemberley. Por isso, quando foi se deitar à noite, perguntou à criada se Pemberley não era um lugar muito bonito, qual era o nome do proprietário e, com íntimo alarme, se a família não estava lá para passar o verão. Felizmente, a última pergunta foi respondida de modo negativo. E cessada a causa das suas inquietações, ela sentia agora uma grande curiosidade em ver a casa. E quando o assunto tornou a ser ventilado no dia seguinte, e novamente lhe perguntaram a sua opinião, respondeu prontamente, com ar de indiferença, que não fazia nenhuma objeção ao plano.

No caminho, Elizabeth esperava emocionada a primeira aparição do bosque de Pemberley. E quando afinal chegaram à casa do vigia e entraram no parque, a sua agitação cresceu ainda mais.

O parque era muito grande e tinha os aspectos mais variados. Entraram nele pela sua parte mais baixa e durante algum tempo caminharam através de um belo e extenso bosque.

Apesar da conversa animada que mantinha com os seus tios, Elizabeth viu e admirou todas as vistas e lugares pitorescos. Durante meia milha o caminho subia suavemente e depois de algum tempo se encontraram no topo de um morro bastante alto, onde o bosque terminava. No outro lado do parque se avistava imediatamente a casa de Pemberley e a estrada, encurvando-se bruscamente, descia em direção a ela. Era um grande e belo edifício, situado na encosta de uma colina, por detrás da qual se elevava uma outra série de belas colinas arborizadas.

Defronte da casa, corria um riacho de regular tamanho que, represado, formava um pequeno lago. As suas margens não tinham sido adornadas pela mão do homem. Elizabeth ficou encantada. Nunca vira um lugar tão bem-dotado pela natureza. Ali, essa beleza natural não fora ainda prejudicada por artifícios de um gosto duvidoso. Todos manifestaram a sua admiração. Naquele momento Elizabeth sentiu que ser a proprietária de Pemberley significava alguma coisa.

Desceram a colina, atravessaram a ponte e se aproximaram da casa. Enquanto a examinavam de perto, voltaram a Elizabeth as suas apreensões quanto a um possível encontro com o dono da casa. Tinha medo de que a criada pudesse ter-se enganado. Depois de pedirem para ver a casa, foram conduzidos ao hall. E enquanto esperavam a caseira, Elizabeth teve tempo bastante para voltar a si,

perguntando a si própria por que motivo se encontrava naquele lugar. A caseira chegou afinal. Era uma senhora idosa, de aspecto respeitável, muito mais simples e amável do que esperavam. Acompanharam-na até à sala de jantar. Era uma sala grande, bem-proporcionada e mobiliada com elegância. Elizabeth, depois de examiná-la sumariamente, foi até uma das janelas para apreciar a vista. A colina de onde tinham descido, com as suas grandes árvores, parecendo mais abrupta, era porém mais bela de longe. Tudo naquelas terras tinha sido bem-aproveitado. Elizabeth contemplou a paisagem com encanto, o rio, as árvores espalhadas pelas suas margens, o vale serpenteando até onde a sua vista podia alcançar.

Nos outros quartos, a cena variava. Mas de todas as janelas a vista era linda. Os quartos eram grandes e elegantes. E a mobília revelava a fortuna do proprietário; mas Elizabeth admirou o bom gosto dos móveis, que não eram nem vistosos demais, nem desnecessariamente complicados. Tinham menos esplendor e mais elegância do que os de Rosings.

“Eu poderia ter sido a dona deste lugar”, pensou ela. “Estes quartos, eu os conheceria intimamente. E em vez de vê-los como uma estranha, eu poderia alegrar-me de possuí-los e receber aqui como visitantes meu tio e minha tia.” Mas voltando a si, continuou: “mas não, isto não poderia ser. Meu tio e minha tia estariam perdidos para mim. Jamais me permitiriam convidá-los.”

Foi esta uma lembrança oportuna. Evitava que Elizabeth se arrependesse do que tinha feito.

Estava ansiosa para perguntar à caseira se o seu patrão estava realmente ausente. Mas a coragem lhe faltava. Afinal, a pergunta foi feita pelo seu tio. Elizabeth desviou o rosto, assustada, enquanto Mrs. Reynolds respondia que estava ausente, acrescentando:

— Mas nós o esperamos amanhã com um grande grupo de amigos.

Elizabeth deu graças a Deus de ter vindo naquele dia e não no seguinte.

Sua tia chamou-a para olhar um quadro. Ela se aproximou e viu sobre a lareira um retrato de Mr. Wickham entre várias outras miniaturas. Mrs. Gardiner perguntou, sorrindo, se Elizabeth gostava do retrato. Mrs. Reynolds se aproximou e disse que era o retrato do filho do intendente do seu falecido patrão, que o tinha educado a suas expensas.

— Ele agora entrou para o exército — acrescentou ela. — Mas creio que não deu boa coisa.

Mrs. Gardiner olhou para a sobrinha com um sorriso que Elizabeth não pôde retribuir.

— E este — disse Mrs. Reynolds, apontando para outra miniatura — é o meu patrão. O retrato é muito parecido. Foi feito ao mesmo tempo que o outro, há oito anos.

— Já ouvi dizer que o seu patrão é um belo rapaz — disse Mrs. Gardiner, olhando para o retrato. — O rosto é simpático. Mas, Lizzy, você pode dizer se é parecido ou não. O respeito de Mrs. Reynolds por Elizabeth pareceu aumentar depois desta alusão às suas relações com o patrão.

— A senhora conhece Mr. Darcy?

Elizabeth corou e respondeu:

— Um pouco.

— E não acha que ele é uma bela figura de homem?

— Realmente.

— Estou certa de que não conheço outro que lhe seja superior. Mas na galeria lá em cima há de ver um outro retrato melhor e maior do que este. Esta sala era o lugar favorito do meu falecido patrão, e essas miniaturas estão exatamente no lugar onde estavam quando era vivo.

Gostava muito delas.

Isto explicou a Elizabeth o fato da miniatura de Mr. Wickham se encontrar entre as outras.

Mrs. Reynolds, então, chamou a atenção dos visitantes para um retrato de Miss Darcy pintado quando tinha apenas oito anos de idade.

— E Miss Darcy também é bonita? — perguntou Mr. Gardiner.

— Oh, sim, é a menina mais bonita que eu jamais vi. É tão instruída! Ela toca piano e canta o dia inteiro. Na sala ao lado, tem um novo instrumento que acaba de chegar para ela. Um presente do meu patrão. Ela virá amanhã também. Mr. Gardiner, que tinha maneiras muito agradáveis e comunicativas, encorajava Mrs. Reynolds com perguntas e observações; esta, fosse por orgulho ou afeição, tinha evidentemente muito prazer em falar do seu patrão e da irmã deste.

— Seu patrão vem muitas vezes a Pemberley, durante o ano?

— Não tanto quanto eu queria, mas creio que ele passa metade do ano aqui. E Miss Darcy vem sempre para os meses de verão.

“Exceto”, pensou Elizabeth, “quando ela vai para Ramsgate.”

— Se o seu patrão se casasse, a senhora o veria mais do que agora.

— Sim, senhora, mas não sei quando isto acontecerá. Não conheço ninguém que esteja à altura dele.

Mr. e Mrs. Gardiner sorriram. Elizabeth não pôde se impedir de dizer:

— Sem dúvida, é um grande elogio que está lhe fazendo.

— Não digo mais do que a verdade. E todos que o conhecerem dirão a mesma coisa — replicou Mrs. Reynolds. Elizabeth achou que isto era ir demasiado longe. E ouviu com assombro a caseira acrescentar:

— Nunca ouvi o meu patrão dizer uma palavra ríspida em toda a minha vida. E eu o conheço desde que tinha quatro anos de idade.

Este era o elogio mais extraordinário de todos, mais oposto às ideias de Elizabeth. Ela acreditava firmemente que Mr. Darcy era um homem de mau gênio. A sua curiosidade cresceu extraordinariamente. Queria outras informações. E

ficou grata ao tio, porque este disse:

— São poucas as pessoas de quem se pode dizer outro tanto. Tem muita sorte em ter um patrão destes.

— Sim, senhor, sei disto muito bem. Se eu saísse por este mundo, não encontraria outro melhor. Mas já notei que as pessoas de bom caráter em criança também o são quando adultos. E Mr. Darcy, em menino, tinha um gênio de anjo e um coração de ouro.

Elizabeth ficou boquiaberta. “Será mesmo Mr. Darcy?”, pensou.

— O pai dele era um homem excelente — disse Mrs. Gardiner.

— Era mesmo; e o filho será exatamente como ele.

Igualmente afável para com os pobres.

Elizabeth ouviu, espantou-se, duvidou, e ficou impaciente por ouvir mais. Mrs. Reynolds não a poderia interessar noutro ponto. Em vão ela falou sobre os personagens que os quadros representavam, as dimensões da sala e o preço dos móveis. Mr. Gardiner, que achava muito divertida aquela parcialidade pela família, a que ele atribuía os excessivos louvores de Mrs. Reynolds, tornou a introduzir o assunto. E Mrs. Reynolds discorreu com energia sobre as qualidades do seu patrão, enquanto subiam todos a grande escadaria.

— Ele é o melhor proprietário e o melhor patrão que jamais existiu — disse. — Não é como os rapazes loucos de hoje que só pensam em si próprios. Não existe um só dos seus rendeiros ou criados que não fale nele com admiração.

Muitos dizem que é orgulhoso; mas eu nunca vi nada disto. Quanto a mim, penso que é porque ele não é tagarela como os outros rapazes.

“Sob que luz favorável ela o coloca”, pensou Elizabeth.

— Estas informações não concordam com o seu procedimento com o nosso pobre amigo — sussurrou a sua tia, enquanto caminhavam. — Talvez estejamos enganadas.

— Não é provável. O testemunho é dos melhores.

Depois de chegarem ao espaçoso hall em cima, foram

conduzidos a uma linda sala de jantar, decorada recentemente, com maior elegância e graça do que os apartamentos e salas de baixo. E foram informados de que tudo aquilo tinha sido feito para dar prazer a Miss Darcy, que tinha manifestado preferência por aquela sala, da última vez que estivera em Pemberley.

— Ele é certamente um bom irmão — disse Elizabeth, enquanto se dirigia para uma das janelas.

Mrs. Reynolds antecipava a surpresa de Miss Darcy, quando ela entrasse no aposento.

— Tudo o que pode fazer para agradar a sua irmã, manda executar imediatamente. E é sempre assim que age; não existe nada que não faça para lhe dar um prazer.

A galeria de retratos e os dois ou três quartos de dormir principais eram tudo que lhes restava a ver. A galeria continha muitos quadros interessantes, mas Elizabeth não entendia de pintura. Já quando lhe tinham mostrado os outros, embaixo, desviara o rosto para examinar uns desenhos a crayon de Miss Darcy, cujos assuntos eram geralmente mais interessantes e também mais fáceis de entender.

Na galeria havia também muitos retratos de família. Estes quadros, porém, tinham pouco interesse para uma estranha. Elizabeth procurou neles, apenas, os traços que conhecia. Afinal, um desses retratos lhe despertou a atenção. Era de uma pessoa cujo rosto se parecia notavelmente com o de Mr. Darcy e tinha um sorriso que já se lembrava de ter visto também no seu rosto, quando ele a contemplava. Deteve-se durante vários minutos diante do retrato, olhando-o fixamente. E antes de sair da galeria, voltou para examiná-lo; e Mrs. Reynolds informou-a de que fora pintado ainda em vida do falecido Mr. Darcy.

Havia naquele momento, no espírito de Elizabeth, um sentimento de benevolência para com o atual proprietário de Pemberley, como jamais tivera no período em que melhor o conhecera. Os elogios de que Mrs. Reynolds o

tinha cumulado não eram de pouca monta. Nenhum louvor é mais valioso do que o de um criado inteligente. A felicidade de muitas pessoas dependia dele como irmão, como proprietário e como patrão. Ele tinha o poder de dispensar o prazer e a dor, e a faculdade de praticar em larga escala o bem e o mal. Tudo o que Mrs. Reynolds dissera a seu respeito tinha sido favorável. E diante da tela em que o seu rosto fora retratado e cujos olhos pareciam fitá-la, Elizabeth pensou na admiração de Mr. Darcy por ela própria, com uma gratidão que jamais sentira. Recordou a força daquela afeição e suavizou as expressões com que ele a exteriorizara.

Depois de terem visto a casa toda, tornaram a descer as escadas, e ao se despedirem da caseira, foram entregues aos cuidados do jardineiro, que os encontrou na porta do hall. Enquanto atravessavam o gramado em direção ao riacho, Elizabeth voltou-se para tornar a ver a casa; sua tia também se detivera, e enquanto a primeira fazia conjecturas sobre a data em que fora construído o edifício, o proprietário em pessoa surgiu de repente na estrada que conduzia às cocheiras, do outro lado da casa.

Estavam a cerca de vinte metros um do outro, e seu aparecimento fora tão repentino que era impossível a Elizabeth se esconder. Seus olhos se encontraram imediatamente. E ambos coraram de um modo intenso. Ele teve um sobressalto e por um momento a surpresa o paralisou; mas, voltando imediatamente a si, adiantou-se em relação ao grupo e se dirigiu a Elizabeth, senão com absoluta calma, pelo menos com toda a amabilidade.

Elizabeth tinha se virado instintivamente, mas vendo-o aproximar-se, deteve-se e recebeu os seus cumprimentos com um embaraço impossível de dominar. Se a sua aparência a princípio, ou a sua semelhança com o retrato que tinham acabado de examinar, já não tivessem demonstrado por si a Mr. e Mrs. Gardiner que avistaram agora Mr. Darcy em pessoa, a expressão de surpresa do

jardineiro ao ver o seu patrão teria sido suficiente para o revelar. Ficaram um pouco afastados, enquanto ele conversava com a sua sobrinha, e esta, atônita e embaraçada, mal ousava levantar os olhos, e respondia inconscientemente às perguntas de cortesia que lhe fazia sobre a sua família. E extremamente surpresa com a mudança nas maneiras de Mr. Darcy, cada frase que ele pronunciava agora aumentava a sua confusão. Voltavam-lhe à mente todas as ideias a respeito da inconveniência de encontrá-lo ali e os poucos minutos em que estiveram juntos foram os mais penosos na sua vida. Ele não parecia também estar muito à vontade. Quando falava, a sua expressão não tinha a calma habitual. Perguntou várias vezes em que dia Elizabeth saíra de Longbourn e quanto tempo se demoraria no Derbyshire, de uma maneira tão apressada, que se tornara evidente que os seus pensamentos estavam longe. Afinal todas as ideias pareceram faltar-lhe. E depois de ficar parado e mudo durante alguns instantes, Mr. Darcy voltou a si de súbito e se despediu.

Os outros então se aproximaram dela e exprimiram a sua admiração pela figura do rapaz; mas Elizabeth, inteiramente absorta em seus pensamentos, não ouviu uma só palavra. Acompanhou-os em silêncio; sentia-se esmagada de vergonha e de contrariedade. A sua vinda ali fora a ideia mais infeliz e mais irrefletida do mundo. Como aquele encontro deveria parecer estranho a Mr. Darcy! E sob que luz desfavorável não a colocaria aos olhos de um homem tão vaidoso! Poderia até parecer que ela se tinha atirado no seu caminho! Oh, por que tinha vindo? Ou por que tinha ele vindo na véspera do dia em que era esperado? Se tivessem saído dez minutos mais cedo de Pemberley, ele não a teria reconhecido de longe, pois era evidente que chegava naquele momento e que tinha acabado de saltar do cavalo ou da carruagem. Ela enrubesceu várias vezes ao recordar a perversidade daquele acaso. E que poderia significar aquela

alteração que vira nos seus modos? Era espantoso que ele lhe tivesse dirigido a palavra. Mas falar com tanta amabilidade e perguntar pela sua família! Nunca, na sua vida, Elizabeth lhe vira maneiras tão cordiais e tão pouco cerimoniais. Nunca lhe falara com tanta doçura quanto durante aquele encontro inesperado. Que diferença daquela ocasião em que se dirigira a ela no parque de Rosings, a fim de lhe entregar a carta. Não sabia o que pensar, nem como explicar aquilo.

Tinham agora penetrado num belo caminho que acompanhava as margens do riacho e cada passo que davam os aproximava de uma das mais belas partes do bosque. Mas só algum tempo depois é que Elizabeth começou a notar o que a cercava, e embora respondesse mecanicamente aos repetidos apelos dos seus tios para que contemplasse os aspectos que lhe apontavam, não distinguia perfeitamente nenhum detalhe da paisagem. Seus pensamentos se voltavam para a casa de Pemberley e procuravam adivinhar o lugar em que Mr. Darcy agora se encontrava. Ansiava por saber o que lhe passava pela mente naquele momento, de que maneira pensava nela, e se apesar de tudo ainda lhe era cara. Talvez ele tivesse se mostrado tão amável porque se sentisse indiferente. No entanto, na sua voz, não havia transparecido aquela tranquilidade. Elizabeth não sabia se ele sentira aborrecimento ou prazer ao vê-la. Mas, certamente, não permanecera indiferente. Afinal, as observações dos seus companheiros sobre a sua distração fizeram-na voltar a si e com isto lhe ocorreu a ideia de que era necessário se mostrar mais natural.

Penetraram no bosque e, dizendo adeus ao riacho por algum tempo, subiram para uma região mais elevada; e aí, através de clareiras ocasionais, descobriram encantadoras vistas do vale, das colinas do outro lado, recobertas de extensos bosques e ocasionalmente do riacho. Mr. Gardiner exprimiu o desejo de fazer a volta do parque, caso fosse

possível percorrê-lo a pé. Mas o jardineiro informou-os com um sorriso triunfante de que o parque tinha mais de dez milhas de circunferência. Teriam portanto de se contentar com o circuito habitual. Tornaram a descer a colina por entre os bosques que lhe revestiam a encosta, até voltar ao riacho num dos pontos em que as suas margens eram mais estreitas. Atravessaram-no por uma ponte rústica; era uma região mais selvagem do que as que tinham visitado até agora. E o vale, estreitando-se, tornava-se uma várzea diminuta, ocupada pelo curso d'água e por um caminho estreito, cercado de moitas de arbustos selvagens. Elizabeth desejava explorar os meandros do riacho, mas depois de atravessarem a ponte e perceberem a distância em que se encontravam da casa, Mrs. Gardiner, que não gostava muito de caminhar, declarou que não podia ir mais adiante e que desejava voltar para a carruagem o mais depressa possível. Elizabeth foi portanto obrigada a se submeter, e o grupo voltou em direção à casa, do outro lado do rio, tomando o caminho mais curto. Mas a caminhada foi lenta, pois Mr. Gardiner, que gostava muito de pescar, mas raramente tinha oportunidade de fazê-lo, se detinha a todo instante para observar as trutas, e fazer perguntas ao homem que os acompanhava. Enquanto caminhavam assim lentamente, tiveram novamente a surpresa de avistar Mr. Darcy, que se aproximava a pequena distância. O espanto de Elizabeth foi igual ao que sentira durante o primeiro encontro. O caminho, que era menos protegido do que do outro lado, permitiu que o vissem antes de encontrá-lo. Elizabeth, embora espantada, estava pelo menos mais preparada para a entrevista. Resolveu que falaria com calma se Mr. Darcy tencionasse realmente abordá-los. Durante alguns instantes, pensou que ele ia dobrar por outro caminho, mas a ideia durou enquanto uma volta da estrada o ocultava das suas vistas. Feita a volta, ele surgiu diretamente diante deles. Com um rápido olhar, Elizabeth viu que Mr. Darcy nada tinha perdido da sua recente amabilidade; e para

imitar a sua polidez, logo depois que se encontraram, ela começou a louvar as belezas do lugar. Mas apenas as palavras “lindo” e “encantador” lhe tinham saído dos lábios, uma infeliz recordação a assaltou e ela imaginou que aqueles elogios a Pemberley podiam ser mal-interpretados. Empalideceu e não disse mais nada.

Mrs. Gardiner estava parada um pouco atrás. E quando Elizabeth cessou de falar, Mr. Darcy lhe perguntou se queria lhe fazer a honra de apresentá-lo aos seus amigos. Elizabeth não esperava esta demonstração de cortesia e não pôde deixar de sorrir, ao vê-lo agora procurar o conhecimento daquelas mesmas pessoas contra as quais o seu orgulho se tinha revoltado quando lhe propusera casamento. “Como vai ficar espantado”, pensou ela, “quando souber quem são eles. Imagina naturalmente que são pessoas de importância...”

A apresentação, no entanto, foi feita imediatamente. E ao mencionar o parentesco que os unia, Elizabeth não pôde deixar de olhar de soslaio para Mr. Darcy, esperando vê-lo fugir o mais depressa que pudesse da companhia de gente tão modesta. Era evidente que o parentesco o surpreendia. No entanto nada deixou perceber e longe de se voltar para partir, regressou com eles e entrou em conversação com Mr. Gardiner. Elizabeth não pôde deixar de se sentir lisonjeada. Mas não experimentava nenhum sentimento de triunfo; em todo caso era consolador ter a certeza de que Mr. Darcy sabia agora que ela não precisava se envergonhar dos seus parentes. Ouvia com a maior atenção tudo o que se passava entre eles e ficava radiante cada vez que uma expressão ou uma frase do seu tio revelava a sua inteligência, o seu bom gosto e as suas belas maneiras.

Dentro em pouco conversavam sobre a pesca. Ela ouviu Mr. Darcy convidar o seu tio, com a maior cortesia, para pescar no parque todas as vezes que quisesse, oferecendo-lhe ao mesmo tempo os necessários acessórios, e indicando-lhe as partes do riacho onde a pesca em geral era mais proveitosa.

Mrs. Gardiner, que caminhava de braços com Elizabeth, lançou para a sua companheira um expressivo olhar de surpresa. Elizabeth nada disse, mas ficou extremamente satisfeita. Aquele ato de galanteria lhe era provavelmente dirigido; o seu espanto, entretanto, era extremo, e repetia continuamente: “por que é que ele está tão alterado? Qual será o motivo disto? Não pode ser por minha causa, pois minhas admoestações em Hunsford não poderiam efetuar nele uma tão grande alteração; é impossível que ainda me ame.”

Depois de caminhar algum tempo desse modo, as duas senhoras na frente, os dois cavalheiros atrás, ao chegarem à margem do rio onde iam examinar uma curiosa planta aquática, houve uma pequena alteração: Mrs. Gardiner, fatigada pelo exercício daquela manhã, achou o braço de Elizabeth inadequado para nele se apoiar e preferiu o do seu marido. Mr. Darcy tomou o seu lugar ao lado de Elizabeth e eles continuaram a caminhar. Depois de um curto silêncio, Elizabeth foi quem primeiro falou. Desejava que Mr. Darcy soubesse que antes de vir tinha feito indagações e lhe tinham afirmado que ele estaria ausente, e por isso se decidira a vir visitar o lugar. Começou, portanto, observando que a sua chegada tinha sido inesperada.

— A sua caseira — acrescentou — nos informou que o senhor não chegaria antes de amanhã. E aliás, antes de sairmos de Bakewell, disseram-nos que o senhor não era esperado imediatamente.

Mr. Darcy reconheceu a verdade do que ela dizia e respondeu que, por causa dos negócios que tinha a tratar com o seu intendente, adiantara-se algumas horas aos seus companheiros de viagem.

— Chegarão amanhã cedo — continuou. — Aliás, virão algumas pessoas que a conhecem: Mr. Bingley e suas irmãs. Elizabeth respondeu com um leve aceno da cabeça. Seus pensamentos a levaram imediatamente para a ocasião em que o nome de Mr. Bingley fora pronunciado entre eles pela

última vez. E se lhe era dado julgar pela expressão do rosto de Mr. Darcy, seus pensamentos tinham tomado um rumo semelhante.

— Existe também outra pessoa no grupo — continuou ele, depois de uma pausa — que deseja particularmente conhecê-la. Se me permite, eu lhe apresentarei a minha irmã, durante a sua estada em Lambton. Ou será que lhe peço demais?

A surpresa que causava a Elizabeth um tal pedido era realmente grande. Na sua perturbação ela concordou, mas sem saber de que maneira o fazia. Compreendeu imediatamente que esse desejo de Miss Darcy só poderia ter sido inspirado pelo seu irmão. E não era preciso fazer muitas indagações para descobrir que isto era bastante satisfatório. Era agradável saber que o ressentimento de Mr. Darcy não o levara a pensar mal a seu respeito.

Continuaram a caminhar em silêncio, ambos mergulhados nas suas reflexões. Elizabeth não se sentia muito à vontade. Isto era impossível. Mas sentia-se lisonjeada e contente. O seu desejo de lhe apresentar a irmã era uma homenagem de grande delicadeza. Em pouco eles haviam se distanciado bastante dos outros. E quando chegaram à carruagem, Mr. e Mrs. Gardiner estavam a uns duzentos metros atrás. Mr. Darcy então convidou-a a entrar. Mas Elizabeth declarou que não estava cansada. Eles permaneceram de pé no gramado. Numa ocasião como aquela, muitas coisas podiam ser ditas e o silêncio era embaraçoso. Elizabeth queria conversar, mas parecia haver um obstáculo em quase todos os assuntos. Afinal se lembrou de que estivera viajando e eles falaram de Matlock e de Dove Dale com grande perseverança. No entanto, o tempo e a sua tia caminhavam lentamente. E a sua paciência e as suas ideias estavam completamente esgotadas antes do tête-à-tête terminar. Quando Mr. e Mrs. Gardiner se aproximaram, foram convidados a entrar, mas isto foi recusado e todos se separaram com a maior polidez. Mr. Darcy ajudou as

senhoras a entrar na carruagem e quando esta se afastou Elizabeth o viu caminhando lentamente em direção à casa. As observações dos seus tios tiveram então início. Ambos declararam que o tinham achado infinitamente superior ao que esperavam.

— Ele é perfeitamente cortês e modesto — disse Mr. Gardiner.

— Existe certamente um pouco de dureza nas suas maneiras — replicou Mrs. Gardiner —, mas ela se limita à sua atitude e não lhe vai mal. Agora eu posso dizer como Mrs. Reynolds que, embora muitas pessoas o chamem de orgulhoso, não vi nada disto.

— O que me surpreendeu mais foram as suas maneiras para conosco. Eram mais do que polidas, eram realmente atenciosas. Suas relações com Elizabeth são muito recentes.

— Naturalmente, Lizzy — disse Mrs. Gardiner —, ele não é tão bonito quanto Wickham, embora os seus traços sejam perfeitamente regulares. Mas não entendo por que você nos disse que ele era tão desagradável.

Elizabeth se desculpou da melhor forma possível; disse que o achara mais simpático da última vez que estivera com ele no Kent, e que nunca o vira tão amável quanto naquela manhã.

— Mas talvez ele seja um pouco excêntrico nas suas amabilidades — replicou Mr. Gardiner. — Os homens importantes em geral o são. E portanto não tomarei ao pé da letra o convite que me fez para pescar, pois é possível que mude de ideia amanhã e me expulse do seu parque. Elizabeth sentiu que eles se tinham enganado redondamente sobre o caráter de Mr. Darcy, mas não disse nada.

— Pelo que vimos dele — continuou Mrs. Gardiner —, eu jamais poderia pensar que fosse capaz de agir tão cruelmente com qualquer pessoa como fez com o pobre Wickham. A sua expressão não revela mau caráter, pelo contrário, tem um modo de mover os lábios, quando fala,

que muito me agrada. E há uma dignidade no seu rosto que dificilmente daria a alguém uma ideia desfavorável do seu coração. Aliás, a boa mulher que nos mostrou a casa atribuiu-lhe o mais brilhante dos caracteres. Às vezes eu não podia me impedir de rir alto. Creio que ele deve ser um patrão condescendente e aos olhos de um criado isto resume todas as virtudes.

Elizabeth sentiu então que deveria dizer alguma coisa para justificar o procedimento de Darcy em relação a Wickham. E portanto deu a entender a seus tios, da forma mais reservada que podia, que, pelo que ouvira dos seus parentes no Kent, os seus atos eram susceptíveis de uma interpretação inteiramente diferente. E que o seu caráter nem de longe era tão defeituoso quanto o tinham suposto no Hertfordshire; por outro lado o de Wickham estava longe de ser tão perfeito. E para confirmar o que lhes dizia, relatou os detalhes de todas as transações pecuniárias em que se tinha envolvido, sem dar o nome da pessoa que a informara, porém acrescentando que era digna de todo o crédito. Mrs. Gardiner ficou surpreendida e preocupada. Mas como se aproximavam agora do lugar onde residira na sua mocidade, ela se entregou toda ao encanto das suas recordações, e estava tão preocupada em mostrar ao marido as maravilhas das redondezas, que se esqueceu do resto. Apesar de todas as fadigas da manhã, logo depois do jantar tornaram a sair em procura dos antigos conhecidos de Mrs. Gardiner, e esta passou a noite entregue ao prazer de reatar antigos laços de amizade.

As ocorrências daquele dia eram demasiado interessantes para que Elizabeth pudesse dar muita atenção a esses novos amigos. E ela não podia fazer outra coisa senão pensar e refletir com assombro nas amabilidades de Mr. Darcy e sobretudo no seu desejo de lhe apresentar a irmã.

Elizabeth tinha combinado com Mr. Darcy que ele traria a irmã para visitá-la logo no dia seguinte ao da sua chegada em Pemberley. E decidiu portanto não se afastar da hospedaria durante toda aquela manhã. Mas a sua conclusão foi falsa, pois logo na manhã seguinte à sua chegada em Lambton, surgiram esses visitantes. Elizabeth e seus tios tinham estado passeando pela cidade com alguns dos seus novos amigos e acabavam de regressar à hospedaria, a fim de se vestirem para jantar com a mesma família, quando o ruído de uma carruagem os atraiu para a janela. Elizabeth imediatamente reconheceu a libré, compreendeu do que se tratava e relatou, com grande surpresa para seus parentes, a honra que a estava esperando. Seu tio e sua tia ficaram extraordinariamente surpreendidos, e o embaraço de Elizabeth ao lhes comunicar aquilo, somado à circunstância em si, e à lembrança de muitas outras do dia precedente, lhes deu uma nova visão do que se passava. Nada o havia sugerido anteriormente, mas sentiam que agora não havia outra maneira de explicar as atenções de Mr. Darcy sem supor um interesse dele pela sua sobrinha. Enquanto essas novas ideias lhes atravessavam o pensamento, a perturbação de Elizabeth crescia a cada momento. Ela mesma ficou espantada com o seu nervosismo. Além de outras inquietações, temia que Mr. Darcy, com a sua parcialidade, houvesse exagerado as suas qualidades. E ansiosa como nunca por agradar, desconfiava naturalmente de que todos os seus recursos seriam escassos.

Elizabeth recuou da janela com medo de ser percebida. E enquanto caminhava de um lado para outro, procurando se acalmar, percebeu os olhares curiosos de seus tios, o que tornou tudo ainda pior.

Miss Darcy e seu irmão apareceram. E aquela temível

apresentação ocorreu afinal. Com espanto Elizabeth percebeu que a sua nova conhecida estava tanto ou mais embaraçada do que ela. Desde que chegara a Lambton, Elizabeth ouvira dizer várias vezes que Miss Darcy era extremamente orgulhosa. Mas agora, a observação de poucos minutos lhe bastou para constatar que ela era apenas extremamente tímida. Foi muito difícil obter dela outras palavras a não ser simples monossílabos. Miss Darcy era alta e mais corpulenta do que Elizabeth, e embora tivesse pouco mais de 16 anos, suas formas eram bem desenvolvidas e sua aparência graciosa. Seus traços eram menos regulares do que os do seu irmão, mas havia bom senso e cordialidade na sua expressão. E as suas maneiras eram perfeitamente modestas e polidas. Elizabeth, que esperava encontrar nela uma observadora tão aguda e impassível quanto Mr. Darcy, sentiu-se extremamente aliviada ao discernir tamanha diferença de feitio.

Poucos momentos depois de chegar, Darcy avisou que Bingley também viria lhe apresentar os seus cumprimentos, e Elizabeth mal tivera tempo de exprimir a sua satisfação, quando ouviu na escada os passos rápidos de Bingley e no mesmo instante ele apareceu na sala. Há muito já se tinha acalmado todo o ressentimento de Elizabeth contra ele. Mesmo porém que conservasse ainda um resto daqueles sentimentos, teria sido impossível resistir à singela cordialidade com que ele se exprimiu ao tornar a vê-la. Bingley perguntou pela sua família de maneira cordial, embora vaga, falando com a mesma tranquilidade bem-humorada de sempre.

Mr. e Mrs. Gardiner o olharam também com muito interesse. Há muito que desejavam conhecê-lo. O grupo todo, aliás, despertava neles a mais viva curiosidade. As suspeitas que a atitude de sua sobrinha acabara de provocar fez com que observassem cada um dos presentes com curiosidade, embora reservadamente. E chegaram imediatamente à conclusão de que uma daquelas pessoas presentes, pelo

menos, sabia o que era o amor. Quanto aos sentimentos de Elizabeth, permaneceram um pouco em dúvida. Mas era evidente que o rapaz tinha por ela uma fervorosa admiração.

Elizabeth, por sua vez, tinha muito o que fazer. Queria se certificar dos sentimentos de cada um dos visitantes. Queria dominar os seus e tornar-se agradável para todos. E neste último ponto, acerca do qual eram maiores as suas apreensões, podia estar mais certa do seu êxito, pois aqueles a quem desejava agradar estavam dispostos a seu favor. Em Bingley encontrou a melhor das disposições, Georgiana ansiava por satisfazê-la e Darcy estava sequioso das suas atenções.

Ao ver Bingley, Elizabeth se lembrou naturalmente da sua irmã e ela teria dado muita coisa para saber se os pensamentos dele tinham tomado o mesmo rumo que os seus. As vezes parecia-lhe que ele falava menos do que antigamente. E outras vezes parecia a Elizabeth que ao olhar para ela, procurava encontrar no seu rosto a semelhança de outra pessoa. Mas embora esta impressão pudesse ser imaginária, Elizabeth não poderia se enganar quanto ao comportamento de Miss Darcy, em quem certas pessoas tinham esperado encontrar uma rival para Jane. Nem de um lado nem de outro, um só olhar deixou transparecer qualquer interesse especial. Nada ocorreu entre eles que pudesse justificar as esperanças de Miss Bingley. Quanto a este ponto, ela poderia ficar inteiramente tranquila. E antes dos visitantes irem embora, ocorreram dois ou três pequenos fatos que, segundo a interpretação ansiosa de Elizabeth, denotavam uma recordação de Jane, não desacompanhada de ternura da parte de Bingley e de um desejo de dizer outras coisas que pudessem conduzir à menção do seu nome, sem que ele o ousasse. No momento em que os outros estavam conversando, Bingley observou para Elizabeth, num tom que denotava uma certa mágoa, que há longo tempo não tinha o prazer de vê-la. E antes que

pudesse responder, ele acrescentou:

— Faz mais de oito meses. Não nos vemos desde o dia 26 de novembro, quando estávamos todos dançando juntos em Netherfield.

Elizabeth ficou satisfeita ao ver que a memória de Bingley era exata. E depois, quando os outros estavam distraídos, ele encontrou ocasião de perguntar se todas as irmãs de Elizabeth estavam em Longbourn. A pergunta nada tinha de excepcional, como tampouco a observação precedente. Era o seu olhar e as suas maneiras que lhe emprestavam toda a sua significação.

Elizabeth não teve muitas ocasiões de voltar os seus olhos para Mr. Darcy, mas todas as vezes que o olhava de relance, surpreendia uma expressão de contentamento, e tudo o que ele dizia era num tom tão diferente da sua antiga altivez e desdém que Elizabeth ficou convencida que a melhoria das suas maneiras, que presenciara na véspera, por mais temporária que se mostrasse, durava pelo menos mais do que um só dia. Quando o via assim ocupado em procurar a companhia e a boa opinião de pessoas com as quais há poucos dias passados ele teria julgado desonroso manter relações, quando o ouvia tratar com a maior amabilidade não só a ela, Elizabeth, mas aos próprios parentes que tinha tão abertamente desdenhado, durante aquela cena na reitoria de Hunsford, a mudança parecia tão grande, e a impressionava de tal maneira, que só com o maior esforço ela conseguia esconder a sua surpresa. Nunca o vira tão desejoso de agradar, tão livre de orgulhosas e rígidas reservas como agora, nem mesmo na companhia dos seus queridos amigos de Netherfield, ou de seus importantes parentes em Rosings. E agora, precisamente, nada poderia resultar dos seus esforços, e o simples conhecimento daquelas pessoas para as quais dirigia agora as suas atenções provocaria a censura e o sarcasmo das senhoras de Netherfield e de Rosings.

Os visitantes demoraram cerca de meia hora. E quando se

levantaram para partir, Mr. Darcy se dirigiu à sua irmã, pedindo que apoiasse o convite que fazia a Mr. e Mrs. Gardiner e a Miss Bennet para que fossem jantar em Pemberley antes de partirem. Miss Darcy prontamente acedeu, embora com uma timidez que revelava o pouco hábito que tinha de fazer convites. Mrs. Gardiner olhou para a sobrinha, desejosa de saber se Elizabeth, a quem o convite principalmente se dirigia, estava disposta a aceitá-lo. Mas a sua sobrinha desviara a cabeça. Presumindo portanto que esta atitude estudada exprimia mais um momentâneo embaraço do que qualquer desagrado da proposta, e vendo que o seu marido, que apreciava a sociedade, estava disposto a aceitar, ela consentiu, e o jantar foi marcado para daí a dois dias.

Bingley disse então que o seu prazer em tornar a ver Elizabeth seria imenso, pois tinha ainda muito o que lhe dizer e muitas perguntas a lhe fazer sobre os seus amigos de Hertfordshire. Elizabeth, interpretando aquilo tudo como um desejo de ouvir falar em Jane, ficou satisfeita. Graças àquela e a outras coisas, depois que os visitantes partiram, ela se pôs a pensar naquela última meia hora com alguma satisfação, embora tivesse sido pequeno o seu prazer durante todo o decurso da visita. Desejosa de ficar a sós e temerosa das perguntas e alusões dos seus tios, permaneceu em companhia destes apenas o tempo necessário para ouvir as suas opiniões favoráveis sobre Bingley. Em seguida deixou-os apressadamente, sob o pretexto de se vestir.

Elizabeth não tinha razão de temer a curiosidade de Mr. e de Mrs. Gardiner. Eles não desejavam forçar as suas confidências. Compreendiam que Elizabeth conhecia Mr. Darcy muito mais intimamente do que tinham suposto. Era evidente que estava muito apaixonado por ela. Viam naquilo um motivo de interesse porém nada que justificasse indagações.

Quanto a Mr. Darcy, ansiavam por imaginar as melhores

coisas a seu respeito. Até onde se estendiam as suas relações, não encontravam nele nenhum defeito. Não podiam deixar de se sentir tocados pela sua polidez. Se tivesse imaginado o caráter de Darcy pelas suas próprias impressões e pelas informações da sua criada, a sociedade do Hertfordshire, onde ele tinha residido, não o teria reconhecido. Havia agora, entretanto, interesse em acreditar nas palavras de Mrs. Reynolds. E em pouco chegaram à conclusão de que a opinião de uma criada que o conhecera desde os quatro anos de idade, e cujas maneiras eram as de uma pessoa respeitável, não poderia ser rejeitada sumariamente. Os seus amigos de Lambton, por outro lado, não sabiam de nenhum fato que pudesse diminuir o valor daquele testemunho. De nada o acusavam senão de orgulho. E orgulho ele tinha certamente. E mesmo se não o tivesse, esse defeito lhe seria imputado pelos habitantes de uma pequena cidade provincial, onde a família não possuía relações. Todos reconheciam no entanto que era um homem generoso, e fazia bem aos pobres. Quanto a Wickham, os visitantes logo descobriram que não era muito estimado no lugar, pois embora nada de preciso se soubesse sobre as suas relações com o filho do seu protetor, no entanto era sabido que ao sair do Derbyshire deixara muitas dívidas e que Mr. Darcy mais tarde as tivera saldado.

Elizabeth pensou mais em Pemberley naquela noite do que na precedente. E embora as horas lhe parecessem difíceis de passar, não foram suficientes para que chegasse a uma conclusão acerca dos seus sentimentos. E ficou duas horas acordada, tentando ler em seu coração. Certamente não o odiava. Não, o ódio há muito se dissipara e há muito também se envergonhava de ter antipatizado com ele. O respeito que as suas valiosas qualidades lhe inspiravam, embora a princípio admitido com relutância, já há longo tempo cessara de ser repugnante para os seus sentimentos. Ele agora se transformava num sentimento mais cordial,

graças aos testemunhos tão altamente a seu favor, e à impressão favorável que Darcy lhe produzira na véspera. Mas acima de tudo, acima do respeito e da estima, encontrava em si mesma um motivo de boa vontade que seria impossível desprezar: era a gratidão. Gratidão não somente porque a amara, mas porque ainda a amava bastante para esquecer toda a acrimônia e petulância com que ela o rejeitara e todas as acusações injustas com que acompanhara essa rejeição. Estivera persuadida de que Darcy a evitaria como a sua maior inimiga. E, no entanto, durante aquele encontro acidental, ele se mostrara ansioso por restabelecer as suas relações, sem qualquer exibição indelicada de sentimentos ou qualquer excentricidade de maneiras, no seu modo de tratá-la a sós. Procurava também a boa opinião dos amigos de Elizabeth, e insistira para apresentá-la à sua irmã. Uma tal mudança num homem tão orgulhoso produzia não somente espanto, mas gratidão. Pois só podia ser atribuída ao amor, e a um amor ardente. E a impressão que sobre ela esse amor produzia não era de modo algum desagradável, embora não pudesse ser exatamente definível. Ela o respeitava e estimava; era-lhe grata, sentia um interesse real pelo seu bem-estar. E queria apenas saber até que ponto desejava que aquele bem-estar dependesse dela, e para felicidade de ambos, até que ponto deveriam empregar o poder que imaginava ainda possuir de fazer com que ele renovasse as suas atenções.

Ficara decidido naquela noite entre a tia e a sobrinha que uma cortesia tão decisiva como a que manifestara Miss Darcy, vindo visitá-los no mesmo dia da sua chegada em Pemberley, deveria ser retribuída por um esforço de polidez da sua parte. Acharam, portanto, que seria altamente conveniente fazer uma visita a Pemberley na manhã seguinte. Elizabeth ficou contente. No entanto, quando perguntou a si mesma o motivo desse contentamento, não encontrou resposta.

Mr. Gardiner saiu logo depois da primeira refeição. O plano

da pescaria fora renovado no dia anterior e um encontro marcado com alguns dos cavalheiros em Pemberley, ao meio-dia.

Mr. Bennet muitas vezes se arrependera de nunca ter posto de lado uma soma anual para garantia do futuro das suas filhas e da sua mulher, em vez de gastar toda a sua renda. Agora se arrependia mais do que nunca. Se tivesse feito o dever nesse ponto, Lydia não estaria devendo agora tanto ao seu tio, uma soma tão grande em dinheiro, honra e bom nome. E a satisfação de obrigar um dos piores rapazes da Grã-Bretanha a se casar com ela lhe teria cabido como de direito.

Ele estava seriamente preocupado que uma coisa de tão poucas vantagens para qualquer pessoa tivesse sido conseguida unicamente a expensas do seu cunhado e resolvera, caso fosse possível, averiguar a importância exata do seu auxílio e lhe pagar o mais depressa possível. Quando Mr. Bennet se casou, julgara que era perfeitamente inútil fazer economia, pois naturalmente ele haveria de ter um filho. Este filho entraria no direito de herdar a propriedade e desse modo a viúva e as crianças menores ficariam garantidas. Cinco filhas sucessivamente vieram ao mundo, mas o filho ainda estava para vir. Muitos anos depois do nascimento de Lydia, Mrs. Bennet acreditava que o filho viesse a nascer. Mas afinal tivera que renunciar a essa esperança. Mrs. Bennet não tinha jeito para economia e os gostos morigerados do marido foram a única coisa que os impediu de gastarem além da renda que possuíam. Pelo contrato de casamento, cinco mil libras deviam ser deixadas para Mrs. Bennet e seus filhos. Mas a partilha devia ser feita de acordo com a vontade dos pais. Em relação a Lydia, este era um ponto que agora devia ser decidido. E Mr. Bennet não podia hesitar em aceitar os termos da proposta que lhe tinha sido feita. Em termos precisos, porém cordiais, ele exprimiu a sua gratidão pela bondade do cunhado. Em seguida declarou a sua plena

aprovação a tudo o que tinha sido feito, e a sua aceitação aos compromissos que Mr. Gardiner tomara em seu nome. Nunca tinha suposto que fosse possível convencer Wickham a se casar com a sua filha em termos tão convenientes. As cem libras que deveria pagar anualmente não representavam um deficit real de mais de dez libras; pois as despesas com o sustento de Lydia, o dinheiro que lhe dava para as suas despesas e os presentes que lhe chegavam continuamente às mãos por intermédio de Mrs. Bennet não somavam ao todo muito menos do que aquelas cem libras. Outra surpresa agradável fora a facilidade com que tudo se arranjava sem lhe dar quase trabalho. Seu desejo agora era preocupar-se com aquilo o menos possível. O afã com que se lançara à procura da sua filha tinha sido apenas um efeito da cólera. Cessada esta, Mr. Bennet recaiu na sua habitual indolência. A carta foi logo despachada, pois embora lento na elaboração dos seus projetos, ele era rápido na sua execução. Pedia a Mr. Gardiner que detalhasse as despesas que tinha feito, porém não enviou nenhum recado para Lydia, porque ainda estava ressentido com ela.

As boas notícias espalharam-se rapidamente pela casa e pelas redondezas. A vizinhança as acolheu filosoficamente. Decerto teria sido mais interessante se Miss Lydia tivesse regressado. Ou então se ela se encontrasse em reclusão nalguma fazenda distante. Mas o casamento era um tópico suficiente para a conversação.

As velhas invejosas de Meryton continuaram a enviar os seus votos de felicidade com o mesmo secreto contentamento com que anteriormente exprimiam as suas condolências, pois com um tal marido, a desgraça de Lydia era considerada certa.

Mrs. Bennet passara 15 dias sem sair do quarto. Naquela grande data, tornou a assumir o seu lugar à cabeceira da mesa. Sua satisfação era extrema. Nenhum sentimento de vergonha atenuava o seu triunfo. Desde que Jane

completara 15 anos, o seu maior desejo fora ver uma das suas filhas casadas. E agora este desejo estava a ponto de se realizar. Todos os seus pensamentos giravam em torno dos acessórios de um casamento elegante, tais como musselines finas, novas carruagens e criados. Procurava lembrar-se de uma casa das redondezas que servisse para a sua filha e, sem saber qual seria a renda do casal, recusava muitas das que lhe sugeriam porque seriam demasiado modestas e acanhadas.

— Haye-Park talvez sirva, se os Gouldings consentirem em sair. Aquela casa espaçosa em Stoke também não é má. Mas a sala de estar é muito pequena. Ashworth é muito distante. Não quero que ela more a mais de dez milhas de distância daqui, no máximo. Quanto a Pulvis Lodge, as mansardas são horríveis.

Mr. Bennet deixou que ela falasse sem interrupção, enquanto havia criados na sala. Mas depois que eles saíram, disse:

— Mrs. Bennet, antes que você tome uma destas casas ou todas elas para a sua filha, é bom chegar já a um acordo quanto a este ponto. Numa determinada casa desta redondeza eles nunca serão admitidos. Eu não encorajarei a imprudência daqueles dois, recebendo-os em Longbourn. A esta declaração seguiu-se uma longa disputa. Mas Mr. Bennet se mostrou firme. E o assunto logo os conduziu a outro. Mrs. Bennet descobriu com espanto e horror que o seu marido não adiantaria uma só libra para as despesas do enxoval. Ele declarou que ela não receberia o menor sinal da sua estima por ocasião do casamento. Mrs. Bennet não podia compreender aquela atitude. Parecia-lhe impossível que ele levasse o ressentimento ao ponto de recusar à sua filha um dos privilégios sem o qual o casamento não pareceria válido. Mrs. Bennet era muito mais sensível à vergonha de ter casado a sua filha sem roupas novas do que à desonra causada pela sua fuga e pelo fato dela ter vivido 15 dias com Wickham sem ser casada.

Elizabeth se arrependeu mais do que nunca por se ter deixado levar pela aflição do momento e revelado a Mr. Darcy os seus temores quanto ao futuro da sua irmã; pois como o casamento se realizaria em breve, poderiam talvez esconder o fato vergonhoso a todos aqueles que não estavam diretamente relacionados com a família.

Ela não tinha receio de que o caso se espalhasse por intermédio de Mr. Darcy; havia poucas pessoas atualmente em cuja descrição tivesse mais confiança. Por outro lado não havia ninguém cujo conhecimento da leviandade da sua irmã a mortificasse tanto. No entanto não se sentia mortificada porque temesse qualquer desvantagem para si própria, pois de qualquer modo parecia haver um abismo intransponível entre eles. Mesmo que o casamento de Lydia tivesse sido concluído da forma mais respeitável, não era crível que Mr. Darcy quisesse se relacionar com uma família contra a qual tinha tantas objeções; agora, a estas objeções se acrescentava outra. Uma aliança que ele, com tanta razão, considerava desprezível.

Não era pois de estranhar que hesitasse. O desejo de obter a consideração de Elizabeth, desejo que ele lhe havia manifestado no Derbyshire, não poderia sobreviver a um tal golpe. Elizabeth se sentiu humilhada e ferida. Tinha remorsos sem saber bem de quê. Invejara a estima dele quando não tinha mais esperança de que essa estima a beneficiasse. Queria saber notícias suas e não tinha a menor esperança que ele lhe escrevesse. E agora, que não havia mais probabilidades de encontrá-lo, estava convencida de que poderia ter sido feliz com ele.

Que triunfo para Mr. Darcy se pudesse saber que as propostas que ela tinha rejeitado tão orgulhosamente há quatro meses seriam recebidas agora com alegria e gratidão. Ele era generoso, disto Elizabeth não tinha a menor dúvida. Havia poucos homens mais generosos. Para não triunfar agora, entretanto, era preciso que não fosse humano.

Elizabeth começou a compreender então que Mr. Darcy era o homem que mais lhe convinha, tanto pelo seu temperamento como pelas suas qualidades. O seu gênio, embora diverso do seu, correspondia a todos os seus desejos. Essa união teria sido vantajosa para ambos. A espontaneidade e a naturalidade de Elizabeth contribuiriam para suavizar o seu espírito, e melhorar também as suas maneiras. Ela, por sua vez, receberia um benefício ainda maior com a segurança do seu julgamento e a sua experiência do mundo.

Porém, esse modelo dos casamentos felizes não mais se realizaria. Mas em breve, uma união de caráter diferente e que excluía a possibilidade do outro seria formada na sua família.

Não sabia como Lydia e Wickham conseguiriam viver em relativo conforto. Aliás, um casal que se tinha unido por paixões mais fortes do que a sua virtude tinha diminutas possibilidades de felicidade duradoura.

* * *

Em breve Mr. Gardiner tornou a escrever para o cunhado. Aos pedidos de Mr. Bennet, respondeu apenas que estava sempre disposto a fazer o máximo do seu esforço para o bem de qualquer pessoa da família, e concluiu pedindo que nunca mais se mencionasse o assunto. A finalidade principal da carta era anunciar que Mr. Wickham tinha resolvido sair da milícia.

Eu desejava muito que ele o fizesse assim que o casamento fosse marcado. E acho que você pensará, como eu, que esse passo é muito vantajoso, tanto para ele como para minha sobrinha. Mr. Wickham tenciona entrar no Exército Regular; e alguns dos seus antigos amigos estão dispostos a apoiá-lo. Prometeram-lhe um posto de tenente no regimento do general ***, aquartelado agora no Norte. Há vantagem

em que ele fique longe daqui. Promete alguma coisa e espero que, entre pessoas estranhas, onde poderão fazer nova reputação, ambos se mostrarão mais prudentes. Escrevi para o coronel Forster, a fim de informá-lo da nossa atual situação e pedindo que tranquilize os vários credores de Mr. Wickham em Brighton e redondezas, com promessas de rápido pagamento, pois assumi o compromisso de pagá-las. Peço que faça o mesmo com os seus credores em Meryton, dos quais lhe envio a lista, de acordo com as informações de Mr. Wickham. Ele confessou todas as suas dívidas. Espero ao menos que não nos tenha enganado. Haggerton já recebeu as nossas instruções e tudo ficará pronto dentro de uma semana. Eles partirão em seguida para a sede do regimento, a não ser que você os convide primeiro a ir a Longbourn. Mrs. Gardiner me disse que minha sobrinha está muito desejosa de vê-los a todos, antes de partir para o Norte. Ela está bem e pede que eu lhe transmita os seus respeitos, bem como a Mrs. Bennet. Seu, etc.
E. Gardiner.

Mr. Bennet e suas filhas compreenderam logo as vantagens da saída de Mr. Wickham do regimento da milícia, não menos claramente do que Mr. Gardiner. Mas Mrs. Bennet, de modo algum ficou tão satisfeita. Lydia ia morar no Norte, exatamente quando teria maior prazer e orgulho na sua companhia, pois ela não tinha absolutamente desistido do seu plano de instalar a sua filha no Hertfordshire. Seu desapontamento foi grande. Além disso era uma pena que Lydia fosse afastada de um lugar onde tinha tantas relações.

— Lydia gosta tanto de Mrs. Forster! — disse ela. — É uma pena mandá-la embora. E além disso há muitos rapazes lá que ela aprecia. Os oficiais do regimento do general *** podem não ser tão amáveis.

A insinuação de Mr. Gardiner podia ser tomada como um

pedido formal para Lydia tornar a ser admitida entre os seus antes da sua partida para o Norte; a princípio Mr. Bennet recusou terminantemente este pedido. Mas Jane e Elizabeth, que eram da mesma opinião, desejavam ambas, para bem da sua irmã, que ela recebesse o apoio de seus pais. Pediram-lhe de um modo tão insistente, e ao mesmo tempo com tanta doçura, que os recebesse em Longbourn assim que estivessem casados, que conseguiram demover o pai da sua intenção primitiva. E Mrs. Bennet teve a satisfação de saber que ela poderia exhibir nas redondezas a sua filha casada, antes dela ser banida para o Norte. Quando Mr. Bennet tornou a escrever para o seu cunhado, transmitiu afinal a sua permissão. Elizabeth, entretanto, ficou surpreendida por Wickham ter concordado com este plano. E se ela tivesse consultado apenas as suas preferências, um encontro com ele seria a última coisa no mundo que ela própria desejaria.

Afinal o dia do casamento chegou. Jane e Elizabeth ficaram mais comovidas do que a própria Lydia. A carruagem foi enviada ao encontro do casal, que era esperado à hora do jantar. Jane e Elizabeth viam com crescente apreensão se aproximar a hora da chegada. Jane especialmente, que atribuía a Lydia os sentimentos que sentiria se estivesse no seu lugar, se entristecia com a ideia do que a irmã iria sofrer.

Chegaram. A família estava reunida na sala de almoço para recebê-los. Mrs. Bennet se desmanchou em sorrisos assim que a carruagem parou à porta; Mr. Bennet tinha um olhar grave e impenetrável, e suas filhas estavam alarmadas, ansiosas e inquietas.

Ouviram a voz de Lydia no vestíbulo. A porta foi aberta com força e ela entrou correndo na sala. Sua mãe adiantou-se, abraçou-a, com grandes demonstrações de alegria. Sorrindo afetuosamente ela estendeu a mão para Wickham, desejando felicidade a ambos com uma alacridade que demonstrava bem que não duvidara nem um minuto da realização do seu desejo.

Mr. Bennet os recebeu muito menos cordialmente. Seu rosto se tornou ainda mais grave e mal abriu a boca. A atitude despreocupada do jovem casal era realmente uma provocação. Elizabeth ficou irritada e mesmo Jane ficou consternada. Lydia continuava a mesma. Imprudente, indomável, louca, ruidosa, temerária. Cumprimentou cada uma das suas irmãs exigindo os seus parabéns, e depois que todos se sentaram começou a olhar em torno de si com curiosidade, notando as pequenas alterações que tinha havido na sala; depois observou com uma risada que há muito tempo ela não via aquele lugar. Wickham ficou mais perturbado do que ela. Mas as suas maneiras eram sempre agradáveis e se o seu caráter fosse perfeito e o casamento

tivesse se realizado segundo as regras, seus sorrisos e suas palavras teriam conquistado toda a família. Elizabeth nunca o supusera capaz de um tal cinismo. Mas ela sentou-se, resolvendo consigo mesma que para o futuro nunca mais traçaria limites à imprudência de um homem sem escrúpulos. Ela corou e Jane também, mas os rostos que lhes causavam essa perturbação não se alteraram. A conversação era incessante. A noiva e a mãe competiam em exuberância. E Wickham, que estava sentado perto de Elizabeth, começou a perguntar pelos seus conhecidos nas redondezas, com uma tranquilidade bem-humorada, que ela sentiu jamais poder imitar nas suas respostas. Tanto Wickham como a esposa só pareciam ter apenas lembranças agradáveis na sua vida. Nenhum fato do passado era lembrado com amargura. Ela própria mencionava assuntos a que as suas irmãs por coisa alguma no mundo aludiriam.

— Imagina, já faz três meses que eu fui embora — exclamou Lydia. — Não me parecem mais do que 15 dias. E no entanto, aconteceram tantas coisas... Quando fui embora, nem sequer imaginava que um dia voltaria casada! Mas pensei que seria engraçado se o fizesse...

Mr. Bennet levantou os olhos. Jane ficou aflita e Elizabeth olhou significativamente para Lydia; esta, porém, continuou, como se nada tivesse visto:

— Oh, mamãe, o pessoal daqui das redondezas sabe que eu me casei hoje? Tive receio de que eles não soubessem. No caminho encontramos William Goulding na sua charrete. E para que ficasse sabendo, abaixei a vidraça, tirei a minha luva e apoiei a mão no rebordo da janela para que ele visse a minha aliança. Depois, então, eu o cumprimentei e me desmanchei em sorrisos.

Elizabeth achou que aquilo passava dos limites. Levantou-se, saiu, e só voltou quando os ouviu passar através do hall para ir à sala de jantar. Ao entrar, viu Lydia com sinais de ansiedade no rosto aproximar-se do lugar à direita da mãe,

dizendo para a irmã mais velha:

— Ah, Jane, eu fico agora no seu lugar, você fica mais para baixo, pois agora sou uma mulher casada...

Não era crível que a solenidade do jantar desse a Lydia o constrangimento que até aquele instante não demonstrara. Ao contrário, o seu desembaraço e a sua alegria aumentaram. Estava louca de vontade de ver Mrs. Philips, os Lucas e todos os outros vizinhos, e ouvi-os chamá-la de Mrs. Wickham. Enquanto essas pessoas não apareciam, logo depois ela foi mostrar a aliança para Mrs. Hill e as duas criadas.

— Bem, mamãe — disse ela, quando voltou para a sala —, que é que você acha do meu marido? Não é mesmo um homem encantador? Estou certa de que todas as minhas irmãs me invejam. Desejo só é que elas tenham metade da minha sorte. Precisam todas de ir a Brighton. Lá é que é bom lugar para se arranjar marido. Que pena, mamãe, não termos ido todas!

— É verdade, se me tivessem escutado, teríamos ido. Mas minha querida Lydia, não gosto nada dessa ideia de você ir para tão longe. Será mesmo necessário?

— Oh, sim, não vejo nenhum mal nisto. Tenho muita vontade de ir. A senhora, papai e minhas irmãs precisam ir nos visitar. Estaremos em Newcastle todo o inverno. E vai haver muitos bailes e eu arranjarei bons pares para todas as que forem.

— Eu bem que gostaria de ir — disse Mrs. Bennet.

— E depois, quando regressar, poderão deixar comigo uma ou duas das minhas irmãs. Garanto que arranjarei maridos para elas antes do fim do inverno.

— Agradeço pela parte que me toca — disse Elizabeth. — Mas eu não aprecio muito a sua maneira de arranjar maridos.

Os visitantes não poderiam demorar mais de dez dias. Mr. Wickham tinha sido nomeado antes de sair de Londres e haviam lhe concedido apenas 15 dias para se reunir ao seu

regimento.

A não ser Mrs. Bennet, ninguém mais lamentou que eles demorassem tão pouco. Mrs. Bennet aproveitou o tempo da melhor forma possível, fazendo visitas com sua filha e recebendo frequentemente. Essas reuniões foram agradáveis para todos. Escapar ao círculo da família era mais agradável para os que pensavam do que para aqueles que não o faziam. A afeição de Wickham por Lydia era exatamente como Elizabeth tinha esperado: inferior à que Lydia tinha por ele. Mesmo se não tivesse tido oportunidade de observá-los, chegaria à conclusão lógica de que a fuga tinha sido devido mais à paixão dela do que ao interesse dele. E se não fosse a certeza de que ele tinha fugido porque a sua situação no lugar era insuportável, Elizabeth se surpreenderia pelo fato de Wickham ter raptado a sua irmã, sem possuir uma paixão violenta. Sendo este o caso, ele não resistira à oportunidade de ter uma companheira para a sua viagem.

Lydia gostava imensamente de Wickham. Ele continuava a ser o seu querido Wickham. Ninguém podia competir com ele no seu coração. Fazia as coisas, segundo ela, melhor do que todo o mundo. Certa manhã, pouco depois da sua chegada, estando sentada com as suas duas irmãs mais velhas, Lydia disse para Elizabeth:

— Lizzy, creio que nunca lhe contei como foi o meu casamento. Você não estava presente quando descrevi tudo para mamãe e as outras. Não está curiosa por saber como tudo isto se passou?

— Não, para falar a verdade — replicou Elizabeth —, penso que quanto menos se falar neste assunto, melhor.

— Ora, você é tão esquisita! Mas vou contar como aconteceu tudo... Nós nos casamos na igreja de São Clemente, porque a residência de Wickham era naquela paróquia. Combinamos nos encontrar lá às onze horas. Meus tios e eu devíamos ir juntos. E os outros nos encontrariam na igreja. Bem, chegou segunda-feira de

manhã, e eu estava numa aflição que você nem imagina! Tinha medo que acontecesse qualquer coisa e que a gente tivesse de adiar o casamento. Eu teria ficado desesperada! Enquanto me vestia, minha tia continuou falando todo o tempo, tal qual se estivesse fazendo um sermão. Mal entendi uma palavra, pois como você deve supor estava pensando no meu querido Wickham. Estava doida para saber se ele ia se casar com seu casaco azul. Bem, almoçamos às dez, como de costume. Pensei que o almoço nunca mais ia acabar. Entre parênteses, meu tio e minha tia foram horivelmente severos comigo durante todo o tempo que estive lá. Imagina que não me deixaram botar os pés fora de casa nem uma só vez, durante os 15 dias que passei em casa deles. Nem uma festa, nem uma reunião, nada. Naturalmente Londres estava bastante deserta. Mas o Pequeno Teatro estava aberto. Bem, na hora em que a carruagem parou à porta, meu tio foi chamado a negócios por um sujeito horrível chamado Mr. Stone. E você sabe que, quando ele começa a falar de negócios, não acaba mais. Eu estava tão assustada que não sabia o que fazer, pois era meu tio quem me serviria de padrinho. E se a gente perdesse a hora, teria que deixar o casamento para o dia seguinte. Mas, felizmente, ele voltou dentro de dez minutos, e então saímos todos. Mas depois eu me lembrei que mesmo se ele fosse impedido de ir, o casamento poderia ter se realizado, porque Mr. Darcy o poderia ter substituído.

— Mr. Darcy? — repetiu Elizabeth, com imenso espanto.

— Sim, ele tinha ficado de vir com Wickham. Mas que é que eu estou dizendo! Eu me esqueci! Não devia ter dito nada! Prometi que não diria! Que é que Wickham vai dizer? Era segredo!

— Se era segredo — disse Jane —, então não diga mais nada. Pode ficar certa de que não faremos outras indagações.

— Decerto — disse Elizabeth, ardendo de curiosidade. — Nada perguntaremos a você.

— Obrigada — disse Lydia —, pois se vocês perguntassem, eu certamente diria tudo. E depois Wickham ficaria muito zangado comigo.

Para resistir àquele encorajamento, Elizabeth foi obrigada a fugir.

Mas era impossível viver na ignorância daquele detalhe. Ou pelo menos era impossível não tentar se informar. Mr. Darcy assistira ao casamento da sua irmã. Não poderia haver no mundo cena mais capaz de atrair o seu interesse. As conjecturas mais loucas atravessaram o seu espírito, sem que nenhuma o satisfizesse. As explicações que mais lhe agradavam, justamente as que colocavam a conduta dele sob uma luz mais nobre, pareciam as menos prováveis. Ela não poderia suportar essa incerteza. E tomando uma folha de papel escreveu apressadamente uma curta missiva para a sua tia, pedindo-lhe a explicação do fato a que Lydia aludira, caso não fosse segredo.

A senhora bem pode compreender que estou curiosa para saber como uma pessoa que não tem relações com qualquer uma de nós e é comparativamente um estranho para a nossa família pudesse estar presente ao casamento. Peço que escreva imediatamente e me explique tudo, a não ser que haja motivos muito fortes para guardar o segredo que Lydia parece achar necessário. Neste caso, terei de me resignar à minha ignorância.

“Não, jamais me resignarei a isto”, disse Elizabeth para si mesma. Em seguida terminou a carta: “Minha querida tia, se a senhora não me disser isto por bem, serei obrigada a lançar mão de estratégias para descobri-lo.”

A delicadeza de Jane não lhe permitia que falasse em particular com Elizabeth sobre o que Lydia tinha dito. Aliás, isto era agradável para Elizabeth. Ela preferia não ter uma confidente até saber se a sua curiosidade seria satisfeita.

Elizabeth teve a satisfação de receber uma resposta da sua carta e verificou que não era possível obtê-la mais prontamente. Assim que a carta chegou, correu para o pequeno bosque e, sentando-se num banco, preparou-se para ler tranquilamente, sentindo-se feliz porque, pelo número de folhas, era fácil verificar que não continha uma simples negativa.

Gracechurch Street, 6 de setembro.

Minha querida sobrinha: Acabo de receber a sua carta e devotarei toda esta manhã a lhe escrever a minha resposta, pois prevejo que em poucas linhas não poderei transmitir tudo o que tenho a dizer. Devo confessar que o seu interesse me surpreende. Não o esperava da sua parte. Não pense que eu esteja zangada, no entanto, pois o que desejo exprimir é que não esperava que estas informações lhe fossem necessárias. Se prefere não compreender o que digo, perdoe a minha impertinência. Seu tio ficou tão espantado como eu. E nada, a não ser que você seja uma parte interessada, o teria levado a agir da maneira que fez. Mas se você é realmente inocente e ignorante, preciso ser mais explícita. No mesmo dia em que cheguei aqui de Longbourn, seu tio recebeu uma visita inesperada. Mr. Darcy veio à nossa casa e ficou em conferência com ele durante várias horas. Quando cheguei, tudo isso já tinha acabado e portanto a minha curiosidade não foi tão intensamente despertada como a sua parece ter sido. Ele veio para dizer a seu tio que tinha descoberto o paradeiro de Mr. Wickham e da sua irmã e que já os tinha visto e conversado com ambos, com Wickham várias vezes e com Lydia apenas uma. Ao que parece, ele saiu do Derbyshire um dia depois da nossa partida. E veio a Londres resolvido a procurar os fugitivos. O motivo alegado era sua convicção de que fora

por sua causa que o caráter de Wickham não tinha sido bem conhecido, de maneira que tornasse impossível que uma moça decente o amasse e confiasse nele. Generosamente atribuiu tudo isto ao seu orgulho mal-entendido, pois julgava estar acima da necessidade de expor aos outros os seus atos particulares. O seu caráter falava por si mesmo. Ele achava portanto que era o seu dever vir a público e tentar reparar o mal que julgava ter causado. Se tinha outro motivo, estou certa que não era um motivo inconfessado. Passara alguns dias em Londres antes de descobrir os fugitivos. Mas ele possui um elemento para dirigir a sua busca que nós não possuímos: e este era o outro motivo para justificar a sua vinda. Existe uma senhora, ao que parece uma certa Mrs. Younge, que foi durante algum tempo a governanta de Miss Darcy, tendo sido despedida por motivos que ele não nos contou. Depois disto ela alugou uma grande casa em Edward Street e aí abriu uma pensão. Mr. Darcy sabia que esta Mrs. Younge era intimamente ligada a Wickham. E se dirigiu a ela em busca de informações, assim que chegou em Londres. Mas, levou dois dias para obter dela o que desejava. Suponho que essa mulher não queria trair o segredo que lhe fora confiado sem receber um suborno, pois de fato ela conhecia o paradeiro do seu amigo. Wickham realmente a tinha procurado, logo depois de chegar a Londres, e se tivesse tido cômodos disponíveis, seria na sua casa que teria se instalado. Afinal o nosso bom amigo conseguiu obter o endereço desejado. Estavam na rua X. Mr. Darcy esteve com Wickham e posteriormente insistiu para ver Lydia. O seu primeiro objetivo para com ela, reconheceu ele, fora persuadi-la a abandonar a sua desonrosa situação atual e voltar para os seus amigos assim que consentissem em recebê-la, oferecendo o seu auxílio nesse sentido. Mas encontrou Lydia absolutamente resolvida a permanecer onde estava. Ela não queria saber dos amigos, não queria o seu auxílio e por coisa alguma deste mundo deixaria Wickham. Estava certa

de que eles se casariam mais cedo ou mais tarde e que a data não tinha importância. Já que os seus sentimentos eram estes, pensou ele, restava apenas fazer com que se casassem o mais rapidamente possível. Logo na primeira conversação que teve com Wickham, ele compreendeu imediatamente que tal coisa nunca fora sua intenção. Aquele confessou que tinha deixado o regimento devido a algumas dívidas de honra muito urgentes. E não hesitava em atribuir unicamente à sua própria leviandade todas as más consequências da fuga de Lydia. Tinha também a intenção de resignar o seu posto imediatamente. E quanto à sua futura situação, não sabia absolutamente o que fazer. Ele precisava ir para algum lugar mas não sabia para onde. Sabia apenas que não tinha nenhum dinheiro para viver. Darcy perguntou por que ele não se tinha casado com Lydia imediatamente. Embora não constasse que Mr. Bennet fosse muito rico, ainda assim poderia fazer alguma coisa por ele e a sua situação melhoraria com o casamento. Mas em resposta a esta pergunta, Mr. Darcy descobriu que Wickham ainda alimentava esperanças de fazer a sua fortuna pelo casamento, nalgum outro país. Assim sendo, não seria prudente oferecer-lhe um auxílio imediato. Eles se encontraram várias vezes, pois havia muito que discutir. Wickham, naturalmente, queria mais do que poderia obter. Mas afinal, rendeu-se à evidência e tudo foi combinado entre eles. Mr. Darcy em seguida procurou o seu tio para lhe comunicar o que tinha feito. E ele esteve em Gracechurch Street na noite anterior à minha chegada. Mas não conseguiu encontrar Mr. Gardiner e descobriu então que seu pai ainda estava com ele, pois que somente sairia de Londres na manhã seguinte. Julgou então que era melhor entender-se com o seu tio do que com o seu pai. Resolveu, assim, adiar a entrevista que teria com Mr. Gardiner para depois da partida daquele. Ele não deixou o nome e até voltar no dia seguinte sabia-se apenas que um cavalheiro tinha procurado Mr. Gardiner a negócios. No sábado

reapareceu. Seu pai tinha partido, seu tio estava em casa e, como eu disse antes, tiveram uma longa entrevista. Tornaram a se encontrar no domingo, e nesse dia eu o vi também. Só na segunda-feira ficou tudo combinado. E imediatamente um expresso foi despachado para Longbourn. Mas o nosso visitante se mostrou muito obstinado: creio, Lizzy, que afinal de contas a obstinação é o defeito real do seu caráter. Ele já foi acusado de muitas faltas, mas esta é a única verdadeira. Queria fazer tudo pessoalmente; embora eu esteja certa (e não falo nisto para receber agradecimentos e portanto não diga para ninguém) de que seu tio arranjaria tudo rapidamente. Discutiram juntos durante muito tempo. Mais do que as duas pessoas em questão mereciam. Mas, afinal, seu tio foi forçado a ceder. Em vez de ser útil realmente à sua sobrinha, teve de se contentar com a fama, coisa que não lhe agradou de maneira alguma. E eu creio que a sua carta de hoje de manhã lhe deu um grande prazer, porque exigia uma explicação que o despojaria das suas falsas plumagens, restituindo a glória a quem de direito. Mas, Lizzy, isto não deve passar de você e de Jane no máximo. Suponho que você deve saber muito bem o que foi feito para o jovem casal. As dívidas de Wickham, que sobem, creio eu, a muito mais de mil libras, precisam ser pagas. Outras mil são necessárias para o dote de Lydia. E a sua fiança ao posto que pretende tem de ser paga também. O motivo alegado para fazer tudo isto foi o que eu citei acima. Fora devido a ele, aos seus escrúpulos excessivos, que os outros se tinham enganado a respeito do caráter de Wickham. E daí a confiança que tinham depositado nele. Talvez haja uma certa verdade nisto, mas eu duvido que o seu silêncio ou o silêncio de qualquer outra pessoa possa ter sido a causa deste acontecimento. Mas apesar de todas essas belas palavras, minha querida Lizzy, você pode ficar inteiramente certa de que o seu tio nunca teria cedido se não tivesse julgado que Mr. Darcy tinha um outro interesse no assunto.

Quando tudo isto ficou resolvido, ele voltou novamente para a companhia dos seus amigos que ainda estavam em Pemberley, mas ficou combinado que voltaria a Londres novamente, no dia do casamento, para dar a última demão aos negócios de dinheiro. Creio que agora já lhe contei tudo. É um relato que, segundo vejo pela sua carta, lhe dará uma grande surpresa. Espero pelo menos que não lhe causará nenhum descontentamento. Lydia ficou morando conosco e Wickham esteve constantemente lá em casa. Achei que ele era exatamente o mesmo rapaz que eu conheci no Hertfordshire. Mas eu não lhe contaria como me desagradou a conduta de Lydia, enquanto esteve conosco, se eu não tivesse percebido, pela carta de Jane que recebi na segunda-feira passada, que o seu procedimento em Longbourn foi exatamente equivalente. E portanto o que eu lhe confesso agora não pode lhe causar novo desgosto. Conversei com ela várias vezes da maneira mais séria, mostrando-lhe o mal que tinha feito e toda a infelicidade que causara à sua família. Se ela me ouviu foi por acaso. Estou certa de que não me prestou a menor atenção. Várias vezes fiquei muito irritada. Nestes momentos eu me lembrava das minhas queridas Elizabeth e Jane e por causa de vocês me armei da maior paciência possível. Mr. Darcy voltou pontualmente e, como Lydia já lhe contou, assistiu ao casamento. Jantou conosco no dia seguinte e tencionava partir na quarta ou na quinta-feira. Espero que não se zangará comigo, minha querida Lizzy, por eu me aproveitar desta oportunidade para lhe dizer uma coisa que antes nunca tinha ousado dizer: é que eu gosto muito dele. Seu procedimento para conosco foi sob todos os aspectos tão agradável como quando estivemos no Derbyshire. Sua maneira de ver as coisas, suas opiniões, tudo me agrada muito. Só lhe falta um pouco mais de vivacidade. E isto, se se casar acertadamente, a sua mulher lhe poderá ensinar. Achei-o muito astuto. Quase nunca mencionou o seu nome. Mas a astúcia parece que está em moda. Peço-lhe que me

perdoe se fui muito ousada ou pelo menos não me castigue a ponto de me excluir de P. Nunca me sentirei inteiramente feliz enquanto não tiver percorrido todo o parque. Com um faéton baixo e uma boa parelha de pôneis, seria o ideal. Não posso escrever mais, as crianças já me esperam há meia hora. Sua tia muito afetuosa.

M. Gardiner.

O conteúdo desta carta lançou o espírito de Elizabeth numa agitação em que era difícil determinar se o prazer ou a dor predominavam.

As vagas suspeitas acerca do que Mr. Darcy poderia ter feito para auxiliar o casamento da sua irmã, suspeitas que tivera receios de encorajar, pois demonstravam uma grandeza de alma que dificilmente encontraria em alguém, suspeitas cuja confirmação ao mesmo tempo temia por causa da obrigação que acarretariam, se tinham convertido em realidade além das suas expectativas. Ele os seguira deliberadamente a Londres. Assumira todos os incômodos e mortificações inerentes a uma tal pesquisa. Tivera que suplicar a uma mulher que devia abominar e desprezar. Fora obrigado a se encontrar frequentemente, discutir, persuadir e finalmente subornar o homem que sempre mais desejaria evitar e cujo simples nome lhe era detestável. Tudo isso tinha feito por uma moça que ele não podia nem admirar nem estimar. Seu coração lhe dizia que fora unicamente por sua causa. Mas esta esperança era logo sufocada por outras reflexões e ela sentiu que não era vaidosa a ponto de julgar que Darcy tinha afeição por uma mulher que já o rejeitara, e que ele seria capaz de vencer um sentimento tão natural quanto a repugnância em se relacionar novamente com Wickham. Cunhado de Wickham! O orgulho mais elementar se revoltaria contra isto. Decerto ele já tinha feito muito. Elizabeth até se envergonhava de pensar em tudo o que lhe devia. Mas Darcy tinha apresentado um motivo para a sua interferência, um motivo que não exigia sutilezas de

interpretação. Não era natural que ele sentisse que agira erradamente. Era generoso e tinha meios de exercer a sua generosidade. E embora não se considerasse como a causa principal dessa conduta, poderia talvez supor que um resto de afeição por ela tivesse contribuído para os seus esforços numa causa de que dependia diretamente a sua paz de espírito. Era doloroso, muito doloroso, saber que deviam uma tal obrigação a uma pessoa a quem nunca poderiam pagar. Eles deviam a reabilitação de Lydia, sua restituição ao seio da família exclusivamente a Mr. Darcy. Elizabeth se arrependeu amargamente de todos os desprazeres que lhe causara, de todas as palavras duras que lhe havia dirigido. Sentia-se humilhada consigo mesma mas estava orgulhosa dele. E isto porque numa causa de honra, movido pela compaixão, ele conseguira se dominar. E ao pensar na certeza que tanto ela como seu tio sentiam de que a afeição de Mr. Darcy por ela continuava a subsistir, sentia até um certo prazer, embora de mistura a mágoa. Elizabeth foi arrancada das suas reflexões pela aproximação de uma pessoa. Levantou-se, mas antes de fugir pelo outro caminho foi abordada por Wickham.

— Acha que estou interrompendo o seu passeio solitário, minha cara irmã? — indagou ele, aproximando-se.

— Sentiria muito se o fosse. Sempre fomos bons amigos. E agora mais do que nunca.

— É verdade. Os outros não vêm passear?

— Não sei. Mrs. Bennet e Lydia vão de carro a Meryton.

— Então, minha cara irmã, soube pelos meus tios que você já esteve em Pemberley.

Elizabeth respondeu afirmativamente.

— Eu quase lhe invejo o prazer. No entanto acho que seria demasiado para mim. Sem o quê, iria até lá a caminho de Newcastle. Naturalmente esteve com a velha caseira...

Pobre Mrs. Reynolds, ela gostava muito de mim! Mas suponho que ela não tenha falado em meu nome...

— Falou sim.

— E o que foi que disse?

— Que tinha entrado no exército e parecia que não tinha dado boa coisa. Mas compreende, a uma tal distância as coisas chegam bem deformadas...

— Certamente — replicou ele, mordendo os lábios.

Elizabeth supôs que o silenciara, mas pouco depois ele disse:

— Fiquei espantado de ver Darcy em Londres, da vez anterior. Eu o avistei várias vezes na rua. Que será que ele anda fazendo lá?

— Talvez preparando o seu casamento com Miss de Bourgh — disse Elizabeth. — Ele deve ter um motivo muito especial para vir a Londres nesta época do ano.

— Sem dúvida. Viu Mr. Darcy alguma vez quando estive em Lambton? Se não me engano, os Gardiner disseram-me isto.

— Sim, ele me apresentou à irmã.

— E que achou dela?

— Gostei imensamente.

— É verdade, ouvi dizer que ela melhorou extraordinariamente nesses últimos dois anos. Da última vez que a vi não prometia muito. Espero que ela acabe bem.

— Tenho certeza disto, pois já passou a idade mais perigosa.

— Passaram pela aldeia de Kympton?

— Não me lembro.

— Falo nisto porque é a sede da reitoria que devia ter sido minha. Um lugar encantador. A casa é excelente. Teria sido extremamente conveniente para mim.

— Você teria gostado de fazer sermões lá?

— Muito. Eu teria considerado isto parte do meu dever e o esforço, afinal, não seria tão grande assim. A gente não deve se queixar. Teria sido um lugar esplêndido para mim. A tranquilidade daquela vida teria correspondido a todas as minhas ideias de felicidade. Mas não tinha que ser. Darcy lhe falou alguma coisa sobre o caso, enquanto estive no Kent?

— Ouvi de uma pessoa, que considero tão bem-informada

quanto ele, que a reitoria lhe foi deixada apenas condicionalmente, ao arbítrio do atual proprietário.

— Ah, sim? Realmente, existe alguma verdade nisto. Aliás, foi o que eu lhe disse desde o princípio, não se lembra?

— Ouvi dizer também que numa certa época da sua vida, a necessidade de fazer sermões não lhe era tão agradável quanto atualmente. Ouvi dizer mesmo que tinha resolvido não se ordenar. E que neste sentido chegou a haver um acordo.

— Ah, ouviu dizer isto? E não foi sem fundamento. Deve se lembrar do que eu lhe falei a este respeito, quando falamos pela primeira vez neste assunto.

Estavam quase à porta da casa, pois Elizabeth tinha andado depressa para se ver livre dele.

Não querendo mais provocá-lo, por causa da sua irmã, ela respondeu apenas com um sorriso cordial:

— Vamos acabar com isto, Mr. Wickham, somos agora irmãos. Não devemos brigar por causa do passado. Para o futuro, espero que estejamos sempre de acordo.

Elizabeth estendeu a mão e ele a beijou com galante cordialidade, embora não soubesse que expressão tomar ao entrar em casa.

Mr. Wickham ficou tão satisfeito com a conversação que nunca mais mencionou aquele assunto em presença de Elizabeth. Esta, por sua vez, ficou satisfeita de ter dito o suficiente para silenciá-lo.

Breve chegou o dia da partida de Lydia. E Mrs. Bennet foi obrigada a se submeter à separação, que provavelmente duraria pelo menos um ano, pois Mr. Bennet se recusou terminantemente a aderir ao plano de irem todos a Newcastle.

— Oh, minha querida Lydia — exclamou ela —, quando nos tornaremos a ver?

— Não sei. Daqui a dois ou três anos talvez.

— Não deixe de me escrever sempre, meu bem.

— Escreverei sempre que puder. Mas a senhora deve saber que as mulheres casadas não têm muito tempo para escrever. Minhas irmãs podem, pois não têm nada que fazer. As despedidas de Mr. Wickham foram muito mais afetuosas do que as de sua mulher. Ele sorriu, fez pose, disse muitas coisas bonitas.

— É um ótimo rapaz — disse Mr. Bennet assim que o viu fora de casa. — Distribui sorrisinhos, gatimônhas e faz a corte a todo mundo. Estou muito orgulhoso dele. Desafio o próprio Sir William Lucas a apresentar um genro melhor do que o meu.

A perda da sua filha fez Mrs. Bennet ficar triste vários dias.

— Muitas vezes penso — disse ela — que não há nada mais doloroso do que o fato de se separar dos amigos. A gente se sente tão abandonada...

— A senhora deve compreender, mamãe, que isto é a consequência de casar uma filha — disse Elizabeth. — Deve ficar contente, já que as suas outras quatro filhas continuam solteiras.

— Não é nada disto. Eu tenho de me separar de Lydia não

porque ela esteja casada, mas porque o regimento do marido dela fica tão longe. Se estivesse mais próximo, não seria obrigada a partir tão cedo.

Mas o desânimo em que este acontecimento precipitou Mrs. Bennet foi em breve atenuado por uma notícia que começou a circular. A caseira de Netherfield tinha recebido ordem de preparar a casa para a chegada do patrão que viria daí a um ou dois dias, e se demoraria lá várias semanas para caçar. Mrs. Bennet ficou muito agitada. Olhava para Jane, sorria e movia a cabeça de vez em quando. Fora Mrs. Philips quem trouxera a notícia.

— Bem, bem, então Mr. Bingley está para chegar? Melhor. Não que eu faça muito caso disto, nós o conhecemos muito pouco, como sabe, e eu por mim não quero mais vê-lo. No entanto, acho que faz muito bem de vir para Netherfield. Quem sabe o que pode acontecer? Mas você bem sabe que há muito tempo resolvemos não falar mais nisto. Então é mesmo certa a chegada dele?

— Pode contar com isto — replicou a outra. — Pois Mrs. Nichols esteve em Meryton ontem à noite. Eu a vi passando e saí de propósito para perguntar o que estava fazendo. E ela me disse que era verdade. Deve chegar na quinta-feira o mais tardar ou talvez mesmo na quarta. Ela estava a caminho do açougue, disse-me, justamente para encomendar carne para quarta-feira. E ela tem três casais de patos prontos para serem mortos.

Jane, ao ouvir a notícia, não pôde deixar de empalidecer. Havia muitos meses que ela não mencionava o nome de Bingley a Elizabeth. Agora, estando as duas juntas, ela disse:

— Reparei que você olhou hoje para mim, Lizzy, quando minha tia nos trouxe essa notícia. E eu sei que fiquei perturbada. Mas não creio que tenha sido por uma causa à toa. Só me senti assim porque vi que iam olhar para mim. Juro a você que essa notícia não me causa alegria nem sentimento algum. Só me alegro de uma coisa, é que ele

não vem acompanhado; assim o veremos menos. Não que eu sinta medo de mim mesma, mas tenho horror às observações das outras pessoas.

Elizabeth não sabia o que pensar. Se ela não o tivesse visto no Derbyshire, podia aceitar o motivo que alegavam para a sua vinda. Mas achava que Bingley ainda gostava de Jane. E hesitava diante de duas outras explicações, que achava muito mais prováveis: se ele vinha porque o seu amigo o permitira ou se ousara espontaneamente tomar esta resolução.

Mas às vezes Elizabeth pensava: “não vejo porque este pobre rapaz não possa vir à casa que alugou e é dele sem despertar tamanha curiosidade. Não pensarei mais nele, vou abandoná-lo à sua sorte.”

Apesar do que a sua irmã lhe tinha declarado, e acreditava que ela tivesse falado sinceramente, Elizabeth percebia facilmente que a perspectiva da chegada de Bingley a tinha afetado profundamente. Jane estava perturbada, agitada como poucas vezes a vira.

O assunto, que fora discutido tão calorosamente pelos seus pais, há um ano aproximadamente, tornava agora a apresentar-se.

— Mr. Bingley está para vir, meu caro — disse Mrs. Bennet.

— Você, naturalmente, irá visitá-lo...

— Não, não, você me forçou a visitá-lo no ano passado e disse que, se eu o fosse ver, ele se casaria com uma das minhas filhas. Mas isto deu em nada e não vou tornar a fazer papel de tolo.

Sua mulher procurou convencê-lo de que isto era uma obrigação que incumbia a todos os cavalheiros que residiam na região.

— É uma etiqueta que eu desprezo — disse Mr. Bennet. — Se ele deseja a nossa companhia, que a procure. Sabe onde nós moramos. Não vou perder o tempo correndo atrás dos meus vizinhos cada vez que eles vão embora e tornam a voltar.

— Bem, tudo o que eu sei é que será uma abominável grosseria se você não for visitá-lo. No entanto, isto não impedirá que eu o convide a vir jantar conosco. Precisamos convidar Mrs. Long e os Goulding em breve. Contando conosco, seremos treze à mesa. E portanto haverá justamente um lugar para Mr. Bingley.

Consolada com esta resolução, Mrs. Bennet se sentiu com maior força para suportar a falta de cortesia do seu marido, embora fosse muito mortificante saber que por causa disto todos os vizinhos poderiam ver Mr. Bingley antes dos Bennet. Poucos dias antes da sua chegada, Jane disse para a irmã:

— Estou começando a preferir que ele não venha. Não que eu dê importância ao fato, sou capaz de vê-lo com perfeita indiferença. Mas não suporto ouvir falar constantemente nesse assunto. A intenção da minha mãe é boa. Porém ela não sabe, ninguém sabe quanto eu sofro com o que dizem. Vou dar graças a Deus quando Mr. Bingley for embora de novo.

— Eu poderia dizer alguma coisa que consolasse você — replicou Elizabeth. — Mas nada tenho realmente a dizer. Você deve saber disto. E a satisfação usual de recomendar paciência aos sofredores lhe seria negada porque você já a tem de sobra.

Mr. Bingley chegou. Mrs. Bennet, por intermédio dos criados, arranjou um meio de saber do fato o mais cedo possível, o que aumentava o período de ansiedade e agitação, prolongando a expectativa do jantar. Ela contou os dias que deviam decorrer antes do convite ser enviado, pois durante esse tempo não havia esperança de vê-lo. Mas de manhã, três dias depois da sua chegada no Hertfordshire, Mrs. Bennet, que estava à janela do seu quarto de vestir, viu Mr. Bingley entrar a cavalo pelo portão e se aproximar da casa.

Contentíssima, ela chamou as filhas para participarem da sua alegria. Jane continuou sentada no seu lugar,

resolutamente. Mas Elizabeth, para contentar a sua mãe, foi até a janela, olhou, e vendo que Mr. Darcy vinha em companhia de Bingley, voltou a sentar-se ao lado da sua irmã.

— Vem outro cavalheiro com ele, mamãe — disse Kitty. — Quem será?

— Deve ser um conhecido dele, meu bem, mas não sei quem é.

— Ora, parece aquele homem que já esteve aqui com ele uma vez. Mr...., como é que ele se chama? Aquele homem alto, orgulhoso...

— Quem, Mr. Darcy? E é mesmo... Bem, qualquer amigo de Mr. Bingley será sempre bem-recebido. Mas devo confessar que odeio aquele homem.

Jane olhou para Elizabeth com surpresa e inquietação. Jane pouco sabia a respeito dos encontros que a sua irmã tivera com Mr. Darcy no Derbyshire. Supunha portanto que sua irmã se sentiria muito embaraçada ao vê-lo depois da carta explicativa que recebera da sua parte. As duas irmãs se sentiam bastante embaraçadas. Cada uma delas sentia pela outra e naturalmente por si própria. Mrs. Bennet continuou a falar sobre a antipatia que tinha por Mr. Darcy. E repetiu que estava disposta a tratá-lo amavelmente apenas porque era um amigo de Mr. Bingley. Mas as suas palavras não foram ouvidas por nenhuma das suas filhas. Elizabeth tinha motivos de inquietação de que a sua irmã não suspeitava, pois nunca tivera a coragem de mostrar a Jane a carta de Mrs. Gardiner nem de lhe revelar a mudança dos seus sentimentos para com Mr. Darcy. Para Jane ele continuava a ser o homem cujas propostas ela tinha recusado, e cujas qualidades ela subestimara. Mas para Elizabeth, que possuía outras informações, ele era a pessoa a quem toda a família devia o maior dos benefícios, e a quem ela própria votava uma afeição, se não tão terna quanto a que Jane dedicava a Bingley, pelo menos tão razoável e tão justa. A surpresa que a vinda dele a Netherfield e a sua visita a

Longbourn, aonde vinha espontaneamente para vê-la, era quase tão forte quanto a que sentira ao perceber a transformação que se tinha operado nele no Derbyshire. As cores que tinham desaparecido do seu rosto tornaram a voltar com maior intensidade e um sorriso de prazer deu maior fulgor ao brilho dos seus olhos, durante alguns minutos; e disse a si mesma que provavelmente os sentimentos de Darcy continuavam inalterados. No entanto não queria se precipitar.

“Vamos ver primeiro como ele me trata”, disse ela para si mesma. “Antes disso não convém ter esperanças.”

Continuou atenta ao seu trabalho, procurando se acalmar, e sem ousar levantar os olhos, até que uma curiosidade ansiosa a levou a fitar o rosto da sua irmã, enquanto o criado se aproximava da porta. Jane parecia um pouco mais pálida do que de costume, porém mais calma do que Elizabeth esperava. Quando os cavalheiros entraram, ela enrubesceu ligeiramente. No entanto recebeu-os com tranquilidade e maneiras igualmente livres de qualquer sintoma de ressentimento, como de qualquer desejo exagerado de agradar.

Sem ser descortês, Elizabeth falou o menos possível. E voltou ao seu trabalho com um afinco que poucas vezes lhe dedicava. Ela arriscara apenas um olhar para Darcy. A expressão dele era tão grave como de costume. Mais talvez do que no Hertfordshire e em Pemberley. Talvez ele não se sentisse tão à vontade na presença da sua mãe quanto na dos seus tios. Era uma história dolorosa, porém não de todo improvável.

Bingley, também, ela só vira de relance. E naquele instante a sua expressão era ao mesmo tempo alegre e embaraçada. Mrs. Bennet o recebeu com uma tal cortesia, uma tão grande amabilidade, que as suas filhas se sentiram envergonhadas. Especialmente quando viram a fria polidez com que ela cumprimentou o seu amigo.

Elizabeth, sobretudo, que sabia quanto a sua mãe devia a

este último, cuja iniciativa salvara a sua filha favorita de uma irremediável desonra, sentiu-se ferida e aflita com aquela distinção tão mal-aplicada.

Darcy, depois de perguntar por Mr. e Mrs. Gardiner, pergunta que Elizabeth não pôde responder sem um certo embaraço, quase mais nada falou. Ele não estava sentado perto de Elizabeth; talvez fosse este o motivo do seu silêncio. Porém no Derbyshire ele não procedera daquele modo. Lá, ele tinha palestrado com os amigos de Elizabeth, quando não podia fazer com ela própria. Agora decorriam vários minutos sem que se ouvisse o som da sua voz. E quando, às vezes, incapaz de resistir a um impulso de curiosidade, Elizabeth levantava os olhos e procurava o seu rosto, via que ele olhava tanto para Jane como para ela própria, e frequentemente olhava apenas para o chão. Aquela atitude exprimia evidentemente maior despreocupação, menos ansiedade de agradar do que da última vez que tinham estado juntos. Ela ficou desapontada e depois zangada consigo mesma por ter cedido àquele sentimento.

“Podia eu esperar que fosse de outro modo?”, exclamou para si própria. “Mas se é assim, para que então ele veio?” Ela não se sentia disposta a conversar com ninguém, a não ser consigo mesma. Faltava-lhe quase completamente a coragem para falar com Mr. Darcy. Perguntou pela irmã dele. Foi o máximo que conseguiu de si mesma.

— Faz muito tempo, Mr. Bingley, que o senhor foi embora — disse Mrs. Bennet.

Ele concordou prontamente.

— Eu tinha medo que o senhor não viesse mais — continuou ela. — Andaram dizendo que tencionava abandonar Netherfield completamente, por ocasião da festa de São Miguel. Espero que não seja verdade. Tem acontecido muitas coisas aqui nas imediações desde que o senhor partiu. Miss Lucas está casada e uma das minhas filhas também.

“Acho que já deve ter ouvido falar nisto. Aliás o senhor deve ter lido nos jornais. Saiu no Times e no Courier. Não saiu como devia, mas enfim... Dizia apenas: ‘Casamentos: Jorge Wickham, Esquire, com Miss Lydia Bennet’, sem acrescentar nem uma sílaba a respeito do pai dela, do lugar onde vivia, nada. O contrato foi feito por meu irmão Gardiner e a notícia também foi dada por ele. Não sei como fez uma coisa tão sem graça assim. O senhor leu?”

Bingley respondeu que tinha lido e lhe deu os parabéns. Elizabeth não ousou levantar os olhos. Não sabia portanto qual a expressão do rosto de Mr. Darcy.

— É uma coisa muito agradável ter uma filha bem-casada — continuou Mrs. Bennet —, mas ao mesmo tempo, Mr.

Bingley, é muito duro a gente se separar de uma filha. Eles foram para Newcastle. Um lugar situado muito para o norte, ao que parece. E eles têm que permanecer lá durante não sei quanto tempo. E lá que é a sede do regimento. O senhor deve ter ouvido dizer que ele saiu da milícia e entrou no exército regular. Graças a Deus ele tem alguns amigos, embora talvez não tantos quanto mereça.

Elizabeth, que sabia que isto era dirigido a Mr. Darcy, sentiu uma tal vergonha e confusão que por pouco não se levantou e fugiu. Estas palavras, no entanto, conseguiram arrancá-la ao seu silêncio. E ela perguntou a Bingley se tencionava ficar algum tempo na região. Ele disse que ficaria algumas semanas.

— Depois que tiver matado todos os seus pássaros, Mr. Bingley — continuou Mrs. Bennet —, venha caçar aqui, matar tantos quanto queira. Estou certa que Mr. Bennet se sentirá muito feliz com isto. E guardaremos todas as melhores caças para o senhor.

Essas atenções desnecessárias e exageradas faziam crescer o mal-estar de Elizabeth. Se agora surgissem para Jane as mesmas possibilidades que no ano anterior, tudo se precipitaria para a mesma desastrosa confusão. Naquele instante ela sentiu que muitos anos de felicidade não

poderiam compensar os momentos desagradáveis que ela e Jane estavam passando.

“O maior desejo do meu coração”, disse ela a si mesma, “é nunca mais estar em companhia de nenhum desses dois, por mais agradáveis que sejam; nada pode compensar esta miséria. Que eu nunca mais os veja, nem a um nem a outro.” No entanto a miséria, que anos de felicidade não poderiam compensar, pouco depois se atenuou de maneira muito sensível. Elizabeth observou que a beleza da sua irmã tornava a inflamar rapidamente a admiração do seu antigo namorado. A princípio ele lhe falara pouco, mas cada minuto que passava parecia aumentar a admiração que lhe dedicava. Ele a achava tão bela quanto no ano passado, tão simples e natural, embora menos comunicativa. Jane se esforçava por não deixar perceber nenhuma diferença na sua atitude, e estava realmente convencida que conversara tão animadamente como sempre. Seus pensamentos a absorviam tanto que não reparava nos momentos em que ficava calada.

Quando os cavalheiros se levantaram para partir, Mrs. Bennet se lembrou do convite que tencionava fazer, e eles ficaram comprometidos para jantar em Longbourn daí a poucos dias.

— O senhor me deve uma visita, Mr. Bingley — acrescentou ela —, pois quando partiu para Londres no inverno passado prometeu que tomaria parte num jantar de família assim que regressasse. Como o senhor está vendo, eu não me esqueci. Eu lhe asseguro que fiquei muito desapontada porque o senhor não voltou como tinha prometido.

Bingley pareceu um pouco embaraçado e falou vagamente que negócios urgentes o tinham impedido de vir e que sentia muito. Em seguida partiram.

Mrs. Bennet estivera fortemente inclinada a convidar os dois para jantar naquele mesmo dia. No entanto, embora tivesse sempre uma mesa muito boa, julgou que um jantar de menos de dois serviços não seria digno de um homem no

qual tinha tantas esperanças, nem suficiente para satisfazer o apetite e o orgulho do outro que possuía dez mil libras de renda por ano.

Assim que as visitas partiram, Elizabeth saiu para readquirir a sua tranquilidade. Ou, em outras palavras, para refletir sem interrupção nesses assuntos, que na realidade só a perturbariam ainda mais. A atitude de Mr. Darcy a surpreendia e penalizava.

Para que teria ele vindo, perguntava a si mesma, se era para permanecer silencioso, grave e indiferente? Ela não encontrava uma resposta que a satisfizesse.

Ele continuou a se mostrar amável para com os meus tios, quando esteve em Londres. Por que não o é para comigo? Se tem medo de mim, por que veio aqui? Se ele não gosta mais de mim, por que é que fica silencioso? Que homem misterioso! Não pensarei mais nele.

Sua resolução foi cumprida involuntariamente por pouco tempo, devido à aproximação da sua irmã, que se juntara a ela com um ar alegre, que mostrava ter ficado muito mais satisfeita com a visita do que Elizabeth.

— Agora que o primeiro encontro está passado — disse ela —, eu me sinto perfeitamente à vontade. Conheço as minhas forças e nunca mais me sentirei embaraçada quando ele vier. Estou contente que ele venha jantar aqui na terça-feira. Todos terão ocasião de ver que nos encontramos apenas como conhecidos comuns e indiferentes.

— Oh, realmente muito indiferentes — disse Elizabeth, sorrindo. — Tome cuidado, Jane.

— Minha querida Lizzy, você não há de pensar que eu seja tão fraca que esteja agora em perigo.

— Acho que mais do que nunca você está em perigo de fazer com que ele se apaixone por você.

* * *

Não tornaram a ver Mr. Bingley e o seu amigo senão na terça-feira. E durante esse tempo Mrs. Bennet se entregara a todos os planos felizes que o bom humor e a polidez habitual de Bingley em meia hora de visita haviam reavivado.

Na terça-feira reuniu-se um grupo numeroso em Longbourn. E as duas pessoas mais ansiosamente esperadas chegaram pontualmente. No momento de entrar na sala de jantar, Elizabeth observou Bingley avidamente, para ver se ele tomava lugar como antigamente, ao lado da sua irmã. Sua mãe, que era uma pessoa prudente e ocupada com as mesmas ideias, não o convidou para sentar-se ao seu lado. Ao entrar na sala ele pareceu hesitar. Mas por acaso Jane olhou em torno de si e, igualmente por acaso, sorriu. Foi suficiente para que ele se decidisse e fosse sentar ao lado dela.

Elizabeth, triunfante, olhou para Mr. Darcy. Ele recebeu o fato com nobre indiferença e Elizabeth teria imaginado que Bingley tinha recebido afinal licença para ser feliz se não tivesse visto que este olhava, também, para Mr. Darcy com um ar entre sorridente e alarmado.

Durante o jantar a atitude de Bingley para com a sua irmã persuadiu Elizabeth que a sua admiração por Jane, embora mais reservada, levaria o caso rapidamente a uma solução feliz, caso não houvesse interferências alheias. E embora não pudesse confiar no resultado de olhos fechados, no entanto aquilo lhe dava um grande prazer, despertando nela toda a animação que era possível sentir, pois não estava de humor muito alegre. Mr. Darcy estava sentado quase na outra extremidade da mesa. Estava ao lado da sua mãe. Ela sabia que essa situação daria muito pouco prazer a qualquer um dos dois. Com a distância a que se encontrava, não podia ouvir o que eles diziam, mas via que raramente falavam um com o outro e que o faziam cerimoniosa e friamente. A hostilidade de sua mãe lembrava dolorosamente a Elizabeth tudo o que deviam a

Mr. Darcy. E às vezes ela sentia que teria feito qualquer sacrifício para poder lhe dizer que sua bondade não era nem ignorada nem desdenhada pela totalidade da família. Elizabeth tinha esperanças de que, à noite, eles tivessem oportunidade de ficar juntos. E que a visita toda não se passaria sem lhes dar ocasião de trocar palavras mais significativas do que as simples saudações de cortesia. Ansiosa e inquieta, o período que decorreu na sala, antes da entrada dos cavalheiros, foi aborrecido a um ponto que quase a tornou impolida. Ela concentrara todas as suas esperanças no momento em que eles entrassem na sala. “Se não se dirigir a mim”, pensou ela, “renunciarei a esse homem para sempre.”

Os cavalheiros entraram. Por um momento Elizabeth pensou que as suas esperanças se iam realizar, mas infelizmente as senhoras se tinham reunido todas em volta da mesa, onde Jane estava fazendo chá e Elizabeth servindo café e não havia lugar ao seu lado nem para uma cadeira. E quando os cavalheiros se aproximaram, uma das moças acercou-se ainda mais dela e lhe disse ao ouvido:

— Nós não queremos um homem aqui entre nós, não é? Darcy se tinha dirigido para o outro lado da sala. Elizabeth o acompanhou com os olhos, invejando todas as pessoas com quem ele falava. Serviu o café com impaciência e depois ficou irritada consigo mesma por ser tão idiota.

Um homem que foi recusado uma vez! Como podia ter esperanças de que ele tornasse a se declarar? Existiria uma só pessoa do seu sexo que não se revoltasse contra uma tão grande fraqueza? Não existe nada tão incompatível com o sentimento dos homens.

Elizabeth ficou mais animada, no entanto, quando ele veio pessoalmente trazer a sua xícara de café. E aproveitou a oportunidade para dizer:

— A sua irmã está ainda em Pemberley?

— Sim, ficará lá até o Natal.

— E ela está sozinha? Todos os seus amigos já partiram?

— Miss Annesley está com ela. Os outros foram para Scarborough para passar três semanas.

Elizabeth não encontrou mais nada para dizer; mas se ele quisesse conversar, talvez fosse mais bem-sucedido. No entanto, ficou ao seu lado, em silêncio, durante alguns minutos. E afinal, quando as moças vieram sussurrar novamente ao ouvido de Elizabeth, ele tornou a se afastar. Quando o serviço de chá foi retirado e as mesas de jogo colocadas, todas as senhoras se levantaram. E Elizabeth teve outra vez esperança de vê-lo se aproximar. Todos os seus planos, porém, foram novamente destruídos; viu sua mãe se apoderar dele, para parceiro de whist. Todo o prazer estava agora acabado para ela. Seriam obrigados a passar a noite sentados em mesas diferentes e a única esperança que lhe restava era de que Darcy voltasse frequentemente os olhos na sua direção e jogasse portanto tão mal quanto ela.

Mrs. Bennet tinha resolvido convidar os dois cavalheiros de Netherfield para cear, mas infelizmente a carruagem deles foi chamada antes de qualquer uma das outras. E ela não teve outra oportunidade de vê-los.

— Então, meninas — disse Mrs. Bennet, assim que ficaram sós —, que é que vocês acharam da festa? Penso que tudo correu da melhor forma possível. O jantar estava excelente. O assado de cabrito estava realmente bom. Todos disseram que nunca viram uma perna tão gorda. A sopa estava incomparavelmente melhor do que a que serviram em casa dos Lucas na semana passada. E até Mr. Darcy reconheceu que as perdizes estavam notavelmente bem-feitas. E eu calculo que ele tenha dois cozinheiros franceses, pelo menos. Você, minha querida Jane, estava tão bonita como nunca vi. Mrs. Long foi da mesma opinião. E sabe o que ela disse também? “Ah, Mrs. Bennet, acho que afinal a veremos instalada em Netherfield.” Disse isto realmente. Acho Mrs. Long uma esplêndida criatura. E as sobrinhas dela são muito comportadas. E não são nada bonitas. Gosto delas

imensamente.

Mrs. Bennet, em suma, estava de excelente humor. O que observava, na atitude de Bingley para com Jane, fora suficiente para convencê-la de que ele estava mesmo conquistado. E quando Mrs. Bennet estava de bom humor, as suas esperanças matrimoniais eram tão ilimitadas, que no dia seguinte ficava desapontada de não ver o rapaz aparecer para fazer o pedido.

— Foi um dia muito agradável — disse Jane para Elizabeth.

— Os convidados foram bem-escolhidos e pareciam se dar todos admiravelmente. Espero que tornemos a nos reunir frequentemente.

Elizabeth sorriu.

— Lizzy, não faça isso. Você não deve suspeitar de mim. Isto me mortifica. Eu lhe asseguro que aprendi a gostar da conversa dele; trata-se de um rapaz agradável e sensato. Garanto a você que não tenho outras intenções. Vejo perfeitamente, pela maneira como ele me trata, que nunca desejou realmente a minha afeição. Só que é dotado de maneiras muito mais agradáveis, e de um desejo de agradar muito mais forte do que qualquer outro homem.

— Você está sendo cruel — disse Elizabeth. — Você me provoca e depois não quer que eu sorria.

— Como é difícil às vezes fazer com que os outros acreditem em nós!

— E como é impossível às vezes, para os outros, acreditar!

— Mas, então, por que é que você quer me persuadir que os meus sentimentos são mais complexos do que eu confessei?

— Isto é uma pergunta a que eu não sei como responder. Todos gostamos de instruir os outros, embora só possamos transmitir o que não é digno de ser ensinado. Perdoe, se você insistir na sua indiferença, não me tome por confidente.

Poucos dias depois daquela visita, Mr. Bingley tornou a aparecer e desta vez veio sozinho. Seu amigo tinha partido naquela manhã para Londres, ficando de voltar, porém, daí a dez dias. Mr. Bingley se demorou mais de uma hora. Estava de excelente humor. Mrs. Bennet o convidou para jantar. Ele respondeu que sentia imensamente, declarando que estava comprometido.

— Da próxima vez que vier — disse Mrs. Bennet —, espero que tenhamos mais sorte.

Ele teria imenso prazer em vir em qualquer outra ocasião, etc. etc. E se Mrs. Bennet lhe desse permissão, viria muito breve.

— Pode vir amanhã?

— Sim.

Ele não tinha compromisso para o dia seguinte. E o convite foi aceito com entusiasmo.

Mr. Bingley veio — e tão pontualmente que as moças ainda não estavam vestidas quando chegou. Mrs. Bennet correu para o quarto das meninas, enrolada num robe de chambre, o cabelo ainda por fazer, e exclamou:

— Jane, anda depressa! Corra lá para baixo! Ele chegou! Mr. Bingley chegou, chegou mesmo! Vá ligeiro, depressa! Sarah, venha ajudar Miss Bennet imediatamente a pôr o vestido. Deixe o cabelo de Miss Lizzy para depois.

— Nós descenderemos assim que pudermos — disse Jane. — Mas, entre nós, Kitty é mais ligeira do que todas. Já desceu há meia hora.

— Oh, não se importe com Kitty, que tem ela a ver com isto? Vamos, vá ligeiro. Depressa! Onde está a sua écharpe? Mas depois que a sua mãe saiu, Jane se recusou a descer sem uma das suas irmãs.

Durante a visita Mrs. Bennet mostrou a mesma ansiedade que de costume para deixar Mr. Bingley e Jane a sós. Depois

do chá, Mr. Bennet se retirou para a biblioteca, como sempre o fazia. E Mary subiu para estudar piano. Dos cinco obstáculos dois estavam suprimidos. Mrs. Bennet ficou olhando e piscando para Kitty e para Elizabeth durante um espaço de tempo considerável, sem que nenhuma das duas se impressionasse com isto. Elizabeth fez que não via e Kitty disse inocentemente:

— Que é, mamãe? Por que é que a senhora está piscando para mim? O que é que a senhora quer que eu faça?

— Nada, meu bem, nada, eu não pisquei para você!

Ela então continuou sentada durante mais cinco minutos.

Mas, incapaz de perder uma ocasião tão preciosa, levantou-se e disse para Kitty:

— Meu bem, quero falar com você!

E levou-a para fora da sala. Jane imediatamente lançou um olhar para Elizabeth em que exprimia a contrariedade que aquela premeditação lhe causava e o seu desejo de que pelo menos sua irmã não se prestasse àquela comédia. Poucos minutos depois, Mrs. Bennet entreabriu a porta e chamou:

— Lizzy, meu bem, eu quero falar com você.

Elizabeth foi forçada a ir.

— É melhor deixá-los a sós — disse Mrs. Bennet, assim que ela entrou no hall. — Kitty e eu vamos lá para cima a fim de conversarmos no meu quarto de vestir.

Elizabeth resolveu não discutir com a sua mãe, porém permaneceu tranquilamente no hall e assim que sua mãe e Kitty tinham partido, voltou para a sala.

Naquele dia os planos de Mrs. Bennet foram inúteis. Bingley se mostrou encantador como sempre, mas a sua atitude não foi a de um pretendente. Seu bom humor e a sua simplicidade o tornaram um companheiro dos mais agradáveis. E ele suportou as inoportunas cortesias com que o cumulava Mrs. Bennet, e ouviu todas as suas observações disparatadas com uma paciência e uma seriedade que encantaram a Jane.

Ele ficou para cear sem que fosse preciso insistir. E antes de ir embora, graças à intervenção de Mrs. Bennet, ele assumiu o compromisso de vir na manhã seguinte para caçar com Mr. Bennet.

Depois daquele dia Jane não falou mais na sua indiferença. Nem uma palavra foi trocada pelas irmãs acerca de Bingley. Mas Elizabeth foi para a cama contente com a certeza de que tudo chegaria breve a uma conclusão feliz, a não ser que Mr. Darcy voltasse tão breve quanto havia prometido. No entanto, ela estava até certo ponto persuadida de que tudo isto acontecia com a aquiescência dele.

No dia seguinte Bingley chegou pontualmente. Mr. Bennet e ele passaram a manhã juntos, conforme tinham combinado. Mr. Bennet encontrou no outro um companheiro muito mais agradável do que esperava; não havia em Bingley nenhuma pretensão que o tornasse ridículo nem nenhuma insensatez que fizesse Mr. Bennet se refugiar irritadamente no silêncio. Naquele dia ele estava mais comunicativo e menos excêntrico do que nunca. Bingley, naturalmente, voltou com ele para jantar, e à noite Mrs. Bennet lançou mão de todos os seus recursos para deixá-lo a sós com a sua filha.

Elizabeth, que tinha uma carta para escrever, se retirou para a sala de almoço pouco depois do chá. Pois já que os outros iam jogar cartas, a sua presença não seria necessária para contrabalançar os planos da sua mãe.

Mas ao voltar para a sala, depois de acabar a carta, viu com infinita surpresa que havia vários motivos para temer que sua mãe tivesse sido mais engenhosa do que ela. Ao abrir a porta, viu que sua irmã e Bingley estavam juntos, ao pé da lareira, como se conversassem sobre um assunto de extrema gravidade. E se este fato não bastasse para despertar suspeitas, a expressão de ambos, ao se virarem rapidamente e se afastarem, teria revelado tudo. A situação deles era bastante embaraçosa. Mas a sua própria, pensou Elizabeth, era pior ainda. Ninguém disse uma só palavra. E Elizabeth estava a ponto de se retirar novamente, quando

Bingley, que imitando o exemplo de Jane se tinha sentado, de súbito se levantou novamente, e sussurrando algumas palavras para Jane, saiu apressadamente da sala.

Jane não teria reserva para com a sua irmã. O assunto da confiança era agradável demais para que Jane se mostrasse reservada. E, abraçando a sua irmã, imediatamente confessou com a mais viva emoção que ela era a criatura mais feliz do mundo.

— É demasiado para mim — acrescentou ela. — Eu não o mereço. Por que é que todos não estão felizes como eu? Elizabeth deu os parabéns com uma sinceridade, um calor, um entusiasmo que as palavras não poderiam exprimir. Cada uma das suas palavras era uma nova fonte de felicidade para Jane. Porém, esta não poderia se demorar mais junto da sua irmã, nem tinha tempo para lhe dizer metade do que ainda lhe restava para contar.

— Preciso imediatamente ir ver mamãe — exclamou ela. — Não quero deixá-la por mais tempo em suspense; sua solicitude por mim é tão carinhosa! Nem quero que ela saiba de tudo senão por meu intermédio. Ele já foi falar com papai. Oh, Lizzy, que prazer vai dar a toda a família o que eu tenho para dizer! Como poderei suportar tamanha felicidade?

Jane correu então para junto da sua mãe, que tinha interrompido o jogo de cartas propositadamente, e estava no alto da escada com Kitty.

Elizabeth, que tinha ficado sozinha, sorriu da rapidez e da facilidade com que se tinha resolvido um caso que lhes causara ansiedade e incerteza durante tantos meses.

— E este — disse ela para si mesma — é o fim de todos os cuidados e precauções do seu amigo, das mentiras e ardis da sua irmã, o fim mais feliz, mais justo e mais razoável!

Poucos minutos depois, Bingley, cuja conferência com Mr. Bennet fora curta e decisiva, veio se reunir a Elizabeth.

— Onde está Jane? — disse ele, ao abrir a porta.

— Lá em cima com minha mãe. Ela descera já.

Bingley então fechou a porta e, aproximando-se, reclamou os seus parabéns e a sua afeição de irmã. Elizabeth, sincera e cordialmente, exprimiu a sua alegria. Eles se apertaram a mão com grande cordialidade. Em seguida, até a sua irmã voltar, ela teve que ouvir tudo o que ele dizia sobre a sua própria felicidade e sobre as perfeições de Jane.

E apesar de serem, aquelas, expressões de namorados, Elizabeth acreditava realmente no bem-fundado de suas esperanças, porque elas tinham como base a excelente compreensão, o gênio esplêndido de Jane e uma semelhança geral de sentimentos e gostos.

Aquela foi uma noite de grande alegria para todos. A felicidade de Jane dava ao seu rosto um brilho e uma doçura que o tornava mais belo do que nunca. Kitty dava risinhos e sorria, com a esperança de que a sua vez chegaria breve.

Mrs. Bennet não encontrava termos bastante calorosos para exprimir o seu consentimento e a sua aprovação. E falou só nisto, durante meia hora. E quando Mr. Bennet apareceu, à hora da ceia, sua voz e suas maneiras mostravam claramente o contentamento que o possuía.

Nem uma só vez, no entanto, ele aludiu ao fato enquanto o visitante estava presente. Mas assim que ele partiu, Mr. Bennet se virou para a sua filha e disse:

— Jane, eu lhe dou os meus parabéns. Você será muito feliz. Jane se aproximou dele imediatamente, beijou-o e agradeceu a sua bondade.

— Você é uma boa menina — respondeu ele. — E tenho prazer em vê-la bem-casada. Não tenho a menor dúvida de que vocês se darão muito bem. Seus gênios são bastante semelhantes. Ambos são tão tolerantes que nunca tomarão resoluções definitivas. Tão fáceis de levar, que todos os criados os enganarão. E tão generosos que sempre hão de gastar mais do que têm.

— Espero que não. Imprudência ou imprevidência em matéria de dinheiro seriam imperdoáveis da minha parte.

— Gastar mais do que têm! Meu caro Mr. Bennet! —

exclamou a sua mulher. — Que é que você está dizendo? Ora, ele tem quatro ou cinco mil libras por ano e provavelmente ainda mais...

Em seguida, virando-se para a sua filha:

— Oh, minha querida Jane! Estou tão feliz! Estou certa de que não dormirei nem um só instante esta noite! Eu sabia que tudo ia acabar assim, eu sempre disse que isto se realizaria finalmente! Tinha certeza de que a sua beleza acabaria triunfante! Eu me lembro que quando ele chegou aqui no Hertfordshire, no ano passado, logo vi que era provável que vocês se dessem bem. Ele é o mais belo rapaz que jamais vi.

Wickham, Lydia, tudo o mais estava esquecido. Jane era, sem competição, a sua filha favorita. Naquele instante ela não pensava em nenhuma outra. Suas irmãs mais moças começaram logo a imaginar os proveitos e os prazeres que retirariam do casamento da sua irmã.

Mary pediu para usar a biblioteca de Netherfield e Kitty insistiu muito para que Jane desse alguns bailes lá durante o inverno.

De então em diante, naturalmente Bingley veio todos os dias a Longbourn. E muitas vezes chegava antes da primeira refeição e ficava até depois do jantar, a não ser quando algum cruel vizinho lhe tinha enviado um convite para jantar, convite este a que ele não se podia furtar.

Elizabeth dispunha agora de muito pouco tempo para conversar com a sua irmã, pois enquanto Bingley estava presente Jane não podia dar atenção a mais ninguém. No entanto Elizabeth verificou que era de utilidade considerável para ambos, durante aquelas separações que necessariamente ocorriam às vezes. Na ausência de Jane ele sempre se aproximava de Elizabeth para conversar. E depois que Bingley tinha partido, Jane procurava idêntico alívio na conversa com sua irmã.

— Ele me deu um grande prazer — disse Jane, certa noite.

— Ele me disse que ignorava totalmente que eu estivesse

em Londres na primavera passada. Eu não acreditava que isto fosse possível.

— Eu já suspeitava disso — replicou Elizabeth. — Mas como é que ele explicou o fato?

— Deve ter sido coisa feita pelas suas irmãs. Decerto não viam com bons olhos as suas relações comigo, coisa aliás que eu acho muito natural, pois ele poderia ter feito uma escolha muito mais vantajosa sob todos os pontos de vista. Mas quando virem que o irmão é feliz comigo, espero que se resignarão e voltaremos a ficar de bem novamente, embora nunca mais possamos ter a mesma intimidade de antes.

— Essas são as palavras mais severas que jamais ouvi você dizer — exclamou Elizabeth. — Ainda bem, eu ficaria realmente penalizada se a visse tornar a ser enganada pela falsa amizade de Miss Bingley.

— Imagina, Lizzy, quando ele foi para Londres em novembro já gostava de mim. E só não voltou porque o convenceram de que eu lhe era totalmente indiferente.

— Ele cometeu um pequeno engano, decerto. Isto mostra pelo menos que é modesto.

Isto conduziu Jane naturalmente a fazer um panegírico da descrição de Bingley e do pouco valor que ele atribuía às suas boas qualidades.

Elizabeth ficou satisfeita por descobrir que ele não tinha revelado a interferência do seu amigo, pois embora Jane tivesse o coração mais generoso do mundo, ela sabia que aquilo dificilmente seria perdoável.

— Sou decerto a criatura mais feliz que jamais existiu — exclamou Jane. — Oh, Lizzy, por que é que fui eu a escolhida na minha família para receber tão grande graça? Se ao menos eu pudesse vê-la tão feliz quanto eu... Se existisse outro homem igual àquele para você!

— Mesmo se você me desse quarenta homens iguais para escolher, eu nunca seria tão feliz quanto você! Seria preciso que eu possuísse o seu gênio e a sua bondade. Não, não, deixe-me entregue ao meu próprio destino; talvez, se tiver

muita sorte, eu encontre um dia um outro Mr. Collins. A nova situação na família de Longbourn não podia permanecer muito tempo em segredo. Mrs. Bennet sussurrou a novidade ao ouvido de Mrs. Philips e esta, embora sem nenhuma autorização, fez outro tanto para todos os vizinhos de Meryton. Todos declararam que os Bennet eram a família mais afortunada do mundo, embora poucas semanas antes, quando Lydia tinha fugido, fossem considerados como pessoas marcadas pelo infortúnio.

Sentindo-se tranquila, Elizabeth começou logo a gracejar. Pediu a Mr. Darcy que explicasse como se tinha apaixonado por ela.

— Como pôde começar? — perguntou ela. — Posso compreender perfeitamente que tenha continuado uma vez feito o primeiro passo, mas que foi que o impulsionou?

— Não posso fixar a hora ou o lugar. Isto já foi há muito tempo. Eu já estava no meio e ainda não sabia que tinha começado.

— Minha beleza você a tinha negado desde o princípio. E quanto às minhas maneiras, meu comportamento para com você sempre beirou a falta de educação. E quase sempre, quando me dirigia a você, era com o intuito de feri-lo. Agora seja sincero: foi por causa da minha impertinência que me admirou?

— Pela vivacidade da sua inteligência, sim.

— É melhor chamar logo de impertinência. Era pouco menos. O fato é que estava farto de amabilidades, deferências e atenções. Sentia-se enojado com as mulheres que falavam, agiam e pensavam com o único fito de conquistá-lo. Despertei a sua atenção porque era tão diferente delas. Se você não fosse realmente bom, teria me odiado. Mas apesar do trabalho que teve para disfarçar os seus sentimentos, estes sempre foram nobres e justos. E no seu coração sempre desprezou as pessoas que o cortejavam tão assiduamente. Aí está: já lhe poupei o trabalho de uma explicação; e realmente, pensando bem, acho a minha hipótese muito razoável. Para falar a verdade, não conhecia nenhuma boa qualidade em mim. Mas ninguém pensa nisto quando se apaixona.

— Então não havia bondade no que fez por Jane quando ela esteve doente em Netherfield?

— Jane é uma pessoa querida. Quem não teria feito outro

tanto por ela? Mas faça disso uma virtude, se quiser; minhas boas qualidades estão sob a sua proteção. Pode exagerá-las quando quiser. Em troca cabe-me o direito de provocá-lo e discutir com você todas as vezes que me apetecer. E eu começarei imediatamente, perguntando por que é que à última hora se mostrou tão indeciso. Por que se mostrou tão tímido comigo por ocasião da sua primeira visita e depois quando jantou aqui? E especialmente, por que a sua atitude era tão distante e fria?

— Porque você estava grave, silenciosa e não me deu nenhum encorajamento.

— Mas eu estava embaraçada.

— E eu também.

— Podia ter conversado comigo quando veio jantar.

— Um homem menos apaixonado o teria feito.

— É pena que encontre para tudo uma resposta razoável e que eu tenha o bom senso de aceitá-la. Mas eu pergunto a mim mesma quanto tempo teria levado para se declarar se eu nada lhe tivesse perguntado. Minha resolução de lhe agradecer a sua bondade para com Lydia teve certamente um grande efeito. Receio que até mesmo demasiado. Que será da moral se o nosso entendimento for devido a uma quebra de promessa? Já que eu não deveria ter mencionado o assunto. Isto assim não está bem.

— Não precisa ficar preocupada. A moral está salva. As injustificáveis tentativas de Lady Catherine para nos separar foram um meio de remover todas as minhas dúvidas. Não é ao seu ávido desejo de exprimir a sua gratidão que devo a minha atual felicidade. Eu não teria esperado. A comunicação de minha tia renovara as minhas esperanças. Eu estava decidido a saber de tudo imediatamente.

— Lady Catherine nos foi de imensa utilidade. E isto devia torná-la feliz, pois ela gosta de ser útil. Mas diga-me, por que veio a Netherfield? Foi apenas para passear em Longbourn e ficar embaraçado? Ou tinha intenções mais sérias?

— Meu fito real foi vê-la e verificar se eu poderia um dia ter a esperança de fazer com que me amasse. O motivo declarado ou pelo menos aquele que confessei a mim mesmo foi verificar se a sua irmã ainda gostava de Bingley e, caso ainda gostasse, fazer ao meu amigo a confissão que mais tarde eu realmente lhe fiz.

— Você jamais terá coragem de anunciar a Lady Catherine o que nos espera?

— É mais fácil faltar-me o tempo do que a coragem. Mas já que tem de ser feito, dê-me uma folha de papel e escreverei imediatamente.

— E se eu não tivesse também uma carta a escrever, sentaria ao seu lado e admiraria a regularidade da sua caligrafia como certa moça, um dia, já fez. Mas eu tenho também uma tia e estou em falta com ela.

Para não responder que seus tios tinham exagerado o seu interesse por Mr. Darcy, Elizabeth ainda não respondera a carta de Mrs. Gardiner. Agora, porém, sabendo que ela receberia da melhor maneira possível a comunicação que tinha a fazer, Elizabeth se sentia quase envergonhada ao refletir que seu tio e sua tia já tinham perdido três dias de felicidade, e imediatamente respondeu o seguinte:

Eu já teria escrito antes, minha querida tia, para lhe agradecer, como devia, a sua longa e boa carta, cheia de detalhes satisfatórios, se, para falar a verdade, não estivesse aborrecida demais para escrever. A senhora supôs mais do que realmente existia, mas agora suponha tanto quanto quiser. Solte as rédeas da sua fantasia e entregue-se à sua imaginação, para os voos mais arrojados. E a não ser que suponha que já estou realmente casada, não poderá errar muito. Escreva-me novamente muito breve e faça a ele muito mais elogios do que na sua última carta. Não me canso de lhe agradecer por não me ter levado aos Lagos. Não sei como pude ter a tolice de desejar esse passeio. A sua ideia dos pôneis é encantadora. Faremos a volta do

parque todos os dias. Sou a criatura mais feliz do mundo. Talvez outras pessoas já o tenham dito antes mas não com tanta justiça. Sou mais feliz até do que Jane. Ela apenas sorri e eu rio. Mr. Darcy lhe envia todo o amor que ainda lhe resta. Estão todos convidados para vir a Pemberley pelo Natal. Sua, etc.

A carta de Mr. Darcy para Lady Catherine foi escrita em estilo diferente. Diferente também de ambas foi a carta que Mr. Bennet escreveu para Mr. Collins, em resposta à última daquele cavalheiro.

Caro senhor:

Venho incomodá-lo mais uma vez com participações.

Elizabeth será em breve a esposa de Mr. Darcy. Console Lady Catherine como puder. Mas se estivesse em seu lugar, ficaria do lado do sobrinho. Ele tem mais a dar. Seu, sinceramente, etc.

Os parabéns que Miss Bingley mandou para o seu irmão pelo seu próximo casamento foram tudo o que havia de mais afetuoso e insincero. Ela escreveu até para Jane, nesta ocasião, a fim de exprimir o seu contentamento e repetir todas as suas anteriores declarações de estima. Jane não se iludiu, mas ficou tocada. E embora não tendo confiança nela, não pôde deixar de lhe escrever uma carta muito mais amável e carinhosa do que ela sabia que a outra merecia.

A alegria que Miss Darcy exprimiu ao receber uma informação semelhante foi tão sincera quanto a do seu irmão ao enviá-la. Quatro páginas de papel foram insuficientes para conter toda a alegria que ela queria exprimir e o seu sincero desejo de ser estimada pela sua futura irmã.

Antes de chegar qualquer resposta de Mr. Collins, ou parabéns de Charlotte para Elizabeth, a família de Longbourn soube que os Collins em pessoa tinham chegado a Lucas Lodge. O motivo dessa súbita viagem tornou-se logo

evidente. Lady Catherine se tinha enfurecido de tal modo com a carta do seu sobrinho, que Charlotte, que na realidade se alegrava com o casamento, ficou ansiosa para ir embora até que a tempestade passasse. Naquele momento a chegada da sua amiga causou um sincero prazer a Elizabeth, muito embora, todas as vezes que estivessem juntas, esse prazer tivesse de ser pago a alto preço, quando veria Mr. Darcy exposto a todas as cortesias obsequiosas e pomposas de Mr. Collins. Darcy no entanto suportou tudo aquilo com uma calma admirável. Ouviu até com serenidade as palavras de Sir William Lucas, que o cumprimentou por ter conquistado a mais bela joia do país e exprimiu a esperança de que se encontrassem todos frequentemente em St. James. Se ele chegou a erguer os ombros, foi só depois que Sir William Lucas lhe tinha voltado as costas.

A vulgaridade de Mrs. Philips foi outra sobrecarga para a sua paciência, talvez ainda maior do que as outras. Embora Mrs. Philips, como a sua irmã, Mrs. Bennet, se sentisse atemorizada diante de Darcy, que não tinha o bom humor de Bingley, todas as vezes que abria a boca, era só para dizer coisas vulgares. Elizabeth fez tudo o que pôde para protegê-lo das frequentes atenções de ambas, procurando guardá-lo para si mesma e para as pessoas da sua família com quem ele podia conversar sem se sentir mortificado. E embora as contrariedades resultantes de tudo isso estragassem muito o prazer do seu noivado, faziam Elizabeth pensar com maior satisfação no futuro, antecipando a vida confortável que teriam em Pemberley, longe daquela sociedade tão pouco agradável para ambos.

Grato para os seus sentimentos maternos foi o dia em que Mrs. Bennet se viu livre de duas das suas mais queridas filhas. É fácil imaginar com que orgulho ela visitava, mais tarde, Mrs. Bingley, e conversava com Mrs. Darcy. Eu desejaria poder acrescentar, para bem da família, que a realização dos seus mais caros desejos tivera o feliz efeito de torná-la uma mulher sensata, discreta e interessante para o resto da sua vida. No entanto foi bom para o seu marido que assim não acontecesse, pois talvez ele não tivesse apreciado uma felicidade doméstica tão excepcional. Mrs. Bennet continuou invariavelmente nervosa e ocasionalmente tola.

Mr. Bennet sentiu grandemente a falta da sua segunda filha. A sua afeição por ela foi um dos motivos que daí por diante mais o obrigaram a sair de casa. Ele gostava muito de ir a Pemberley, principalmente quando não era esperado. Mr. Bingley e Jane ficaram em Netherfield apenas mais um ano. Tamanha proximidade da sua mãe e dos seus conhecidos de Meryton não era desejável, mesmo levando em conta o gênio fácil de Bingley e o coração afetuoso de Jane. O grande desejo das irmãs de Bingley foi satisfeito: ele comprou uma propriedade nas proximidades do Derbyshire. E em acréscimo a todas as suas outras felicidades, Jane e Elizabeth tiveram a de residir a trinta milhas uma da outra. Kitty passava a maior parte do seu tempo com as duas irmãs mais velhas. E isto foi de grande vantagem para ela. Numa sociedade tão superior à que ela tinha conhecido, fez grandes progressos. Kitty não tinha um gênio tão rebelde quanto Lydia. E longe da influência e do exemplo da irmã, graças a certos cuidados e atenções, ela se tornou menos irritável, menos ignorante e menos insípida. A sua família julgou dever preservá-la de qualquer nova influência da parte de Lydia. E embora Mrs. Wickham frequentemente a

convidasse para vir passar tempos em sua casa, com promessas de bailes e de rapazes, seu pai jamais consentia que ela fosse.

Mary foi a única filha que permaneceu em casa. E como Mrs. Bennet não suportasse a solidão, ela foi de qualquer modo impedida de prosseguir no aperfeiçoamento dos seus talentos. Obrigada a frequentar mais assiduamente a sociedade, continuou no entanto a tirar conclusões morais de cada visita que fazia. E como Mary não se mortificasse mais com as comparações entre a beleza das suas irmãs e a sua própria, seu pai desconfiou que ela aceitava sem muita relutância essa alteração dos seus hábitos.

Quanto a Wickham e Lydia, o casamento pouco os alterou. Wickham se resignou filosoficamente à convicção de que Elizabeth sabia agora de todas as suas ingratidões e mentiras. E, apesar de tudo isto, continuava a alimentar a esperança de que ela um dia pudesse convencer Darcy a fazer a sua fortuna. A carta que Elizabeth recebeu de Lydia por ocasião do seu casamento, lhe revelou que tal esperança era acalentada pela mulher, senão pelo próprio marido. A carta dizia o seguinte:

Minha querida Lizzy: desejo-lhe todas as felicidades possíveis. Se o seu amor por Mr. Darcy é apenas metade do que o que eu sinto pelo meu marido Wickham, você deve ser muito feliz. É um grande consolo saber que você é tão rica. E quando não tiver mais nada a fazer, espero que pensará em nós. Wickham gostaria muito de ter uma situação na Justiça. Não creio que tenhamos bastante dinheiro para viver sem algum auxílio. Qualquer lugar de trezentas ou quatrocentas libras por ano serviria. No entanto não fale sobre isto a Mr. Darcy, se prefere ficar calada. Sua, etc.

Como Elizabeth preferia muito ficar calada, procurou, na sua resposta, pôr um termo a todos os pedidos desta natureza.

No entanto ela lhes enviava tudo o que podia economizar das suas despesas particulares. Sempre lhe parecera evidente que a renda que eles tinham, dirigida por pessoas tão extravagantes nos seus desejos e tão descuidadas do futuro, seria insuficiente para o seu sustento. E quando o casal mudava de residência, Jane ou Elizabeth podiam estar certas de receber um pedido de auxílio, pois havia sempre contas a pagar. Sua maneira de viver, mesmo quando possuíam uma casa, era a mais irregular possível. Estavam continuamente de mudança, de lugar para lugar, em busca de uma situação barata e gastavam sempre mais do que possuíam. A afeição de Wickham por Lydia em breve se transformou em indiferença. A de Lydia resistiu por mais algum tempo. Apesar da sua mocidade e das suas maneiras ela conservou intacta a reputação que o casamento lhe havia assegurado.

Embora Darcy nunca se pudesse resignar com a ideia de receber Wickham em Pemberley, no entanto, graças à interferência de Elizabeth, ele o ajudou na sua carreira. Lydia os visitava, ocasionalmente, quando o seu marido tinha ido a Londres ou a Bath, para se divertir.

Em casa dos Bingley, no entanto, eles se demoravam muito mais tempo, a ponto de esgotar o bom humor de Bingley. Uma vez ele chegou a dizer que ia lançar uma indireta para que eles fossem embora.

Miss Bingley ficou profundamente mortificada com o casamento de Darcy; mas como julgava aconselhável conservar o direito de frequentar Pemberley, sufocou todos os seus ressentimentos. Continuou a gostar de Georgiana, como antes, mostrou-se quase tão atenciosa para com Darcy como antigamente, e pagou com juro todas as cortesias que devia a Elizabeth.

Georgiana foi residir em Pemberley. A afeição das duas novas irmãs correspondeu a todas as expectativas de Darcy, e até mesmo às intenções das duas moças. Georgiana tinha uma grande admiração por Elizabeth. A princípio ouvira com

assombro e um pouco de terror os gracejos e brincadeiras de Elizabeth. O irmão sempre lhe inspirara um respeito que quase sufocava a sua afeição. Começou a saber de coisas que ignorava. Elizabeth lhe explicou que uma esposa pode se permitir liberdades com o marido que um irmão nem sempre poderia tolerar na sua irmã dez anos mais moça do que ele.

Lady Catherine ficou extremamente indignada com o casamento do seu sobrinho. Dando largas à franqueza que a caracterizava, ela enviou uma resposta em termos tão violentos, especialmente contra Elizabeth, à carta de participação do seu sobrinho, que durante algum tempo todas as relações foram cortadas. Mas afinal, Elizabeth conseguiu que o marido perdoasse a ofensa e procurasse uma reconciliação. Depois de alguma resistência, o ressentimento de Lady Catherine cedeu, talvez diante da afeição que tinha pelo seu sobrinho ou da curiosidade de ver como a sua esposa se conduzia; e ela consentiu em ir visitá-los em Pemberley, apesar da ofensa que seus ilustres antepassados tinham recebido, não somente pela presença de uma esposa de tão baixa extração, como pelas visitas dos seus tios de Londres.

Com os Gardiner eles ficaram sempre em termos muito íntimos. Darcy, a exemplo de Elizabeth, tinha a maior afeição por eles. E além disso nunca se esqueceram da gratidão que deviam às pessoas por cujo intermédio eles tinham reatado as suas relações, durante aquele passeio pelo Derbyshire.

Conheça outros títulos da Coleção Saraiva de Bolso

1. *Dom Casmurro*, Machado de Assis
2. *O príncipe*, Nicolau Maquiavel
3. *A arte da guerra*, Sun Tzu
4. *A república*, Platão
5. *Assassinato no Expresso do Oriente*, Agatha Christie
6. *Memórias de um sargento de milícias*, Manuel Antônio de Almeida
7. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis
8. *Discurso do método*, René Descartes
9. *O contrato social*, Jean-Jacques Rousseau
10. *Orgulho e preconceito*, Jane Austen
11. *Cai o pano*, Agatha Christie
12. *Seus trinta melhores contos*, Machado de Assis
13. *A náusea*, Jean-Paul Sartre
14. *Hamlet*, William Shakespeare
15. *O manifesto comunista*, Karl Marx
16. *Morte em Veneza*, Thomas Mann
17. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
18. *Orlando*, Virginia Woolf
19. *Ilíada*, Homero
20. *Odisseia*, Homero
21. *Os sertões*, Euclides da Cunha
22. *Antologia poética*, Fernando Pessoa
23. *A política*, Aristóteles
24. *Poliana*, Eleanor H. Porter
25. *Romeu e Julieta*, William Shakespeare
26. *Iracema*, José de Alencar
27. *Apologia de Sócrates*, Platão
28. *Como vejo o mundo*, Albert Einstein
29. *A consciência de Zeno*, Italo Svevo
30. *A vida como ela é*, Nelson Rodrigues

31. *Madame Bovary*, Gustave Flaubert
32. *O anticristo*, Friedrich Nietzsche
33. *Razão e sentimento*, Jane Austen
34. *Senhora*, José de Alencar
35. *O primeiro homem*, Albert Camus
36. *Kama Sutra*, Mallanaga Vatsyayana
37. *Esaú e Jacó*, Machado de Assis
38. *O profeta*, Khalil Gibran
39. *Dos delitos e das penas*, Cesare Beccaria
40. *Elogio da loucura*, Erasmo de Roterdã